ANEXO I

Glossário

GLOSSÁRIO

Abá guaraní – Homem de guerra

Amoipira – Parentes cruéis

Araribá – Árvore do papa-mel

Avaré – homem distinto, diferente dos outros, gente amiga

Bracuí – Árvore de grande porte

Caeté – Mato denso ou mata virgem

Chiriguanos – Castigados pelo frio

Guairá – Esconderijo ou local de difícil acesso

Guairacá – Lobo dos campos e das águas

Guarani – Guerreiro

Itamaracá – Pedra que canta

Itariri – Pedras miúdas ou Pedras que Rolam

Jacy – Lua

Juruá – Boca com cabelo ou homem branco ou não indígena

Kaingang – Gente do mato ou donos da mata

Kaiowá – Os que pertencem à floresta alta ou densa

Kuarahy– Divindade solar

Mbaraká – Violão

Mbyá – Muita gente num só lugar ou gente de fora

Mundéu – armadilha de caça

Ñandeva – Nós ou todos nós

Nhandereko – Costumes

Nhanderu ou Nhamandú – Criador de tudo “Deus”

Nhanderuvuçú – Palavra sinônimo de “Deus” e a primeira alma humana na terra

Nimuendajú – Fazer moradia

Opy – Casa de Reza

Pindorama – Região das palmeiras

Ravé – Rabeca

Sapukai – Grito

Tabajara – Senhor da aldeia ou inimigo

Takuá(pu) – Tubo de ritmo ou bastão de ritmo

Tekoá – Aldeia

Tekoha – Aldeia guarani ou espaço de pertencimento

Tupinambá – Todos da família dos tupis

Xamõi - Ancião

Yvy Mara Ey – Terra sem mal

ANEXO II

Processo de Tombamento da Aldeia Sapukai

128/91
148/91

298a. SESSÃO PLENÁRIA
DATA: 12.11.91
PARECER: CONSELHEIRO MARCELLO DE IPANEMA (FLS. 183 e 184

VOTO: UNÂNIME

FUNDIÁRIOS E ASSENTAMENTOS HUMANOS

N.º DO PROCESSO
E-28/ 000.486/91

DATA DO INÍCIO
20.02.91

GC - CCA - DPR
INFORMATIZADO

NOME

RESERVA DOS GUARANYS

ASSUNTO

TOMBAMENTO DA RESERVA INDÍGENA DOS GUARANYS.
Bracuí - Angra dos Reis

ANEXOS

SEC

SECRETARIA DE ESTADO DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS E ASSENTAMENTOS HUMANOS

PROTOCOLO

Proc. n.º E-28/ 000 496 / 91

Data: 20/3/91 Fls. 02

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

SECRETARIA DE ESTADO DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS E ASSENTAMENTOS HUMANOS

OFÍCIO Nº 031/GAB/SEAF Em, 19 de fevereiro de 1991.

Cara amiga Dina Lerner,

Conforme nossas conversas telefônicas, estou te encaminhando este ofício, no sentido de formalizar nosso pedido de tombamento da Reserva Índigena dos Guaranys em Bracuhy, município de Angra dos Reis .

Acreditamos que tal tombamento virá a coroar o processo de Regularização fundiária e de demarcação do perímetro que realizamos na Reserva.

Sabemos também que por estar incluida na área da Serra do Mar, recem tombada por este Instituto, talvez dispensasse esse novo e específico tombamento de Reserva. Entretanto ousamos sugerir que existem aspectos culturais, antropológicos étnicos e sociais presentes na aldeia guarany de Bracuy, que precisam ser destacados e também preservados.

Mais uma vez aprendemos lições com nossa prática, ou seja nos esforços de respondermos as solicitações que aparecem diante de nós, nos deparamos com um caso onde os aspectos fundiários, ambientais e culturais de uma comunidade se entrelaçam de tal sorte que só um instrumento como o tombamento ora sugerido, pode de fato sintetizar a ação do estado demonstrando o respeito e a reverência de toda a sociedade que tal caso merece.

Ilma. Senhora
Dra. DINA LERNER
M.D. Diretora do INEPAC

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
Processo N.º E-28/000 496/91
Data 20/2/91 fls. 02
Rúbrica

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
SECRETARIA DE ESTADO DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS E ASSENTAMENTOS HUMANOS

Obrigado e com grande abraço carinhoso desse seu admirador.

VICENTE DE PAULA LOUREIRO
Secretário de Estado de Assuntos
Fundiários e Assentamentos Humanos

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 87/91
entrada ☒ saída ☐ em 20/02/1991

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Processo N.º ___/___/___

Data ___/___/___ fls. 04

Rubrica _____

Exma. Sra. Secretária de Estado de Cultura,

A Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos nos honrou com o encaminhamento do pedido de tombamento da Reserva Indígena dos Guarani, localizada no Sertão do Bracuí, no município de Angra dos Reis.

Trata-se de 700 ha de terra, onde os remanescentes da única nação indígena do Estado do Rio de Janeiro dão continuidade ao "modo de ser" Guarani. Atualmente são 60 famílias que vivem do cultivo de mandioca e milho, de frutas e da caça de pequenos animais. A produção do seu artesanato, tão característico, é vendida à beira da estrada Rio-Santos, contribuindo com recursos para compra de ferramentas de trabalho, querosene e roupas.

A demarcação dos 700 ha da aldeia Bracuí foi concluída através de um convênio do Estado com a FUNAI, quando mais uma vez acompanhamos a dignidade do trabalho desenvolvido pela Secretaria de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos que conseguiu garantir a desapropriação e a posse das terras para os Guarani.

Repetindo as palavras do Exmo. Sr. Secretário de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos, é "um caso onde os aspectos fundiários, ambientais e culturais de uma comunidade se entrelaçam" e onde, temos certeza, o tombamento significará o coroamento do reconhecimento oficial da singularidade da cultura Guarani e a sua importância como parte de nossa história e identidade cultural.

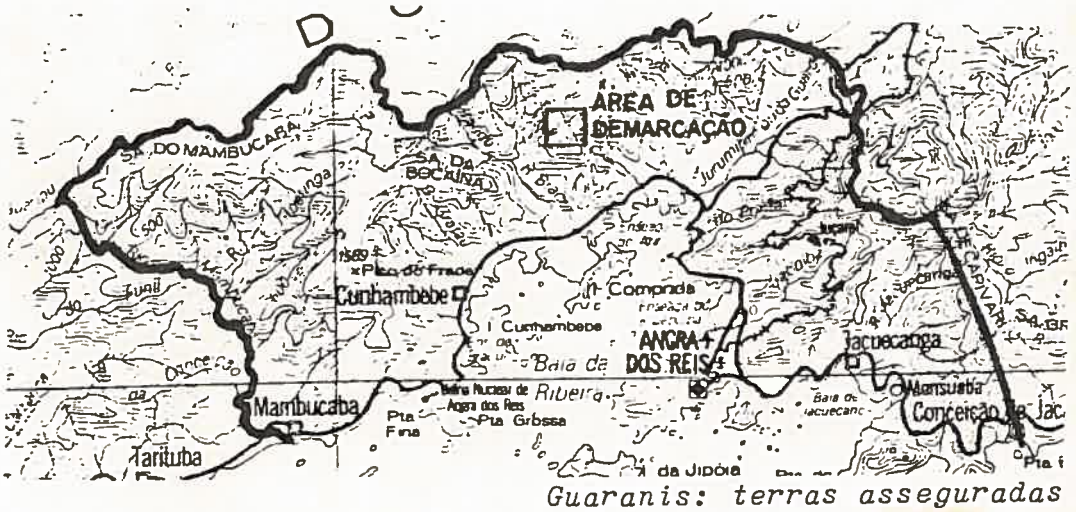
Para os Guarani, a escolha de um lugar-Tekoa - para viverem conforme seus costumes - ñandereko, segue uma orientação divina. Um tekoa mbyá deve se constituir numa mata, com terra boa para o plantio e longe de conflitos; mas, acima de tudo, um tekoa é o lugar onde moram, onde têm família, onde enterram seus mortos, onde rezam e dão continuidade à realização

fls. 06
251

PROPOSTA DE TOMBAMENTO DA ÁREA INDÍGENA GUARANI-BRACUÍ,

ANGRA DOS REIS - RJ

BRACUÍ



Guaranis: terras asseguradas

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Processo N.º ___/_____/___

Data ___/___/___ fls. 05

Rubrica _____

de suas regras sociais.

O tombamento em questão vem complementar o trabalho de regularização de suas terras e reforça a determinação do Estado de evitar que os Guarani de Bracuí sejam vítimas das violências que vêm dizimando as comunidades indígenas em nosso país, bem como, vem prestar um tributo à essa nação.

Nesse sentido, solicitamos a V. Exa. , encaminhar ao Exmo. Sr. Governador do Estado, para ciência prévia, nos termos do inciso I do artigo 5º do Decreto nº 5.808 de 13 de julho de 1982, com vistas ao tombamento provisório a Área Indígena Guarani - Bracuí - Angra dos Reis, cuja delimitação geográfica encontra-se descrita na documentação anexa.

Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1991

DINA LERNER
Diretora-Geral

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Denominação e Localização: ÁREA INDÍGENA GUARANI - BRACUÍ, Município de Angra dos Reis - RJ

Delimitação Geográfica: Área aproximada de 700 ha., localizada no Parque Nacional da Bocaina, a 1.300 m de altitude, no sentido sudeste da nascente do Rio Bracuí.

NORTE: Partindo do Ponto "1" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 53' 05,2"S e 44º24'09,2" W, situado no cruzamento da curva de nível de cota 300 com o Córrego sem denominação afluente da margem esquerda do Córrego Fundo; daí, a montante pelo citado córrego até sua cabeceira, no Ponto "2" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 52'56,9"S e 44º 23' 14,1" W; daí, segue por uma linha reta até o Ponto "3" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 52' 45,4" S e 44º 22' 40,8" W, situado em uma das cabeceiras do Rio Florestão.

LESTE: Do ponto antes descrito, segue a jusante pelo citado rio até o Ponto "4" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 53' 20,0" S e 44º 22' 31,1" W, situado no cruzamento da curva de nível de cota 300; daí, segue pela citada curva de nível até o Ponto "5" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 54' 06,6" S e 44º 22' 29,9" W; daí, segue por uma linha reta até o Ponto "6" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 54' 09,9" S e 44º 22' 28,1" W, situado na cabeceira do Córrego Embú; daí segue a jusante pelo citado córrego até uma corredeira (cachoeira), no Ponto "7" de coordenadas geográficas estimadas 22º 54' 31,1" S e 44º 22' 45,6" W.

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

SUL: Do ponto antes descrito, segue por uma linha reta na direção noroeste até o Ponto "8" de coordenadas geográficas estimadas 22º 54' 28,0" S e 44º 23' 20,7" W, situado em uma corredeira (cachoeira) no Córrego sem denominação.

OESTE: Do ponto antes descrito, segue a montante pelo citado córrego até o cruzamento com a curva de nível de cota 300, no Ponto "9" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 54' 08,5" S e 44º 23' 22,5" W; daí, segue na direção oeste pela citada curva de nível até o Ponto "1", inicial do presente descritivo.

HISTÓRICO

OS ÍNDIOS GUARANI

Até o início do século passado os Guarani ocupavam grandes extensões dos estados meridionais do Brasil e territórios limítrofes do Uruguai, Argentina e Paraguai.

As condições espoliadoras que caracterizam a sociedade nacional, singularizada na figura do posseiro que se aloja em terras pertencentes aos Guarani, e o antigo mito tribal da procura da "Terra sem Mal", uma espécie de paraíso terrestre, foram responsáveis pelos deslocamentos e migrações sucessivas durante todo o século passado e meados deste, quando os Guarani espalharam-se pelos atuais estados do

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Atualmente, os Guarani ainda ocupam áreas na Argentina, Paraguai e Bolívia. Em território brasileiro são em número de aproximadamente quatro mil e no Rio de Janeiro formam as aldeias de Bracuí (ou Itatinga) e Araponga.

De acordo com Egon Schaden, os Guarani que se encontram no Brasil dividem-se em três sub-grupos , marcados através de pequenas variações lingüísticas e culturais: os Ñandiva, os Mbyá e os Kaiowá. Para caracterização dos índios de Bracuí seguimos o "Laudo Antropológico do Museu do Índio / FUNAI (1990): "embora relatórios anteriores tenham afirmado que os Guarani de Bracuí pertençam ao grupo Ñandeva, atestamos sua pertinência ao sub-grupo Mbyá, dado seu perfil lingüístico e cultural" (p.1).

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Ainda conforme o Laudo, os Mbyá tinham como habitats originais a Argentina e o Paraguai. Deste último, partiram para o Estado do Paraná, onde formaram vários aldeamentos e, mais tarde, viriam constituir a maioria da população dos aldeamentos de São Paulo e Rio de Janeiro, incluindo Bracuí.

A ALDEIA DE BRACUÍ

A aldeia de Bracuí, segundo informações de 1972, localiza-se no Parque Nacional da Bocaina, a 1.300 m de altitude, no sentido sudeste da nascente do Rio Bracuí. Foi formada, inicialmente, pela família do cacique Argemiro, que aí se estabeleceu em fins da década de 50, vindos de Palmeirinha, no Paraná, de onde foram expulsos por posseiros que se alojaram em suas terras. Juntaram-se à família do cacique Argemiro outras famílias, oriundas de São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Atualmente, vivem na área 60 famílias, dispostas em 30 casas, totalizando aproximadamente 360 pessoas.

A principal fonte de recursos, necessários para a compra de ferramentas de trabalho, querosene e roupas, é a venda de artesanato à beira da estrada Rio-Santos.

A alimentação na aldeia constitui-se basicamente de mandioca, milho e frutas, que cultivam na área. Praticam a caça de forma seletiva, ou seja, resguardando alguns animais, sendo o gambá e o tatu os mais frequentes na dieta. Não praticam a pesca. A principal preocupação dos índios é com relação à garantia de poderem continuar vivendo em suas terras, condição sine qua non para continuarem lutando pela sua sobrevivência e sua cultura.

Na área há uma enfermaria mantida pela FUNAI, que é responsável pelos primeiros socorros e encaminha os casos mais graves para o Posto de Saúde de Angra dos Reis.

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

A ORGANIZAÇÃO SOCIAL GUARANI E A TERRA

Os Guarani seguem uma série de normas de conduta que regem seu relacionamento com a natureza, os espíritos, os membros do grupo e os não índios. Esse "acervo cultural" que forma esse "modo de ser" tem o nome de ñandereko. Os xamãs são os sábios que, capazes de estabelecer contato com os espíritos, orientam a conduta do grupo, assegurando a continuidade da cultura de seus antepassados.

As relações com o divino permeiam toda a vida Guarani. A própria escolha de um lugar - tekoa - para viverem conforme seus costumes (ñandereko), segue uma orientação religiosa. Um tekoa mbyá deve se constituir numa mata, com terra boa para o plantio e longe de conflitos; mas, acima de tudo, um tekoa é o lugar onde moram, onde têm família, onde enterram seus mortos, onde rezam e dão continuidade à realização de suas regras sociais. Vivem ali em obediência a uma mensagem divina. Esse "modo de ver a terra" aparece claramente descrito no "Laudo do Museu do Índio/FUNAI":

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

"Quando os Mbyá referem-se à Serra do Mar (incluindo a área Bracuí) como terra boa (tekoa porã), querem dizer que nessas áreas, potencialmente, é possível viver reproduzindo seu modo de vida tradicional "em termos do uso da terra e de sua relação com seus parentes" (Ladeira & Azanha 1988:24).

A terra é para os Guarani, uma produção divina capaz de abrigar todos os seres: animais, plantas e homens Guarani e não Guarani. Assim sendo, aos Guarani cabe um espaço diferenciado daquele destinado aos juruá("brancos"). O espaço Guarani deve ser abundante de recursos necessários ao seu modo de ser. No seu entendimento, áreas desmatadas ou com distintas características ecológicas (campos, cerrados,etc.) são divinamente atribuídos a outras sociedades. Assim sendo, os Guarani reconhecem o direito divino de uso e ocupação da terra por outros grupos, inclusive pelos regionais, embora não aprovem seus métodos de utilização do solo. Em seu ponto de vista, não é lícito disputar territórios, já que não reconhecem a propriedade de uma pessoa sobre a terra, dádiva divina. "(...) esperam, em contrapartida o reconhecimento também de seu direito (...)" (p. 12-13).

A PRESERVAÇÃO DO TEKOA EM BRACUÍ

Manter o tekoa do Sertão de Bracuí é hoje a principal preocupação dos Guarani. A construção de polos turísticos e os loteamentos em Angra dos Reis aos poucos atingem a serra e a mata. Avançam as fazendas e a grilagem.

Em fevereiro deste ano o Governo do Estado do Rio de Janei-

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

ro, através de convênio entre a Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários e Assentamentos e a FUNAI, desapropriou a área e demarcou os 700 hectares que formam a aldeia Bracuí. Espera-se, com isso, garantir a permanência dos Guarani nas terras que ocupam há mais de vinte anos. O tombamento da aldeia Bracuí viria a reforçar a ação da SEAF, acrescentando à questão fundiária a dimensão cultural.

Como vimos, o tekoa constitui o espaço físico, que além de servir à subsistência do grupo, possibilita a materialização do "modo de ser" Guarani. Os índios de Bracuí vêm mantendo seus traços culturais fundamentais e seu idioma; vivem agrupados em famílias extensas e nucleares, conforme o modelo estrutural de seus antepassados. A "casa de reza" (opy) cumpre significativamente seu papel na organização espiritual do grupo.

Garantir o espaço físico dos Guarani, portanto, vai além da manutenção de uma terra que poderia estar em qualquer lugar, pois conforme o "Laudo do Museu do Índio/FUNAI", o motivo da saída de grupos Mbyá, de uma área para outra "nem sempre é de ordem cosmológica. No entanto, a escolha de uma nova área para fixação do grupo sempre o é." A decisão de tombar esses 700 ha. de terra representa o reconhecimento da diferenciação cultural que singulariza os Guarani - Mbyá de Bracuí e da sua "escolha divina" de um lugar, contribuindo para evitar novas violências contra aqueles que guardam uma parte fundamental da nossa história e identidade.

(Pesquisa realizada por Eucanaã Ferraz. Fonte: Documentação anexa enviada pela SEAF).

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

A N E X O S

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

ANEXOS / SEAF

- Laudo Antropológico: Área Indígena Itatinga (Bracuí), Angra dos Reis/RJ; Museu do Índio, RJ, 1990

- Cópia do Auto de Imissão de Posse

- Cópia do Termo de Convênio entre a FUNAI e o Governo do Estado do Rio de Janeiro, tendo em vista a regularização fundiária da área indígena Guarani Bracuí/RJ, em favor da comunidade Guarani

- Cópia do Laudo de Avaliação nº 062/87, da Procuradoria do Patrimônio Imobiliário da Procuradoria Geral do Estado

- Recortes de jornais sobre a ação do Governo do Estado na Área Guarani - Bracuí.

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

LAUDO ANTROPOLÓGICO

ÁREA INDÍGENA ITATINGA (BRACUÍ)

ANGRA DOS REIS / RJ

Rio de Janeiro, agosto de 1990

Arilza Nazareth de Almeida
Antropóloga

Sheila Maria Guimarães de Sá
Pesquisadora

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

S U M Á R I O

. INTRODUÇÃO

. HISTÓRICO

. SITUAÇÃO ATUAL

. ORGANIZAÇÃO SOCIAL GUARANI
  a) Importância e configuração de um tekoa
  b) O relacionamento entre o tekoa do litoral do Rio de Janeiro e São Paulo e a formação do tekoa de Bracuí

. CONCLUSÃO
  I) A área indígena em questão, não é habitat imemorial
  II) Os Guarani de Bracuí se auto-identificam e são identificados como índios

. BIBLIOGRAFIA

. ANEXO I - Depoimentos

. ANEXO II - Memo nº061/Coord. GT/85/BSB - 25 nov.1985

. ANEXO III - "Índios na Rio-Santos". O Globo, 01.10.1972

. ANEXO IV - Leão, Maria Auxiliadora de Sá. Relatório de viagem à área de Bracuí no Estado do Rio de Janeiro. Brasília, FUNAI, 1982. (dat.)

. ANEXO V - Registro fotográfico da Aldeia Indígena Guarani de Bracuí/Angra dos Reis/RJ. Setor de Antropologia Visual/Museu do Índio.

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels. 286-0845, 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

INTRODUÇÃO

Os Guarani somam aproximadamente quatro mil indivíduos em território brasileiro; ocupam o litoral do Espírito Santo (aldeia de Boa Esperança), Rio de Janeiro (aldeias de Itatinga ou Bracuí e Araponga), São Paulo (nove aldeias no litoral e um Posto Indígena no interior), Paraná (sete Postos Indígenas no interior e uma aldeia no litoral), Mato Grosso do Sul, Santa Catarina (três aldeias), além de áreas na Argentina, Paraguai e Bolívia.

Os Guarani se autodenominam Ñandeva (todos nós) e o termo Guarani é utilizado pelos não índios para se referir a este grupo como um todo, independentemente de seus subgrupos. No Brasil, os Guarani se dividem em três subgrupos, que apresentam pequenas variações lingüísticas e culturais: os Mbyá (SP,PR,SC,RS e RJ), os Kaiowá (MS), os Ñandeva (MS,PR e SP) e uma pequena parcela Xiripá que vive no Ocoí, localidade próxima à Foz do Iguaçú (PR), fronteira com o Paraguai, de onde veio.

A distinção dos Guarani em subgrupos é elaborada a partir de traços lingüísticos e culturais e que se aplicam, para nós, como instrumentos para uma melhor percepção dos Guarani. Assim, a autodenominação e concepçaõ do mundo de cada um destes grupos realiza-se diferentemente. Por exemplo: quase todos os grupos se autodenominam Ñandeva (que significa todos nós) e que corresponde à classificação lingüística. Mbyá significa "gente de fora" e nenhum grupo utiliza esta identificação. Assim, embora relatórios anteriores tenham afirmado que os Guarani de Bracuí pertençam ao subgrupo Ñandeva, atestamos sua pertinência ao subgrupo Mbyá, dado seu perfil lingüístico e cultural.

Rua das Palmeiras, 55 · Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels. 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7715

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

HISTÓRICO

Desde o início do século passado, a partir de seu habitat original no baixo rio Iguatemi no Paraná, os Ñandeva (chamados Tañyguá Oguauíva e Apapocuva) começaram a migrar para o leste.

Segundo Curt Nimuendajú, o processo migratório desse grupo tem início na primeira década do século XIX, sendo que, por volta de 1820, atingem a cabeceira do rio do Peixe, afluente do rio Itariri, São Paulo. "Em agosto de 1835, uma expedição militar consegue contactar e 'capturar" trinta e três Tañyguá [como eram conhecidos] no rio do Peixe, que, por ordem do juíz de orfãos de Juquiá, foram 'distribuidos' entre os habitantes do município do Iguape. Todos fugiram para as matas ou foram devolvidos por seus 'possuidores' apenas alguns meses depois." (Ladeira, 1988:13)

"Desistindo da política de 'distribuição', o governo da província [de São Paulo] , por demanda do juíz de Juquiá, concede-lhes em 1837 uma gleba de terras entre o rio do Peixe e o Itariri. Esse aldeamento teria suas terras demarcadas em 1845 e a partir dessa data seria regido conforme o expresso no Regulamento Imperial de 1845." (Ladeira, 1988:13)

Segundo Ladeira, "em 1860 algumas famílias [Oguauíva] fundam, no litoral, o aldeamento do Bananal, nas cabeceiras do rio Preto. E em 1927, o SPI - Serviço de Proteção aos Índios, adquire duzentos alqueires de terras nas vizinhanças deste aldeamento, com o fim de garantir terras para os Guarani do litoral sul e com isso fixá-los (atual Posto Indígena de Peruíbe, no município do mesmo nome)." (Ladeira, 1988:14)

Por volta de 1870 os Apapocuva deram início à

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

sua marcha para o leste, encontrando-se em 1892 já na parte setentrional do território do rio Verde, estabelecendo-se nas vizinhanças dos Oguauíva.

Conforme Ladeira, "nesse mesmo ano [1892] foram forçados a abandonar o aldeamento, indo para os sertões de Bauru, onde se estabeleceram na região do rio Feio. Em 1902, em função de ataques Kaingang, abandonaram essa região, fundando uma nova aldeia na foz do rio Avari, afluente do médio Batalha. Com o avanço da Estrada de Ferro Noroeste, são obrigados, novamente a migrar. Em 1911 o antigo Serviço de Proteção aos Índios, por insistência de Nimuendajú, criou a Povoação Indígena de Araribá (atualmente município de Avaí - SP), que passou a abrigar os remanescentes Apapocuva que viviam na região." (Ladeira, 1988:15)

Grande parte desses subgrupos Ñandeva, oriundos de São Paulo, Paraná e do Mato Grosso, veio para o litoral, num movimento migratório que se prolongou durante décadas a partir de 1912, fixando-se ao longo da Serra do Mar.

Segundo F. Goldman, no início dos anos 50 podemos listar os seguintes aldeamentos: Cabeceira do Rio Azeite, com oito famílias; Rio Ganhambie, cinco famílias; Itinga, seis famílias; cabeceira do Rio Branco, "mais populosa"; Bananal do rio Preto, onze famílias; e vários outros agrupamentos familiares ao longo das "numerosas paradas da linha Estrada de Ferro Santos-Juquiá, bem como nas fazendas espalhadas pelo litoral sul." (Goldman, 1959:365)

Num continuum migratório, o subgrupo Mbyá reconhecido na literatura etnográfica como descendentes dos grupos Guarani que não se submeteram aos "encomenderos"espanhóis e nem às missões jesuíticas, refugiou-se nos montes e nas matas sub-tropicais da região do Guairá paraguaio e dos Sete Povos (Cadogan, 1978), a partir das décadas de 50 e 60. Esse

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

subgrupo reforça com sua presença os núcleos Ñandeva do litoral, constituindo-se assim no grupo populacional Guarani dominante no litoral. Autodenominando-se Guarani, diferenciam-se dos moradores mais antigos, chamando-os de Tupi-Guarani ou Xiripá. Os Kaiowá (outro subgrupo Guarani)constituem-se no grupo de maior população no Brasil. Sua presença no litoral paulista, no entanto, é inferior aos demais grupos citados.

Conhecidos como "habitantes da mata"(Cadogan, 1952), os Mbyá têm, ao norte, a porção do Paraguai Oriental entre os rios Yguazú e Monday; ao sul, o alto Paraná no território paraguaio, seu habitat original, sendo que lá ainda permanece a maior parte de sua população. No entanto, de forma mais intensa penetraram em território argentino no seu extremo norte, através da província de Misiones, e brasileiro através dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, ao longo do século XIX, sempre avançando para o leste.

Do conjunto de mitos e lendas recolhidas do Mbyá por Léon Cadogan consta a referência a grandes líderes religiosos (ñanderu) que encabeçaram migrações para o Brasil. Os Mbyá crêem que "em tempos remotos" seus antepassados, liderados por um ñanderu,atravessaram a "grande água" para além da qual se encontra o paraíso (Yvỹ Mara eỹ : Terra Sem Mal).

Esses líderes religiosos atravessaram a pé o mar e chegaram ao paraíso e são, pelo feito que realizaram conduzindo seu povo, reconhecidos como "heróis divinizados".

Segundo Ladeira "a travessia do rio Paraná por bandos Mbyá que atingiram os territórios argentino e brasileiro, parece ter se dado na mesma época. Ambrosetti assinala a presença dos Cainguá (Mbyá) no território argentino de Misiones na segunda metade do século passado (1895). Contudo, são escassas as notícias sobre os Mbyá em território brasileiro. Pelas informações disponíveis, é possível traçar duas rotas de penetração dos Mbyá em território brasileiro -

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

que correspondem a subgrupos Mbyá diversamente distribuídos em seus habitats originais: uma que, da Argentina, adentra o território brasileiro pelo Rio Grande do Sul (e que, mais tarde, deslocando-se para o norte, formará os aldeamentos de Rio Branco (SP); e outra, que do Paraguai atinge o estado do Paraná, onde formará vários aldeamentos (Palmeirinha, Rio das Cobras, etc.) e que, mais tarde, será responsável pelo grosso da população Mbyá dos aldeamentos de São Paulo e Rio de Janeiro." (Ladeira, 1988:16).

MAPA HISTÓRICO DAS MIGRAÇÕES GUARANI PARA O LITORAL E LOCALIZAÇÃO DAS ALDEIAS ATUAIS

C T I · CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA

·1986·

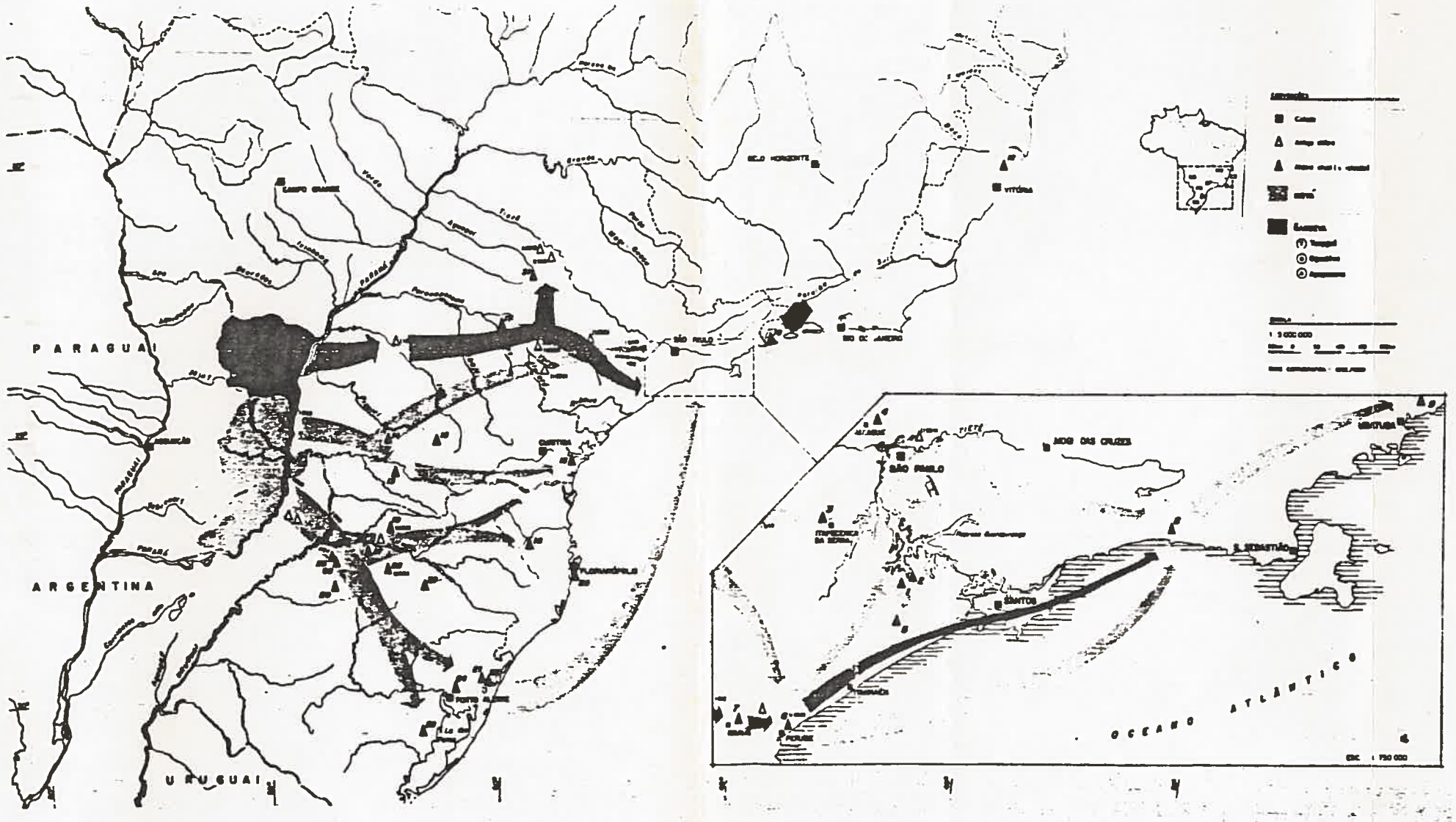
(1986)

ALDEIAS GUARANI MBYA E ÑANDEVA (LITORAL) NO BRASIL ·

Nº MAPA	ALDEIA	MUNICÍPIO	UF
1	BARRAGEM (Morro da Saudade)	São Paulo	SP
2	CRUCUTU	São Paulo	SP
3	MBOI MIRIM	São Paulo	SP
4	JARAGUÁ	São Paulo	SP
5	RIO BRANCO	Itanhaem	SP
6	BANANAL (Pl. Peruibe)	Peruibe	SP
7	ITARIRI	Itariri	SP
8	RIO SILVEIRA	São Sebastião	SP
9	BOA VISTA	Ubatuba	SP
12	BOA ESPERANÇA	Aracruz	ES
13	PALMEIRINHA (Pl. Manguerinho)	Manguerinho	PR
14	RIO DAS COBRAS (Pl. Rio das Cobras)	Laranjeiras do Sul	PR
15	RIO DA AREIA	Guarapuava	PR
16	PARANAGUÁ	Paranaguá	PR
17	LARANJINHA (Pl. Santa Amélia)	Santa Amélia	PR
18	IBIRAMA (Pl. Ibirama)	Ibirama	SC
19	CHAPECÓ (Pl. Chapecó)	Xanxerê	SC
20	MORRO DO CAVALO	Florianópolis	SC
21	BARRA DO OURO	Osório	RS
22	TRES FORQUILHAS	Osório	RS
23	PACHECA	Camaquã	RS
24	CANTAGALO	Viamão	RS
25	GAMELINHAS (Pl. Guarita)	Ten. Portela	RS
26	GRAMADO (Pl. Guarita)	Ten. Portela	RS
27	NONOAI (Pl. Nonoai)	Nonoai	RS
28	VOTOURO (Pl. Votouro)	São Valentim	RS
29	INHACORÁ (Pl. Inhacorá)	Santo Augusto	RS
30	CACIQUE DOBLE	Cacique Doble	RS
31	ARARIBÁ (Pl. Araribá)	Avaí	SP

LADEIRA, M. INÊS & AZANHA, Gilberto. Os Índios da Serra do Mar. SP, Nova Stella Editorial, CTI, 1988.

fls. 25



LADEIRA, M. INÊS & AZANHA, Gilberto. Os Índios da Serra do Mar. SP, Nova Stella Editorial, CTI, 1988.

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Situação Atual

Podemos datar a presença Guarani na referida área em aproximadamente vinte anos, sendo que o relato de agricultores vizinhos à área comprovam que esta presença é anterior aos trabalhos de abertura da estrada Rio-Santos.

Lá se instalou primeiramente a família do cacique Argemiro (aproximadamente 20 pessoas) sendo que posteriormente esse contingente foi sendo acrescido pela chegada de outras famílias Guarani, oriundas de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, que ocuparam a área até os dias de hoje.

Encontram-se atualmente na área 60 famílias, dispostas em 30 casas, totalizando aproximadamente 360 pessoas, sendo expressivo o número de crianças com menos de 12 anos.

A fonte principal de recursos na área, que possibilita a aquisição de bens materiais indispensáveis (roupas, instrumentos de trabalho, querosene, pilhas, etc.) é obtida através da venda de artesanato na beira da estrada Rio-Santos, e da venda esporádica da força de trabalho nas propriedades rurais da região.

É o turista que circula entre Angra e Parati que se constitui no cliente preferencial dos Guarani para a venda de artesanato, cuja matéria prima (taquara e cipó) são coletados na própria área.

Alimentam-se basicamente de mandioca, milho, e de frutas (manga, banana, abacate, abacaxi, tangerina, goiaba, etc.) que cultivam na área, sendo o arroz, feijão e demais alimentos adquiridos nas vendas próximas. A caça é praticada de forma seletiva, ou seja, resguardando determinados animais. O gambá e o tatu são os mais frequentes na dieta. O peixe faz

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

parte da dieta alimentar mas de forma escassa, na medida em que os Guarani de Bracuí não pescam, mas o compram nas vendas. A criação de galinha é realizada em pequena escala somente por algumas famílias.

Na área existe uma enfermaria (mantida pela FUNAI) que ministra os primeiros socorros e encaminha os casos mais graves para o Posto de Saúde de Angra dos Reis. Os casos mais graves são subnutrição infantil na faixa etária entre 2 e 5 anos e tuberculose em adultos.

A "casa de reza" (opy) está em local destacado e cumpre significativamente seu papel na organização espiritual dos Guarani.

Segundo o cacique João da Silva (77 anos)"a terra é boa e é bom ver as crianças aí soltas, brincando". Desde a chegada do atual contingente vindo da ilha da Cotinga, Paranaguá, Paraná, sob a liderança do cacique João, mais famílias chegaram e nasceram 15 crianças, sendo que nenhuma delas foi registrada no cartório de Registro Civil de Angra dos Reis.

Hoje podemos constatar a abertura de novas áreas para plantio que segundo o cacique, serão ampliadas quando a terra estiver totalmente assegurada.

O cacique João fez um paralelo entre a época da chegada, realizada com sacrifício e com muita fome, pois a comida era escassa, e a situação atual, já com relativas condições de vida e plantio.

Afirma com relação aos deslocamentos que "naquele tempo dos antigos, nós, o índio não ocupava ônibus. Assim, ele vai pra onde quer, caminha de a pé. Mas agora, hoje em dia, não é fácil. Aí então, fiquei pensando cá, falei pra nosso Delegado [da FUNAI]. Eu vou passar pra lá no Bracuí.

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro-RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Lá estado do Rio de Janeiro, eu gostei lugar pra lá, já que o parente faleceu (...) eu vou pra lá, eu vou cuidar o terreno lá e pronto (...) Aí eu arrumei dois ônibus desde lá, o Paranaguá pra trazer o pessoal pra cá. É longe, né." (entrevista com o cacique João da Silva, em julho de 1990).

Pudemos constatar a existência de árvores frutíferas plantadas, segundo o cacique João da Silva, pelos parentes que lá moravam antes dele (plantios realizados desde a época da permanência da família de Argemiro e posteriormente de seu filho, Aparício), e que hoje são fontes de alimentos para a comunidade (mangueira, goiabeira)

A preocupação maior da comunidade, e em especial do cacique João, é com relação à demarcação da área, que se encontra paralizada. Desde a visita realizada pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro Wellington Moreira Franco (em fins de 1989), os Guarani aguardam a documentação que lhes garanta definitivamente a posse da área em questão.

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Organização Social Guarani

a) Importância e Configuração de um tekoa

Os Guarani seguem uma série de normas e regras de conduta que direcionam seu relacionamento com a natureza, com os espíritos, os membros de seu grupo e os não índios. Esse eixo estruturador das relações sociais e cosmológicas Guarani é denominado ñandereko que pode ser traduzido como "nosso modo de ser". (Meliá, 1981).

A reprodução do ñandereko Guarani é condição sine qua non para que os indivíduos possam ouvir " as belas palavras " (ñe'eng porã) "... sagradas e verdadeiras que só os profetas - ñanderu - sabem proferir e ouvir " (Clastres, 1978).

Os grandes xamãs-profetas (ñanderu) estabelecem contato com os espíritos que lhes orientam no sentido de transmitir ao grupo as regras cujo cumprimento é necessário para que atinjam a Terra Sem Mal (paraíso mítico Guarani). Toda conduta Guarani é assim, reflexo de uma relação divina e orientada no sentido de transcender a realidade social. A figura do xamã é portanto, fundamental aos Guarani, sendo na verdade o guardião do ñandereko.

É essa relação divina que permeia toda a vida Guarani. "O conjunto das ñe'eng porã é o ayvu porã, a "bela linguagem" que define para os Mbyá as normas de ação e que, expressas nas orações e cantos, são repetidas de geração a geração." (Ladeira & Azanha, 1988).

"A escolha do lugar (tekoa) onde possam viver 'conforme nossos costumes' (ñandereko) parece hoje constituir-se na motivação básica das 'andanças' (oguatá) Mbyá.

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Seus líderes religiosos (ñanderu) determinam a escolha de um lugar ouvindo 'as belas palavras' por determinação divina." (Ladeira & Azanha, 1988:23).

Conforme Rubem T. de Almeida (1986:10-11)há condições necessárias para a fixação de um tekoa Mbyá, é preciso que "... seja mato, que possam plantar, que seja distante do branco, que não haja conflitos (...) o tekoa (...) não é apenas a terra (a ele) estão associadas a casa e as relações com os parentes; é onde enterram os mortos e onde rezam; onde radica a possibilidade de exercer o direito divino de fazer suas roças."

Assim como para outras sociedades indígenas, a fixação em um território, pra os Guarani, não é aleatória e corresponde à obediência de uma mensagem divina e mais ainda, à possibilidade de realização de suas regras sociais.

Quando os Mbyá referem-se à Serra do Mar (incluindo a área Bracuí) como terra boa (tekoa porã), querem dizer que nessas áreas, potencialmente, é possível viver reproduzindo seu modo de vida tradicional "em termos do uso da terra e de sua relação com seus parentes" (Ladeira & Azanha, 1988:24).

A terra é para os Guarani, uma produção divina capaz de abrigar todos os seres: animais, plantas e homens Guarani e não Guarani. Assim sendo, aos Guarani cabe um espaço, diferenciado daquele destinado aos juruá ("brancos"). O espaço Guarani deve ser abundante de recursos necessários ao seu modo de ser. No seu entendimento, áreas desmatadas ou com distintas características ecológicas (campos, cerrados, etc.) são divinamente atribuídos à outras sociedades. Assim sendo, os Guarani reconhecem o direito divino de uso e ocupação da terra por outros grupos, inclusive pelos regionais, embora não aprovem seus métodos de utilização do solo. Em seu ponto de vista, não é lícito disputar territórios já que não

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

reconhecem a propriedade de uma pessoa sobre a terra, dádiva divina.

Segundo Ladeira "esperam em contrapartida o reconhecimento também de seu direito, que pensam ser com ou sem 'razão' histórica - anterior e primeiro (ñanderu deixou estes lugares com nome nosso e é assim que os juruá chamam - como diz José Bonifácio, morador da Aldeia Boa Vista). Mas nem por isso os Mbyá vão reivindicar o Vale do Anhangabaú. Não é qualquer 'lugar' aquele visado pelos Mbyá; este, vimos, tem que ter mato (quer dizer, deve ter caça e/ou pesca),que se possa plantar (nem que seja o mínimo) e que se possa manter uma distância (não necessariamente física) dos juruá. E, ainda que seja alto, que tenha água (rio) e pedras, são as 'belas palavras', as palavras divinas ouvidas pelo ñanderu que vão conduzir a fixação em um determinado lugar." (1988:25)

Ainda conforme Ladeira, a ocupação Guarani na Serra do Mar (São Paulo e Rio de Janeiro), principalmente nas décadas de trinta e quarenta, não foi realizada de forma aleatória pois "vários pontos do litoral são tidos como território onde viviam seus antepassados e a perambulação e a procura de fixação sempre ocorrem nesses mesmos locais" (1982: 132). A tradição histórica e/ou cosmológica, orienta a escolha de tais locais.

Conforme já mencionamos, o tekoa Guarani constitui-se no espaço físico sobre o qual se realiza a vida social Guarani. Assim, além de ter recursos para dar suporte às atividades de subsistência é também o espaço sobre o qual se realiza a vida social. Neste sentido, a organização social Guarani, embora sutilmente delineada para um atento observador, materializa-se em seu tekoa.

Os Guarani Mbypa mantêm no tekoa de Bracuí aspectos de sua organização social tradicional. As aldeias são na verdade, pequenos núcleos estruturados a partir de famílias

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

extensas, conforme modelo estrutural entre os grupos Tupi (filhos e genros/netos de um homem em posição de pai/sogro). (Cf. Meliá & Grünberg, 1976).

A família extensa patrilocal é a unidade social e econômica Guarani, usufruindo de autonomia política e geralmente de território próprio (Ladeira, 1988:25).

Um tekoa pode ser, portanto, formado por mais de uma família extensa, cuja predominância política recai basicamente sobre aquela da qual faz parte o ñanderu responsável pela escolha do local.

Entre os Guarani contemporâneos, geralmente a família extensa se mantêm quanto à sua funcionalidade econômica, social e política embora as famílias nucleares vivam em casas separadas. A disposição espacial do tekoa não obedece a padrões rígidos como em outras sociedades.A aldeia Guarani é constituída por pequenos núcleos formados pelas famílias extensas. A distância entre as casas é proporcional à distância em termos de parentesco de seus membros.

Economicamente as famílias nucleares ganham autonomia sobretudo com a venda de artesanato. Paralelamente a esta atividade as roças familiares garantem de forma tradicional a subsistência, marcadas sobretudo pelo cultivo do milho que através da festa Nimongaraí (batismo do milho) marca o calendário social e religioso do grupo.

Os tekoa Mbyá, entre eles o de Bracuí,são instáveis quanto a sua população dada a grande mobilidade espacial Guarani (Schaden, 1972) e segundo Ladeira (1988:26) , ela é acentuada entre os Mbyá que "dos subgrupos Guarani, parecem ser aqueles que mais 'abusam' das caminhadas - a composição de suas aldeias pode variar de 2 a até 30 famílias elementares. (...) Além do não estabelecimento de grandes concentrações populacionais, que é um dado da organização,vários

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286 0845 - 286 8700 - 286 8800 - 286 0200 - 286 7745

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

fatores determinam hoje a mobilidade espacial dos Mbyá : acusações de feitiçaria, mortes súbitas, casamentos, conflitos com brancos invasores etc. Dada a proximidade relativa dos tekoa, no estado de São Paulo, grupos familiares Mbyá estão sempre em função dos motivos acima apontados, deslocando-se de um a outro 'lugar'."

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

b) O Relacionamento entre os tekoa do litoral do Rio de Janeiro e São Paulo e a formação do tekoa de Bracuí

O motivo da mudança de grupos Mbyá de uma área para outra nem sempre é de ordem cosmológica. No entanto, a escolha de uma nova área para fixação do grupo sempre o é. Nos deslocamentos Guarani, são escolhidos locais de parada, a partir de critérios divinos, cujo tempo de permanência é condicionado ao mesmo critério. O tempo de permanência em locais não definitivos é determinado pelo tipo de plantio e colheita do milho, cultura tradicional.

O abandono de áreas de ocupação temporária ou permanente é também fruto de ordem divina.

O litoral dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo comporta doze aldeias, totalizando (cf. dados de Maria Inês Ladeira) em 1987, mil pessoas. São elas:

1. Morro da Saudade ou Barragem, no distrito de Parelheiros, município de São Paulo com 26,30 ha.
2. Crucutu, distrito de Barragem, município de São Paulo, com 25,88ha.
3. Mboi Mirim, distrito de Mboi Mirim, município de São Paulo, com 17,69ha.
4. Jaraguá, distrito de Jaraguá, município de São Paulo, com 1,22ha.
5. Rio Branco, distrito de Aguapeú, município de Itanhaém, com 2.856,10ha.
6. Itariri, distrito de Araribá, município de Itariri com 1.212,47ha.
7. Bananal (Posto Indígena Peruíbe), distrito de Bambu, município de Peruíbe, com 485ha.

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

8. Rio Silveira, distrito de Barra do Una, município de São Sebastião com 948,40ha.

9. Boa Vista, distrito de Pro Mirim, município de Ubatuba, com 801ha.

10. Araponga ou Patrimônio, distrito de Patrimônio, município de Parati (RJ)

11. Itatinga ou Bracuí, distrito de Bracuí, município de Angra dos Reis (RJ)., com 700ha.

12. Boa Esperança (Posto Indígena Caieiras Velhas), distrito de Santa Cruz, município de Aracruz (ES) com 1,59ha.

Conforme dados de Ladeira, apenas duas dessas áreas foram demarcadas: a aldeia Bananal (Posto Indígena Peruíbe) pelo Decreto Estadual de 24/10/1927 e a de Caieiras Velha pela FUNAI, em 27/10/83. Com exceção das áreas de Mboi Mirim (SP), Araponga e Itatinga (RJ) as demais áreas foram homologadas em 1987 através de convênio firmado entre a FUNAI e a Superintendência de Desenvolvimento do Litoral Paulista (SUDELPA).

Cada uma dessas aldeias ou tekoa surgiu a partir da ordem divina transmitida a um ñanderu. A história de cada uma delas, confunde-se com a trajetória das famílias dominantes religiosa e politicamente. No entanto, a aldeia Morro da Saudade, em São Paulo, detem liderança política e religiosa sobre as demais áreas do litoral, devido aos seguintes fatores, relacionados por Ladeira e Azanha (1988:33).

"1. a atuação do chefe José Fernandes, exercendo a liderança espiritual e política na aldeia da Barragem, estende sua influência às demais aldeias. É ele quem conduz as cerimônias do ñimongaraí, de imposição dos nomes às crianças, em praticamente todas as aldeias; é chamado a intervir nos casos delicados de saúde e de feitiçarias e nas questões políticas e/ou sociais através de seus conselhos. Pela sua história de vida pessoal conhece a fundo todas as aldeias do litoral - seus territórios de ocupação, origem e composi

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

ção dos grupos locais e as divisas originais;

2. a localização geográfica da aldeia Morro da Saudade privilegia como ponto de passagem obrigatório dos Guarani das outras aldeias da periferia de São Paulo (Crucutu, Mboi Mirim e Jaraguá) e do sul do país, que se dirigem ao litoral e vice-versa. Como já foi mencionado, o trajeto histórico dos Guarani rumo ao litoral é feito pela estrada da Barragem até a localidade de Engenheiro Ferraz, seguindo-se pela trilha indígena até a aldeia do Rio Branco, de onde estão relativamente próximas as aldeias de Itariri e Bananal. De Engenheiro Ferraz também podem atingir as aldeias do litoral norte, seguindo até Santos e Bertioga e daí, pela estrada velha, chegar até as aldeias do Silveira, em Barra do Una e Boa Vista, em Ubatuba.

3. sua proximidade em relação à Serra do Mar (cinco a seis horas de caminhada) e ao centro de São Paulo, o que possibilita aos moradores dessa aldeia acesso fácil às matérias-primas para a confecção do seu artesanato e à sua comercialização no centro urbano mais populoso da América Latina. A grande maioria dos Mbyá das outras aldeias do litoral ou mesmo das aldeias localizadas no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul passam temporadas na aldeia Morro da Saudade, de onde partem diariamente para o centro de São Paulo para venderem sua produção artesanal, que lhes possibilita a aquisição dos bens industrializados hoje indispensáveis (roupas, tecidos, panelas, sabão, querosene etc.).

4. o tradicionalismo do grupo familiar dominante e da chefia, concorre para a eficiência das práticas religiosas e/ou rituais que vigoram no cotidiano, com a participação intensa da grande população infantil promovendo uma forte coesão social - o que possibilita o controle de eventuais cisões."

A aldeia de Bracuí foi formada inicialmente pela família de Argemiro da Silva que aí se estabeleceu em

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286 0845 - 286 8700 - 286 [illegible]

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

fins da década de 50, vindos de Palmeirinha (PR). A princípio, percorreram as aldeias da Barragem e Parati Mirim até fixarem-se em Bracuí. No início dos anos 80, Argemiro faleceu e sua família mudou-se para Boa Vista (Ubatuba). No entanto dois de seus filhos, Olga e Aparício, permaneceram na área.

"Em dezembro de 1987, o grupo de João da Silva, irmão mais velho de Argemiro, veio viver em Itatinga. Originário da Argentina e da aldeia de Xapecó (SC), viveu nos últimos oito anos na aldeia da Cotinga, em Paranaguá (PR). Este grande grupo composto por cerca de cento e oitenta pessoas veio de uma só vez, um ano após a visita de seu João da Silva às aldeias de Itatinga e Araponga, quando então demonstrara a intenção de se mudar para uma dessas aldeias. Segundo o depoimento de João da Silva, em janeiro de 1987, seu avô relatava casos de sua permanência nesta região (entre Parati e Angra dos Reis)" (Ladeira e Azanha, 1988:42).

As aldeias de Araponga (RJ) e Bracuí (RJ) mantêm relações frequentes com a Boa Vista 'Ubatuba) em virtude da maior proximidade resultando em intensas relações sociais e políticas e devido ainda aos laços de parentesco derivados de casamentos entre os membros dos três tekoa.

O grupo que chegou à Bracuí, oriundo da Ilha da Cotinga, Paranaguá (PR), tem relações de parentesco com os Guarani do Posto Indígena Guarita (RS), Mangueirinha (PR), Ibirama (SC), Xapecó (SC), Boa Esperança (ES), Rio Branco (SP), Barragem (SP), e Ubatuba (SP).

Segue genealogia dos principais grupos familiares das aldeias do litoral paulista e fluminense, onde evidencia-se a relação dos membros de Bracuí às demais famílias Guarani do litoral.

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

PRINCIPAIS RELAÇÕES GENEALÓGICAS ENTRE OS GUARANI DO LITORAL PAULISTA E FLUMINENSE

Apresentação:

As genealogias apresentadas em anexo explicitam as principais relações de parentesco entre as famílias extensas Guarani estabelecidas no litoral paulista e fluminense.

Sabemos que este material exige um exame mais preciso para que possa revelar elementos significativos sobre a organização social Mbyá. Contudo, nosso objetivo imediato é demonstrar como essa organização social se opera na dependência do território atual, onde as aldeias estão dispostas.

Assim, as alianças estabelecidas entre as famílias extensas, e conseqüentemente entre as diversas aldeias, sustentam e garantem a mobilidade necessária à reprodução física e cultural da sociedade Mbyá onde, pela concepção espaço-territorial, todas as aldeias fazem parte de um território comum, embora não contíguo. Nesse sentido é que nos pareceu mais significativo apresentar as genealogias do que um simples levantamento numérico da população ou mesmo a composição familiar de cada aldeia. Mesmo porque a extrema mobilidade e dispersão que caracterizam a organização social Guarani alteram constantemente a composição e a densidade populacional de cada aldeia.

Entretanto, para que fosse possível a visualização da localização das famílias Guarani é que utilizamos nove cores para representar cada uma das aldeias do estado de São Paulo e uma cor para as duas aldeias do estado do Rio de Janeiro. Através desse recurso, é posssível verificar a interdependência entre essas aldeias. Especificamos no alto de cada prancha, no sentido de orientar a leitura, os nomes da aldeias cujas relações estamos enfocando.

Esclarecemos ainda que:

- os indivíduos e famílias residentes em aldeias situadas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, estão referidos na genealogia por serem elos de ligação das famílias Guarani do litoral paulista e fluminense com estas aldeias. Entretanto, não estão aqui representadas as relações que mantêm com os grupos de sua própria aldeia;
- nas genealogias não está representada a população total das aldeias, e sim as principais famílias extensas ou grupos familiares que as ocupam. Há casais e famílias nucleares que vivem atualmente nes-

LADEIRA, M. INÊS & AZANHA, Gilberto. Os Índios da Serra do Mar. SP, Nova Stella Editorial, CTI, 1988

fls 39

sas aldeias e que não estão aqui representadas por não apresentarem vínculos de consangüinidade ou afinidade com os grupos locais dominantes;

- não estão diferenciados por representação os subgrupos Ñandeva e Mbyá. Ligações estreitas por casamento entre os dois subgrupos ocorrem nas aldeias do Rio Silveira, Itariri e Bananal (PI Peruíbe). O quadro geral das aldeias (p. 43) apresenta o local onde prevalece cada um dos subgrupos. A população Mbyá é maioria absoluta na faixa litorânea dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo;
- estão numerados somente os indivíduos adultos que aparecem em dois ou mais grupos familiares. Isso porque um indivíduo pode aparecer no seu grupo familiar de origem e no grupo familiar de procriação, onde reside;
- essas genealogias foram montadas em junho/julho de 1985 com informações coletadas ao longo de vários anos de trabalho, por Maria Inês Ladeira. A organização das genealogias foi elaborada sob a orientação de Maria Elisa Ladeira

Maria Cota, aldeia Boa Vista

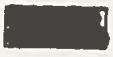
LADEIRA, M. INÊS & AZANHA, Gilberto. Os Índios da Serra do Mar. SP, Nova Stella Editorial, CTI , 1988.

fl. 40

SIMBOLOGIA

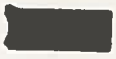
Aldeia da Barragem (Morro da Saudade)

Aldeia do Crucutu


Aldeia de Mboi-Mirim

Aldeia do Jaraguá

Aldeia do Rio Branco


Aldeia de Itariri

Aldeia do Bananal (P.I. Peruíbe)

Aldeia do Rio Silveira

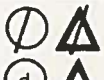
Aldeia Boa Vista

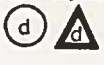
Aldeia Araponga, Aldeia de Bracuí — RJ

Moradores na "cidade" ou regiões próximas à aldeia

mulher/homem — Guarani

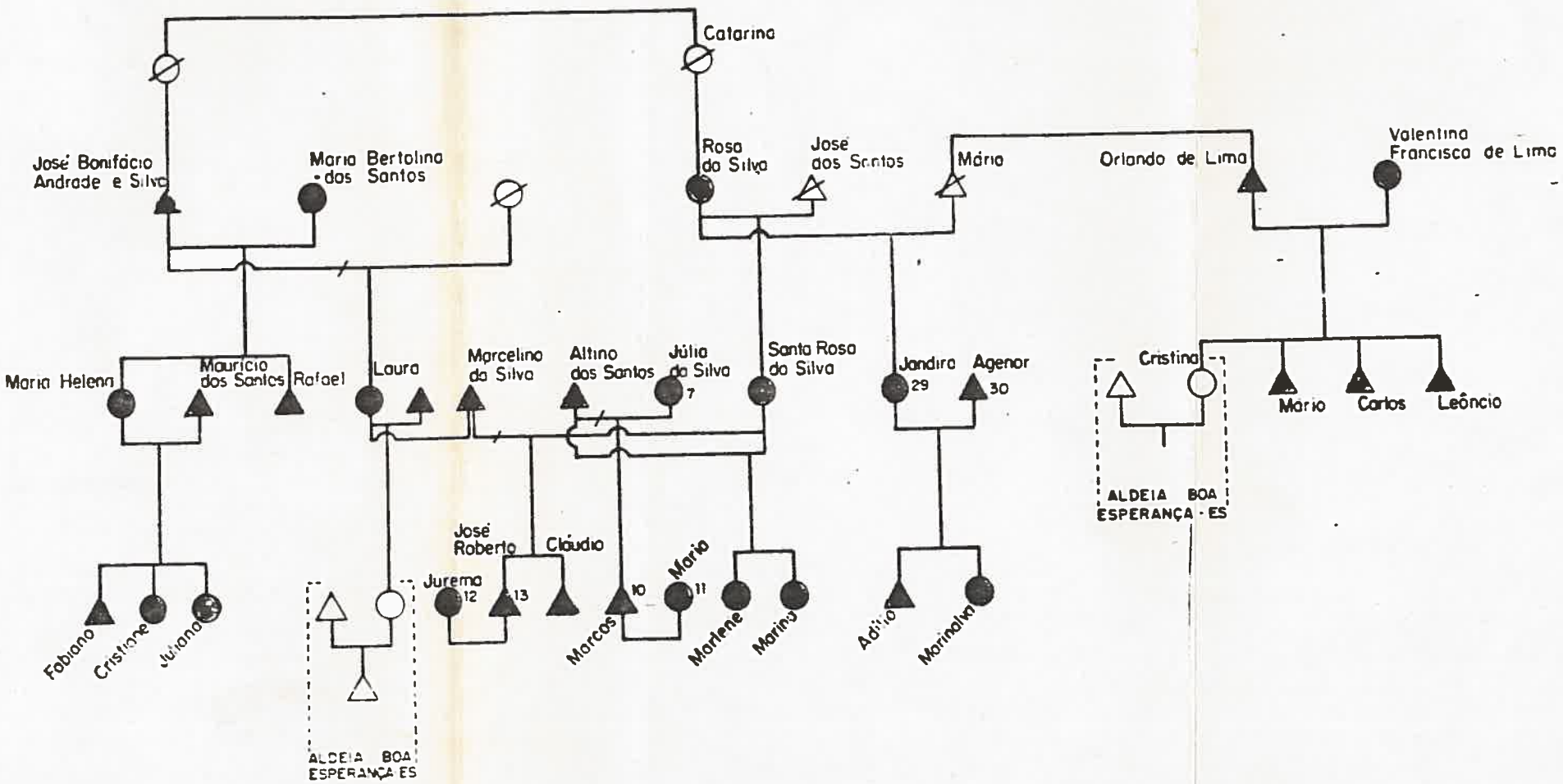
mulher/homem — Juruá, "Civilizado"


falecidos


paradeiro desconhecido

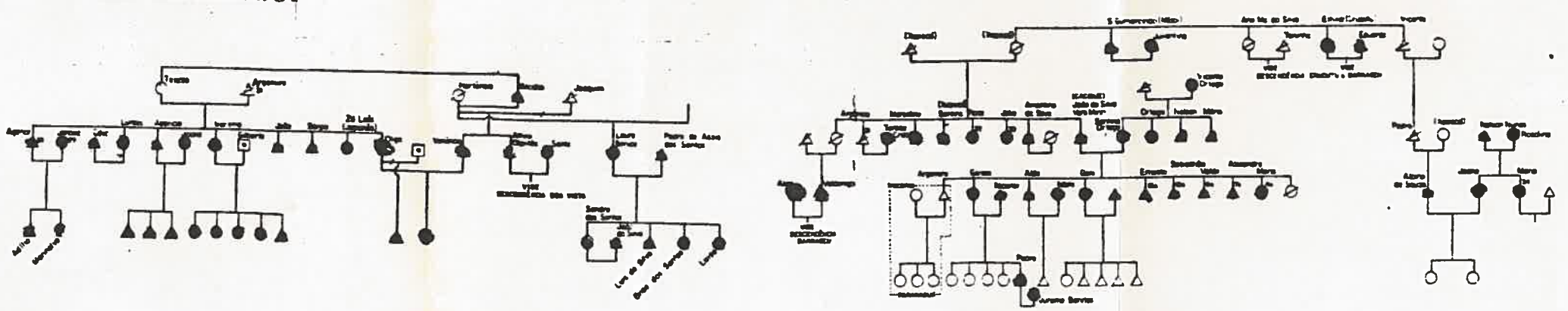
LADEIRA, M. INÊS & AZANHA, Gilberto. Os Índios da Serra do Mar. SP, Nova Stella Editorial, CTI, 1988.

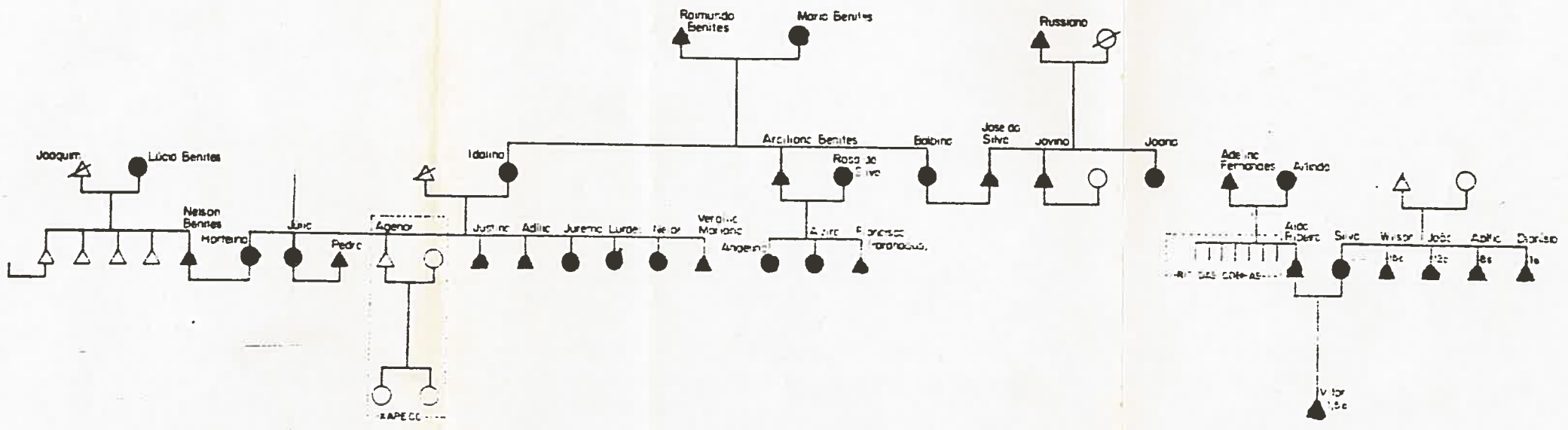
ALDEIA BOA VISTA



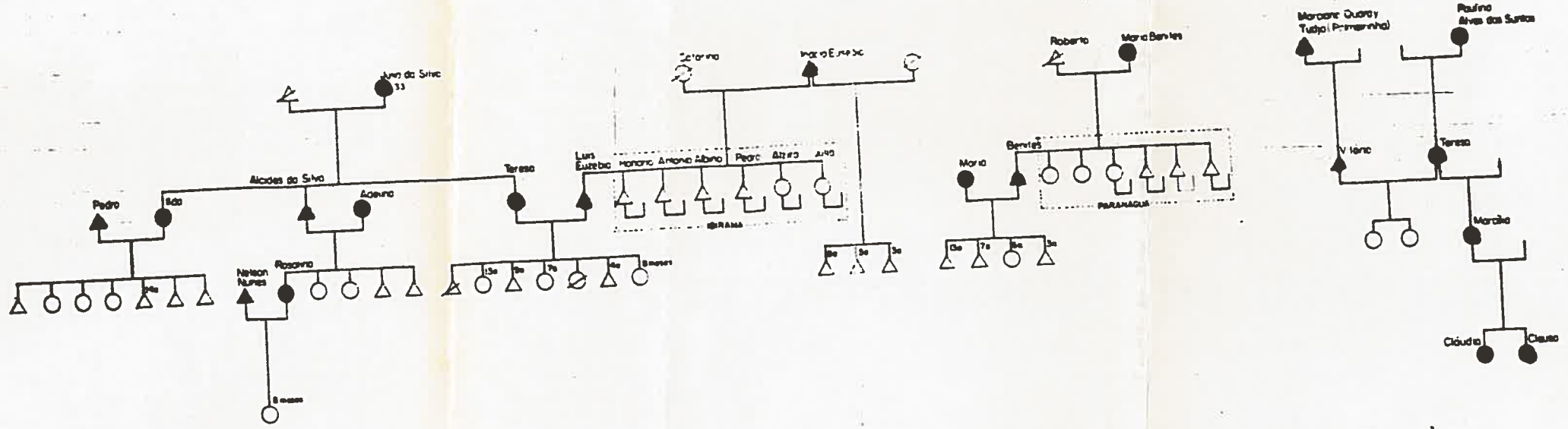
LADEIRA, M. INÊS & AZANHA, Gilberto. Os Índios da Serra do Mar. SP, Nova Stella Editorial, CTI, 1988.

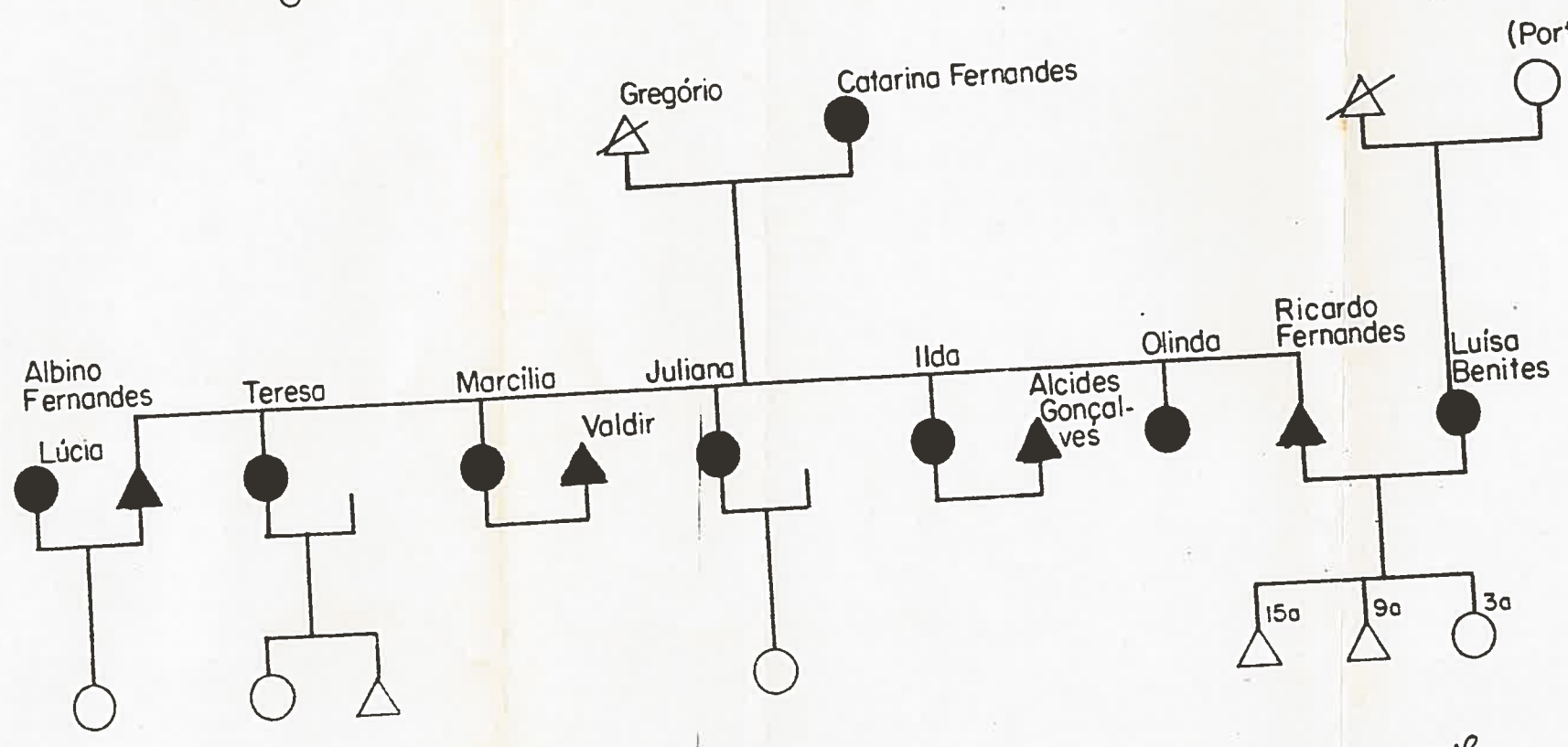
ALDEIA ARAPONGA
ALDEIA DE BRACUÍ





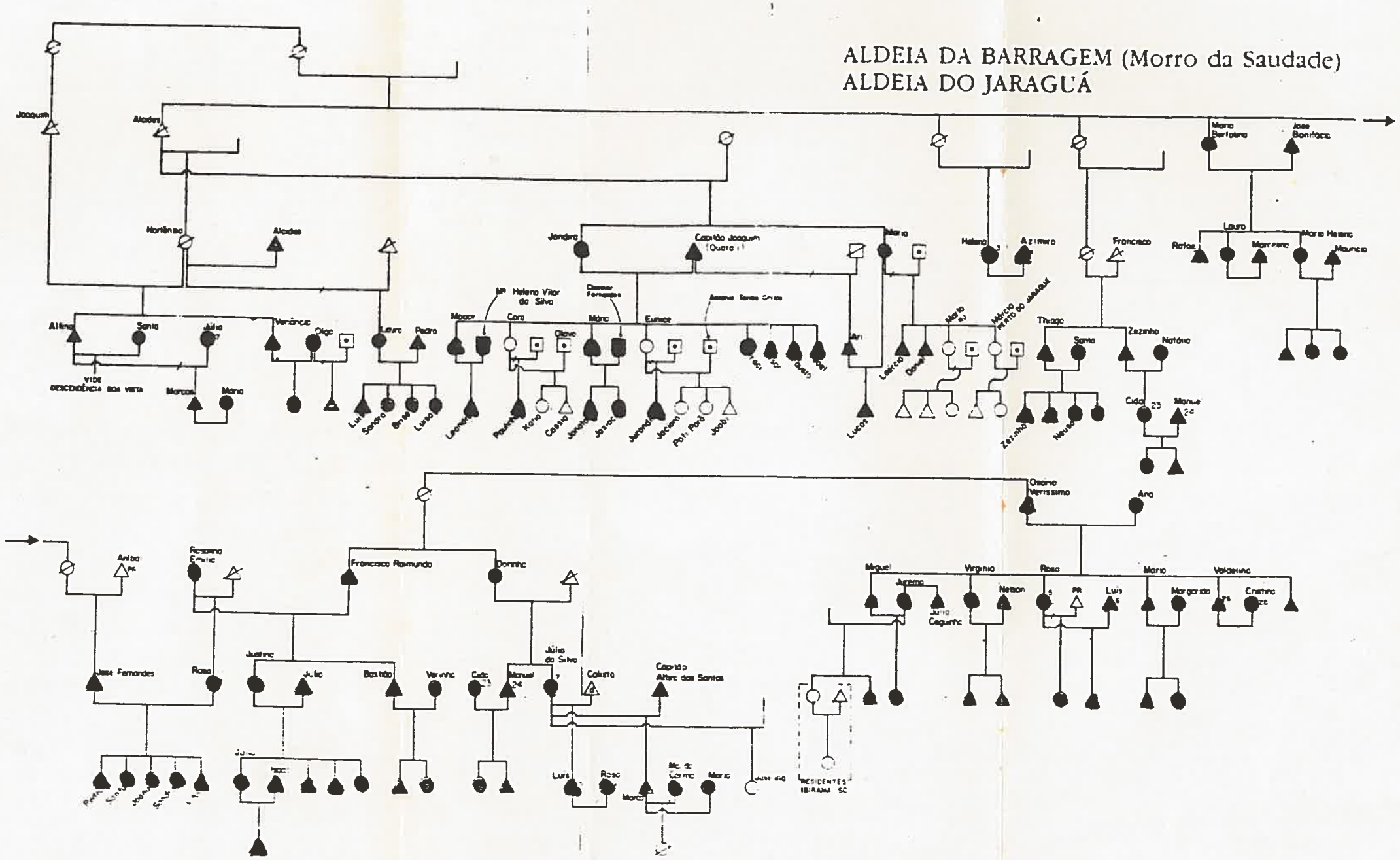
LADEIRA, M. INÊS & AZANHA, Gilberto. Os Índios da Serra do Mar. SP, Nova Stella Editorial, CTI, 1988.





LADEIRA, M. INÊS & AZANHA, Gilberto. Os Índios da Serra do Mar. SP, Nova Stella Editorial, CTI, 1988.

ALDEIA DA BARRAGEM (Morro da Saudade)
ALDEIA DO JARAGUÁ



LADEIRA, M. INÊS & AZANHA, Gilberto. Os Índios da Serra do Mar. SP, Nova Stella Editorial,CTI, 1988.

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

CONCLUSÃO

1. A ÁREA INDÍGENA EM QUESTÃO, NÃO É HABITAT IMEMORIAL

Com este breve histórico das sucessivas migrações Guarani desde seu habitat original, acreditamos ter demonstrado que a área em questão, localizada em Bracuí, em Angra dos Reis, Rio de Janeiro, não é habitat imemorial.

A presença Mbyá no Rio de Janeiro, mais especificamente no aldeiamento de Itatinga ou Bracuí na Serra da Bocaina, é consequência desses deslocamentos empreendidos desde o século XIX, por seus antepassados rumo ao leste, movidos fundamentalmente, pela inspiração divina em busca da Terra Sem Mal.

Não podemos deixar de registrar, no entanto, que além da inspiração divina, contribuiram para esses deslocamentos em território brasileiro as relações desenvolvidas pelos Guarani com a sociedade nacional. Nesse encontro com os brasileiros, os Guarani foram submetidos às condições espoliadoras que caracterizam o processo de desenvolvimento nacional (Carvalho, 1981), vendo-se portanto, compelidos a buscar novos espaços onde pudessem reproduzir o modo de ser Guarani.

Os Guarani simplesmente ocuparam as terras, sem objeções ou resistências de terceiros, independente de qualquer preocupação que não fosse a de sua sobrevivência física e cultural.

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Nesse sentido, considerando todos os dados aqui levantados e os parâmetros antropologicamente aceitos, acreditamos não haver margem à possibilidade do questionamento da identidade étnica diferenciada Guarani.

Rua das Palmeiras, 55 · Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 · 286-8899 · 286-0399 · 286-7745

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

II . OS GUARANI DE BRACUÍ SE AUTOIDENTIFICAM E SÃO IDENTIFICADOS COMO ÍNDIOS.

Os parâmetros para o entendimento do que seja uma sociedade etnicamente diferenciada, estabelecidos pelo Dr. Darcy Ribeiro apontam que indígena "é aquela parcela da população que apresenta problemas de inadaptação à sociedade brasileira, em suas diversas variantes, motivadas pela conservação de costumes, hábitos ou meras lealdades que a vincula a uma tradição pré-colombiana. Ou, ainda mais amplamente: índio é todo indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade pré-colombiana que se identifica como etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população brasileira com que está em contato." (Ribeiro, 1957:35). Tal definição é posteriormente utilizada na definição de índio ou silvícola no Estatuto do Índio (Lei nº 6001 de 19/12/1973) no seu artigo terceiro: "é todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional.". Afirma que a noção fundamental na definição de índio é o fato de ser considerado e considerar-se como tal.

Alguns setores da sociedade nacional tendem, devido a interesses específicos em determinadas conjunturas, a negar essa identidade a determinados grupos indígenas. Mas para além dessa negação circunstancial, a identidade de um grupo indígena é exclusivamente dada em função de sua autoidentificação e da identificação pela sociedade envolvente. A identidade está na consciência do grupo étnico e na da população que com ela convive.

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro-RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

fls 48

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, R. Thomas. Relatório sobre a situação dos Guarani Mbyá do Rio Grande do Sul: A questão das Terras; BSB, Funai, 1985, xerox.
- CADOGAN, León. "La encarnación y concepción; la muerte y la ressurección en la poesia sagrada 'esotérica' de los Jeguakáva-Tenondé Porã-Gué (Mbyá-Guarani) del Guairá, Paraguay". Revista do Museu Paulista, N.S. 4, 1952.
- _____ "Los Mbyá". In BASTOS, Augusto Roa (org). Las Culturas Condenadas. México, Siglo XXI Ed, 1978.
- CARVALHO, Edgard de Assis. Avá-Guarani do Ocoí - Jacutinga. Relatório CIMI-SUL, 1981.
- CLASTRES, H. Terra sem mal, o profetismo Tupi-Guarani. SP, Ed. Brasiliense, 1978.
- GOLDMAN, Frank. "Artesanato dos índios do litoral sul". Revista Anhembi, SP, 9 (132). 1959.
- LADEIRA, M. Inês & AZANHA, Gilberto. Os índios da Serra do Mar. SP, Nova Stella Editorial, CTI, 1988.
- MELIÁ, Bartolomeu. "El 'modo de ser' Guarani en la primera documentación jesuítica (1594-1639)". Revista de Antropologia, SP 24, 1981.
- MELIÁ, B & GRÜMBERG, G. Los Paĩ-Tavyterã, etnografia del Paraguay contemporáneo. Assunção, CEAVC, 1976.
- RIBEIRO, Darcy. Línguas e Culturas Indígenas do Brasil. RJ, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1957 [Separata de Educação e Ciências Sociais nº 6]
- SCHADEN, Egon. "A Religião Guarani e o Cristianismo-Contribuição ao estudo de um processo histórico de comunicação intelectual". Revista de Antropologia, SP, 25, 1982.

Rua das Palmeiras, 55 · Botafogo · Rio de Janeiro · RJ · CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 · 286-8899 · 286-0399 · 286-7745

fls 49

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

ANEXO I

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

A Sra. Maria Francisca Azevedo da Silva, nascida em 1919, no Bracuí, portadora do CPF 427878747-20, moradora do Km 114 da Rio-Santos, conta que os primeiros índios que chegaram no Bracuí, foi o casal Argemiro e Tereza com seus filhos ainda pequenos. E que o Sr. Argemiro pediu ao seu falecido marido se podia fazer uma choupana na Serra, onde ela e o marido tinham roça. O marido dela consentiu e eles ficaram trabalhando lá, na posse deles. Segundo a Sra. Maria da Silva isso aconteceu há mais de 18 anos.

Mais tarde chegou o irmão da "Dona Tereza", e mais parentes deles. Assim ficaram todos instalados. Passados os anos o cacique Argemiro morreu e o filho dele Aparício ficou sendo o cacique e a mãe dele foi embora.

Conta que há cerca de 3 ou 4 anos chegaram mais índios, mas que desses ela só tem notícias.

Relatou ainda que um filho seu tem 2 filhos com Olga, filha do falecido cacique Argemiro. Olga e o filho dela se gostaram e ficaram juntos, mas depois Olga foi embora. Hoje o neto mais velho, filho de Olga, está com 16 anos.

No seu relato a Sra. Maria da Silva diz ainda que se lembra que os índios faziam artesanato (flecha, peteca, cestos,etc.) para vender. E que eles falavam "na língua" (Guarani) entre eles.

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

O Sr. Manoel Moraes da Silva, nascido em 1928 no Bracuí, agricultor, portador da identidade nº 04089613-6 (IFP),morando na Estrada Rio-Santos Km 114, Fazenda Santa Rita, declarou que conhece os índios há aproximadamente uns 20 anos. Diz que se comunica com eles e que sabe que são índios por causa do tipo deles "tão diferente do nosso tipo". Declara que os índios moram "aqui pra cima do morro do Carijó" e que até hoje permanecem lá no mesmo lugar.

Diz ainda que quando os índios chegaram no Bracuí "ainda não tinha a Rio-Santos" e nem os "empreendimentos". Diz que naquela época "a terra não tinha muito valor e todo mundo usava, não tinha problema. Agora hoje a terra tá com muito valor".

Declara que os moradores antigos do Bracuí sempre respeitaram os índios e a terra onde eles moram e trabalhm e que o cacique Aparício, filho do falecido cacique Argemiro, veio para o Bracuí ainda "garotinho", (na época com mais ou menos 7 anos) sendo que hoje ele "já é homem formado e pai" e continua trabalhando lá.

Acredita o Sr. Manoel que os índios estão precisando da demarcação das terras deles, "para que eles não sejam atropelados por outros empreendimentos que tem por perto da terra deles".

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

fls 52

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

A Sra. Joana Azevedo dos Santos, nascida em 30/08/1915 no Bracuí, agricultora, casada, portadora da carteira de trabalho nº 00317 série 0052 emitida em 04/10/76 e moradora na rua São José, Estrada Rio-Santos, Km 115 conta que quando os índios chegaram no Bracuí, ainda não havia estrada "era caminho assim de um pé só, era só matagal e agente subia pro Frade e ai pra Angra dos Reis de barco". Segundo a Sra. Joana deve fazer aproximadamente uns 20 anos que as primeiras famílias chegaram com o Sr. Argemiro.

Declara que daquela época para cá nunca a área ficou vazia e que eles sempre continuaram no mesmo lugar, mas que agora está muito mais habitado desde que o cacique João chegou. "Agora tem índio que eu nem conheço". Dado o crescimento populacional na Aldeia a Sra. Joana não tem hoje condições de conhecer todos os índios da Aldeia.

Conta ainda que naquela época em que o "cumpadre Argemiro", a Sra. Joana batizou um dos filhos do cacique Argemiro, chegou, na área já tinha "bananal e rocinha miuda". Diz que o Aparício, filho do cacique Argemiro ficou lá depois que o pai dele morreu, e que eles sempre vendiam artesanato.

Acredita ela que a vida dos índios era muito "sacrificada" e que a "Dona Tereza", mulher do falecido Argemiro sofria muito, pois ela era tuberculosa. Depois de muito tempo conseguiu "ficar boa e foi embora".

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

O Sr. George Rui Aldrovando da Silva, morador do Km 113 e meio da estrada Rio-Santos e portador do CRC 41001-1, contador de profissão e dono de estabelecimento comercial na Rio-Santos conta que quando chegou no Bracuí, há aproximadamente 10 anos, "os índios já estavam lá na Aldeia no meio da Serra".

Sabe pela informação dos vizinhos que os índios vieram de São Paulo, Paraná, e Santa Catarina. Diz que o índio com que ele se dava desde a época que chegou era com o Aparício que "controlava a Aldeia". Diz que pouco sabe da história de como os índios vieram para o Bracuí, mas que conversava muito com o Aparício sobre o artesanato que eles fazem e sobre plantação. Conta as inúmeras vezes que subiu a Serra para trocar peixe por farinha de mandioca, que os índios faziam, e que ele a considerava a melhor da região.

Declara que sabe que agora tem gente querendo invadir a terra dos índios e que com a Rio-Santos é que começou a aparecer muito "dono" de terra.

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

1654

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

O Sr. Edson Fernando Klebanovisk, consultor, morador na rua Paraíba, Km 113 e meio da Estrada Rio-Santos/Bracuí, conta que desde que chegou na área sabe da existência de índios na Serra. Desde 1976 que ele sabe que eram poucas famílias, mas que agora aumentou muito. Diz que na época em que chegou se dava com o Aparício e desde então, é que começou a chegar mais índios.

Rua das Palmeiras, 55 · Botafogo · Rio de Janeiro-RJ · CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 · 286-8899 · 286-0399 · 286-7745

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

O Sr. João Seixas Firmino, agricultor, 73 anos, nascido e criado no Bracuí, morador da Estrada Itinga no Km 113 e meio da Estrada Rio-Santos, conta que o índio Argemiro veio com a família e a mulher Sra. Tereza. "Tinha o Argenor, Iracema, Olga, Aparício, João, Lurdinha, tudo pequenininho". Depois foram chegando mais e veio também a família do irmaõ da Sra. Tereza. Naquela época segundo o Sr. João ficaram 20 e poucas famílias. Segundo o Sr. João isso aconteceu há mais de 25 anos. Conta que o falecimento do Sr. Argemiro aconteceu há aproximadamente 10 anos e que o filho dele, o Aparício ficou na área depois da morte do pai com mais ou menos 10 famílias, sempre no mesmo lugar onde continuam vivendo agora o cacique João Silva e a família. Diz o Sr. João que viu Aparício ainda menino e que agora ele está casado e com um "punhado de filhos".

Conta que naquela época ninguém reclamou pelo fato deles ocuparem a área e que os índios plantaram muitas árvores. "Vocês não encontraram lá as laranjeiras, a mangueira? lá era o sítio do Argemiro, tinha as plantas dele lá".

Declarou que muitos índios vieram e outros se foram, mas que sempre umas famílias ficaram na área cultivando. E que os índios faziam artesanato e trabalhavam às vezes para fora,nas fazendas para "ganhar o pãozinho deles".

Diz que quando os primeiros índios chegaram ainda não tinha a Estrada Rio-Santos, que era "tudo chão" e que eles "chegaram à pé".

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

DEPOIMENTO DE Sr. JOÃO DA SILVA (CACIQUE GUARANI - ALDEIA BRACUÍ - julho/90)

A minha história, mas a história do meu finado meu pai, minha mãe. Sabe o que é. A história que o meu pai e a minha mãe contavam de muitos anos. Eu sou índio que nasci no Brasil e me criei. Finado meu pai, minha mãe contavam história lá do Porto Seguro onde começou naquele tempo de muito anos, quando Pedro Cabral entrou lá. Primeira história que fizeram lá, então os parentes correu tudo pra cá. Agora eu, me trouxe na barriga. Então despois que faleceu tudo, meu pai, minha mãe. Ai que me alembrei da história que me contou. Paranaguá, Ilha Grande, Rio de Janeiro, tudo praia, Ilha Grande, Porto Seguro. Sempre me contava história. Depois que faleceu tudo eu me alembrei da história, então é que eu passei pra cá. Desde de lá do Paranaguá eu achei o rastro (...) Eu fiquei triste, sentido, mais de muitos anos. Eu me alembrei da história que o meu pai me contava. Ilha Grande primeiro. Eu não conhecia nem o mar. Quem me contou foi o finado meu pai e minha mãe que me contou que aonde nos primeiro vivia tem praia, tem água boa, bonito, mar. Eu não conhecia o mar. Depois que faleceu tudo foi que eu fiquei sentido e me alembrei da história. E ai eu passei lá pra Chapecó, passei pra lá Paranaguá. Ai eu achei o rastro, achei o mar. Ai eu me alembrei.

Morei 6 anos lá em Paranaguá. Fiquei sentido. Ai os parentes chegou. Enchemos a Ilha. Agora lá as Ilhas são pequenas, é muito pequeno, não dá prá gente se virar, plantar, água muito fraca e areia muito quente. Então daí que me lembrei dessa praia prá cá e o Estado de São Paulo, diz que tem parente. Então eu vou conhecer. Daí que eu passei pra cá. Nós somos sempre tudo da FUNAI. Então que eu comuniquei que da minha parte, meus parentes são bastante, minha comunidade são bastante, quase 300 índios e maioria criança. Depois daqui 4,5 anos vai crescer tudo e aonde que se fica? não tem lugar pra mim? Ai fiquei bem preocupado e então daí comuniquei nosso

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

chefe da FUNAI. E ai ele disse pra mim "O Senhor Seu Silva é que vai resolver. O terreno é de voces. Aonde quer morar pode ir lá consultar a mata lá, onde quer morar." Então o índio pode se virar, onde quer morar pode ficar, me explicou pra mim, aí eu digo. Então me alembrei desse lugar, onde parente morava aqui, o falecido Argemiro que morreu (...) é parente claro que sim, então. Eu soube notícia do meu parente que faleceu morreu atropelado, assim, assim, fiquei sentido. Então alembrei daqui. O terreno tá lá (...) e a planta ficou (...) ai fiquei triste. Fiquei pensando desse problema da planta e eu disse então vou passar prá lá. Vou limpar. Coitado do meu parente já faleceu e a planta ficou abandonada, vou morar, limpar (...) Naquele tempo quem ficou foi o Aparício, mas já assim, bem pouquinho, uma família só. Então daí me alembrei. Aí passei pra cá.

Eu e o Seu Luis, viemos em 4 (...) Naquele tempo o Aparício morava aqui embaixo no Rio Imbú, uma família só. Daí cheguei me apresentei, daí perguntei como é que tá o terreno aqui. Daí ele disse "esse aqui foi o finado meu pai que ganhou esse terreno, mas agora eu fiquei sozinho, uma família só.

(...)

Então daí eu digo, "será que dá pra mim passar pra cá?". Ai eu expliquei bem pra ele. Minha parte são bastante. Minha comunidade são bastante, nós queremos vir prá cá morar, e pra nós se virar. Nós fazer a planta, pra nós criar nossa família. Ai ele disse "tudo bem, quer passar, (...) O terreno é nosso". Então eu vou passar pra lá. Ele disse pra mim "Voce que sabe".

(...)

Naquele tempo nós índio não ocupava ônibus assim. Ele vai pra onde quer, caminha de a pé. Mas agora, hoje em dia não é fácil. Ai então fiquei pensando cá. Falei pro nosso Delegado (da FUNAI). Eu vou passar pra lá no Bracuí. Lá Estado do Rio de Janeiro, eu gostei lugar prá lá. Já que o parente faleceu, ficou lá o terreno então eu vou passar pra lá. Eu

vou cuidar lá e pronto. Eu vou lá mas não é outra coisa. Eu vou porque eu quero me virar. Quero plantar. Nos semos pobre e hoje em dia pra nós comprar o alimento agente (...)

Ai concordou comigo. Ai eu arrumei dois ônibus desde lá o do Porto Paranaguá pra trazer o pessoal pra cá. É longe. (...) Dois ônibus pra cá. Criança, criancinha, tudo (...) A roupa que nos tamos vestindo, trouxemos tudo, panela, semente de milho, enxada alguns trouxeram. Do primeira vez eu não veio de ônibus, madei Seu Luis meu vice-cacique. Da segunda vez eu veio. Ai quando eu cheguei aqui tava tudo bonito. E o alimento deram o alimento (FUNAI E SEAF).
(...)

Agora pra mim Aldeia, eu acho que Aldeia bom mesmo é onde tem água boa pra nós. Agora onde não tem água nem que seja lugar bom não tem jeito. Dispois outra coisa prá nós é a vivência e espaço. Assim como agora, onde agente chegou, criançada ali, brincando, onde tem terreno, assim terreiro, limpar terreiro. O mato é preciso. Depois que eu cheguei aqui eu mandei abrir um pouco ali, um pedaço pra nós plantar aimpim, mandioca, milho, feijão, pra criar nossa família. Por que pra nós mais importante é a agricultura. Eu sempre falo pra minha comunidade. Nós tamos sofrendo, porque prá nós a maioria é o artesanato. Depois que eu cheguei aqui e que eu tô sabendo que o terreno não tá demarcado (...)

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

O Sr. Aparício da Silva, 35 anos, casado, se declarou Índio Guarani, morador na Aldeia de Araponga ou Bracuí e filho do falecido cacique da referida Aldeia Sr. Argemiro da Silva (Karai) e de Tereza da Silva. Conta que chegou em Bracuí com apenas 7 anos e se criou na Aldeia. Diz que se lembra que quando chegou era tudo mato e havia apenas picadas de acesso à Aldeia e ainda não existia a Estrada Rio-Santos (BR 101).

Na época em que era criança viviam na Aldeia 4 famílias, sendo que a família de seu tio, Sr. Alcebíades, irmão de sua mãe, hoje cacique da Aldeia de Patrimônio em Parati, também vivia com eles. Diz que o Sr. Alcebíades mudou-se para a Aldeia de Patrimônio há aproximadamente 10 anos.

Conta que depois da morte de seu pai, cacique Argemiro, em 30 de junho de 1984, se tornou cacique da Aldeia de Bracuí e começou a se interessar pelos trabalhos de demarcação das terras. "Agora o problema maior que eu acho que eu entendi de todo o meu trabalho até hoje é que o principal das coisas mesmo da área dos índios é a demarcação das terras, que tem que ter a segurança pra poder trabalhar, pra não ter aquele receio de querer mandar ir embora da terra, que ele pode sair, que um dia pode ser tomada, né. Então eu acho que o problema maior dos índios, de todos, é a demarcação das terras, porque a terra tando demarcada, eu acho que o índio trabalha mais tranquilo. Ele tem tempo pra sair pra caçar, pra pescar, então o problema maior é isso. E no Bracuí, é hoje quem já me conhecesse bem, o pessoal lá de Angra dos Reis que me apoia no meu trabalho. Eles estão querendo saber mesmo é isso, que a terra seja demarcada. E o Governo do Estado já fez a delimitação, viu, passou tudo lá por cima."

Relata que seu pai trabalhava na roça e para fazendas vizinhas e que seu pai plantou muito na área (mandioca, batata, milho, feijão), tendo inclusive plantado árvores frutíferas (laranja, jaca, goiaba, manga, jabuticaba, banana, mamão) que até hoje alimentam a Aldeia.

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

fls 60

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Aparício conta que cresceu sabendo mais dos problemas do que histórias bonitas do seu povo e que seu pai sempre teve problemas, e que antes de irem para o Bracuí moraram em outras Aldeias: Barragem, Silveira, Peruibe, Rio Branco, e que sempre quando tinha briga, seu pai se mudava.

Declara que sua avó está com 115 anos e que mora na Aldeia do Rio Branco, e que sua mãe, Sra. Tereza, está morando agora em Bauru. E que quando chegaram em Bracuí já estavam lá as famílias do velho Zé e do Gumercindo, que agora moram em Minas Gerais. "Então essa área já era conhecida como área indígena antigamente, quando nós chegamos. Aí depois que nós chegamos, eles sairam e nós continuamos lá. Tinha mais ou menos umas 4 famílias."

Aparício declarou ainda que seus filhos nasceram na Aldeia de Bracuí, tendo hoje o mais velho 9 anos, e os do meio 8 e 6 anos e o mais novo 6 meses de idade.

"Índio Guarani é assim mesmo fica um tempo numa Aldeia, vai e volta. Depois dá uma saudade de uma pessoa lá que é parente dele, um irmão, mãe, pai, aí ele vai prá lá, fica lá um dois mês, fica até um ano, depois ele volta pro lugar dele de novo. Ele fica lá um tempo, depois dá aquela saudade, ele volta de novo. Guarani é sempre assim sabe. Ele anda bastante. É o jeito dele. Isso é desde os antigos,não é de hoje. É por isso que o Guarani, no meu conhecimento é sempre assim mesmo. Então antigamente não tinha carro, não tinha ônibus, ele andava a pé. Levava 2, 3 mês prá chegar numa outra Aldeia, e ele ia. Não disistia. Pegava as crianças dele, quando ele é casado, levava a mulher dele e ele ia então chegava num lugar, pode ser estranho. Ele não acha nada que aquilo alí é estranho. Chega num lugar que tem peixe, ele pesca pra arrumar alimentação pros filhos, pra mulher. Ele vai vivendo assim. Sempre foi assim. Agora até que fica mais fácil com o ônibus em 1 dia ele vai e volta outra vez. O Guarani vive desse jeito mesmo. Então eu acho que eu não posso dizer que o índio é muito andarilho,

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

fls 61

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

não é assim não. O índio é parado num lugar mesmo, no lugar dele. Mas ele sempre visita o outro. Porque o Guarani é tudo conhecido. Se tem alguém em outro lugar, por exemplo, Paraná, Mangueirinha, Rio da Cobras, tudo é pessoa que nós conhece, e é parente, é tio, é sobrinho, então vai por aí sabe. É tudo assim. Não tem pessoa estranha sendo Guarani, é tudo Guarani."

Aparício relata ainda que depois que o Sr. João da Silva chegou na Aldeia com sua família, deu saudade da mãe e da sogra e ele foi visitá-las por uns tempos.

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

ANEXO II

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

fls 63

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
Gabinete do Presidente

MEMO Nº 061 /COORD.GT/85 Brasília-DF
Do: Coordenador do GT Instituido pelo Decreto 88.118/83 Em, 25 NOV 1985
Aos: Senhores Membros do GT-Port. Interministerial 002/83
Ass: Área Indígena Guarani do Bracui - Angra dos Reis - RJ
Ref: Proc. FUNAI/BSB/3360/82

Tendo em vista o Grupo de Trabalho mencionado no Parágrafo 3º do artigo 2º, do Decreto nº 88.118/83, submeto à apreciação de V.Sas., os dados referentes à delimitação de Área Indígena Guarani do Bracui, situado no Município de Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro.

I - CONSENSO HISTÓRICO

É muito triste a história dos índios Guarani de Bracui, apesar de constituirem uma pequena comunidade, vem mantendo seus princípios, dados culturais e o idioma formando um grupo coeso que apesar de séculos de contato e as grandes pressões sofridas pelo segmento da sociedade nacional, procura resistir ao avanço de nossa sociedade através de constantes migrações, e na atualidade tem como pretensão a garantia das terras que vem habitando e utilizando para que possam viver condignamente junto a sociedade envolvente, sem a insegurança em que hoje se encontram por não as tê-los garantida.

A população envolvente os reconhece como índios Guarani, diferenciando-os da sociedade nacional, numa identidade construtiva e que mais uma vez vem reforçar a identidade étnica do grupo em questão.

Os índios Guarani de Bracui, encontram-se no Estado do Rio de Janeiro há mais de 25 anos, sendo o motivo principal de sua migração é a enorme pressão sofrida e a procura da "Terra sem Males", que segundo a sua mitologia é o litoral.

De acordo com Egon Schaden, os Guarani que se encontram no Brasil Meridional, dividen-se em três grandes sub-grupos: os Nandeva, os Mbyá e os Kayová que são marcados por diferença liguísticas e culturais

resultantes das sucessivas migrações que empreenderam sob a liderança de pajés que procuram atingir a "Terra sem Males".

Os Guarani em século passado dominavam grande extensões dos Estados Meridionais do Brasil e em territórios limítrofes do Uruguai, Argentina e Paraguai. O deslocamento ou migrações sucessivas abrangem todo o século XIX e meados do século atual, quando espalharam-se pelos atuais Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. As causas primordiais dessa migração seriam as condições espoliadoras que caracterizam a sociedade nacional. (Carvalho, Edgar de Assis, op. AT pp 04)

As condições apontadas foram também determinadas para o deslocamento do pequeno grupo Guarani de Bracui para o Estado do Rio de Janeiro, que segundo o Jornal "O Globo" pode cientificar que o grupo teria sido expulso da área do Estado do Paraná por posseiros e que se alojaram nas terras antes pertencentes aos Guarani. Em suas migrações caminharam em direção ao litoral paulista, donde foram expulsos, chegando então a Paratimirim, o grupo viveu em total isolamento por um período de 12 (doze) anos.

Em 1972, existiam segundo "O Globo" 100 (cem) Guarani no Parque Nacional de Bocaina em pequenos sítios na mata, numa extensão de 10 km.

As informações atuais colhidas junto ao cacique Karai e seus filhos, confirmaram em grande parte as reportagens realizadas.

Há cerca de 20 anos se estabeleceram no sertão do Bracuí onde fizeram pequenas picadas se estabelecendo no interior da Serra, na mata, fora dos olhos do branco.

De acordo com Karai, quando chegaram a Bracui não existia ninguém. Mais tarde chegou a estrada, o extrator de palmito e o fazendeiro que derrubava a mata para plantar bananais, abrindo estradas etc. Hoje não tem mais segurança, o animal vem rareando e as fazendas estão mais perto, não conseguem mais viverem isolados e é grande o medo de serem expulsos mais uma vez por terem sua mata derrubada e a terra que habitam entregue aos que estão chegando aos pouco

Se durante 10 anos conseguiram se isolar, hoje nã mais conseguem e enfrentam sérios problemas advindos de construção de ro dovias, de especulações imobiliárias, e do avanço de fazendas e o se principal problema é novamente como garantir a terra que vem habitando já que a sua área imemorial foi devastada e sua mata não existe mais, tend sido tomada por campos de fazendas e até pelas águas de Hidroelétricas.

II - ÁREA PROPOSTA PELA FUNAI PARA DEMARCAÇÃO

Existe 01 (uma) proposta para a regularização d quela área elaborada pelo Grupo de Trabalho que após um levantamento mi cioso, apoiando-se nas fotografias aéreas, constataram os limites e prop seram a área de 700 ha e perímetro de 20 km.

Este limite foi traçado de tal maneira a não at gir à nenhuma área beneficiada por posseiros, sem contudo alterar os obj tivos de identificação proposta pela antropóloga MARIA AUXILIADORA CRU DE SÁ LEÃO, considerada necessária e indispensável a sobrevivência d grupo, assim como para sua produção sócio-cultural (mapa e memorial des critivo em anexo).

Quanto a sua ocupação é fato incontestável pois reportagem no ano 1972 do Jornal "O Globo" atesta com soberba autoridad a sua ocupação mansa e pacífica por mais de 30 anos.

III - SITUAÇÃO ATUAL

Na área em questão, conforme o Grupo de Trabalho designado pela Portaria nº 1559/E de 29.09.83, juntamente com o Dr. JOS SILVA LEAL, pertencente ao INCRA lotado na Coordenadoria Regional do Le te Meridional do Estado do Rio de Janeiro, procederam o Levantamento Fu diário de Área Indígena Guarani-Bracui, localizada no 2º Distrito no Mu cípio de Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, e chegaram a seguint conclusão, no levantamento.

Na área em questão, encontram-se 03 (tres) como simples ocupantes, e número de 05 (cinco) ocupantes com domínios, existe ainda um ocupante que disputa Judicialmente uma área com a Fazenda EMBÚ na qual o Grupo de Trabalho não se sabe precisar se há ou não incidência nos limites proposto para a área indígena, cujas benfeitorias importaram em Cr$ 5.692.000 (cinco milhões, seiscentos e noventa e dois mil cruzeiros) levantamento este realizado em março de 1984.

A população Indígena é hoje composta de 28 (vinte e oito) índios conforme reportagem do "Correio Brasiliense" de 30/07/85, pág. 21 prestada pelo índio OKADJU na qual era assessorado pelo Sr. LUIZ FELIPE.

Tendo em vista a extrema boa vontade do Governo do Estado do Rio de Janeiro, através das Secretarias do Interior e Justiça e da Comissão de Assuntos Fundiários para a regularização da referida área, pois a mesma contará com o amplo apoio daquele Governo.

Atenciosamente,

JOSÉ APOENA SOARES DE MEIRELLES
Coordenado do GT

DPI/PTC/néa.

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

ANEXO III

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

ANO XLVIII - Rio de Janeiro, domingo, 1 de outubro de 1972 - N.º 14 253

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO

Diretor-Secretario: RICARDO MARINHO Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

fl 68 -50-

89327902/0001-

ASSOCIAÇÃO NACIONAL
APOIO AO ÍNDIO

Av. ... Conj. ...

... 90 000

PORTO ALEGRE - RS.

ÍNDIOS NA RIO SANTOS

3360/...

37

EXCLUSIVO

O GLOBO descobre uma aldeia perdida

O índio sai de sua cabana na selva: eles vivem da caça, pesca e de sua a...

A 1300 metros de altitude, dentro do Parque Nacional da Bocaina, O GLOBO localizou a aldeia perdida em que cem índios tupis-guaranis tentam preservar os costumes de seus ancestrais. Dispersas na flo-

entre os brancos para com eles formar uma comunidade na selva bem próxima e equidistante do Rio e de São Paulo — os maiores centros econômicos e culturais do País. Todos falam o tu-

O GLOBO localiza tribo na Rio-Santos

Morando em palhoças bem espalhadas na floresta para fugir ao homem branco, 100 índios tupis-guaranis vivem a poucos quilômetros da civilização, entre Rio e São Paulo — os maiores pólos econômicos e culturais do País.

O GLOBO localizou a aldeia, instalada a 1.300 metros de altura, dentro do Parque Nacional da Bocaina, a 25 quilômetros da base da estrada Rio—Santos — entre Angra dos Reis e Mambucaba — em linha reta no sentido sudeste onde nasce o rio Bracuí. Rio Claro, Bananal, São José do Barreiro, Cunha e Parati são outras cidades próxima São 30 famílias morando umas distantes das outras. Falam o tupi-guarani e alguns sabem bem o português. Tupã é o seu deus e Verá o cacique e pajé. Ele também é o reunificador do seu povo: há quatro anos que procura trazer para o parque os índios que vivem desagregados e misturados com os brancos. Objetivo: preservar as origens do seu povo, criando no parque uma espécie de reserva indígena.

As índias adotam o divórcio e usam ervas para controlar a natalidade. Todas falam o tupi-guarani

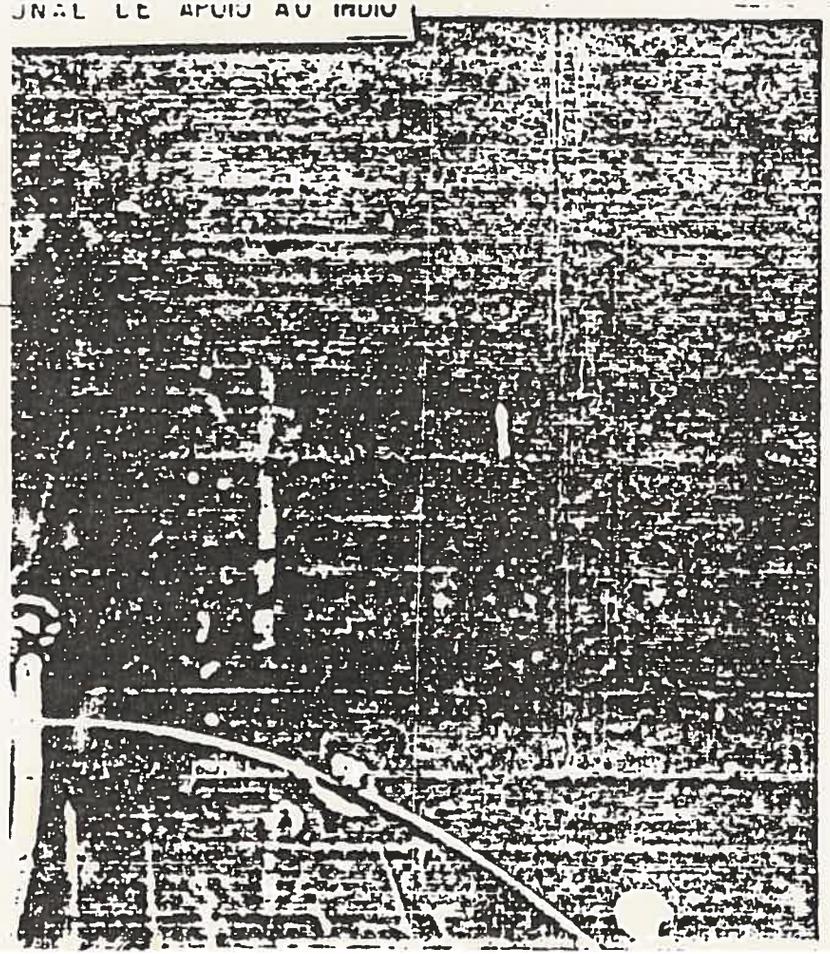
A margem da [illegible] do Rio, entre Angra dos Reis e Mambucaba, os últimos tupis-guaranis fundaram ur

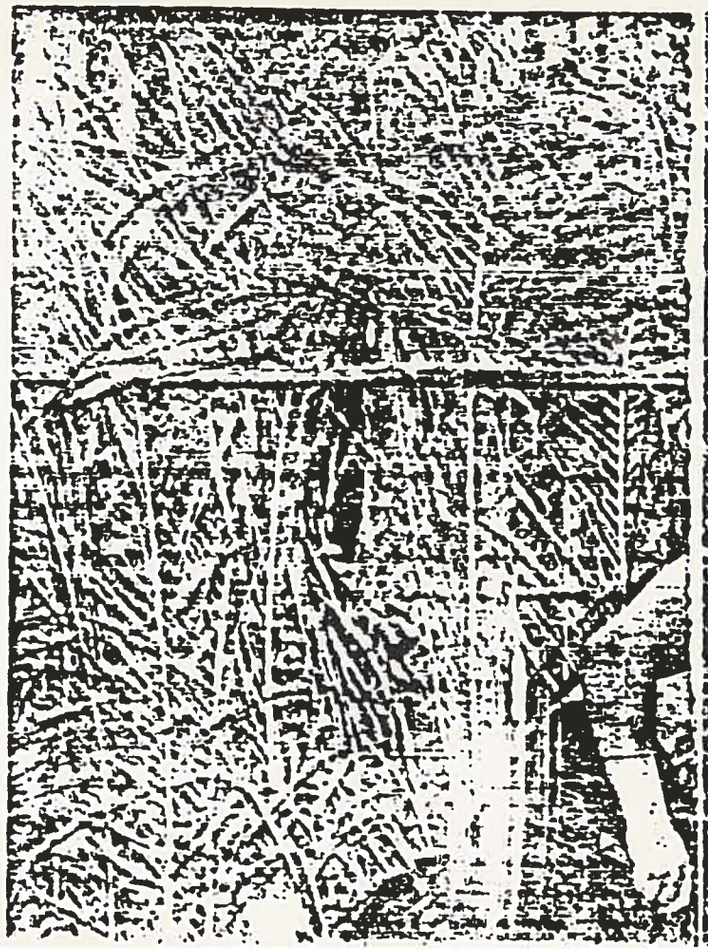
OS ÍNDIOS PREFEREM A DELES

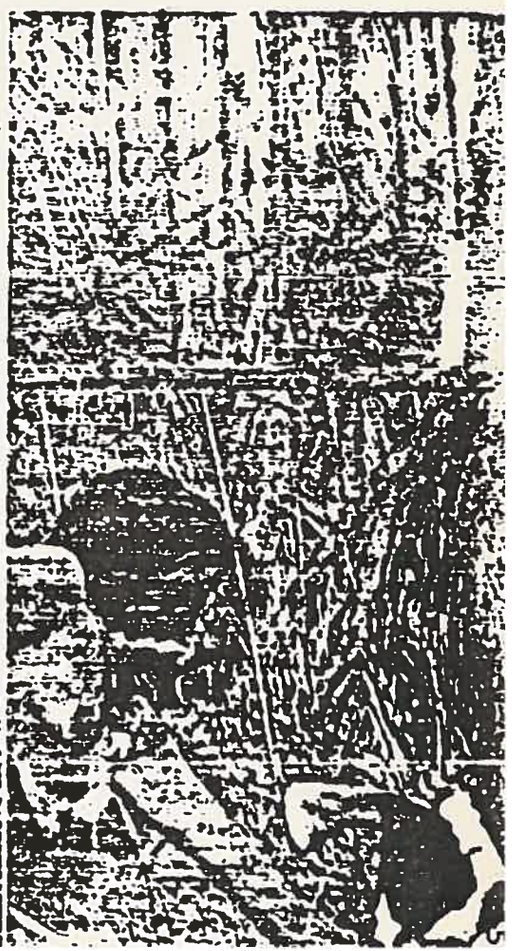
de ATENÉIA FEIJÓ • Fotos de LUIZ ALBERTO

DENTRO da mata cerrada, em plena serra da Bocaina, nas proximidades da estrada Rio—Santos, fica o esconderijo de um grupo de índios tupis-guaranis que, após cura experiência no meio civilizado, resolveu voltar à vida primitiva da floresta. Localizada a sudeste do rio Bracuí — que dá o nome à parte mais baixa daquela região — a pequena aldeia fica tão bem

JNAL DE APOIO AO INDIO





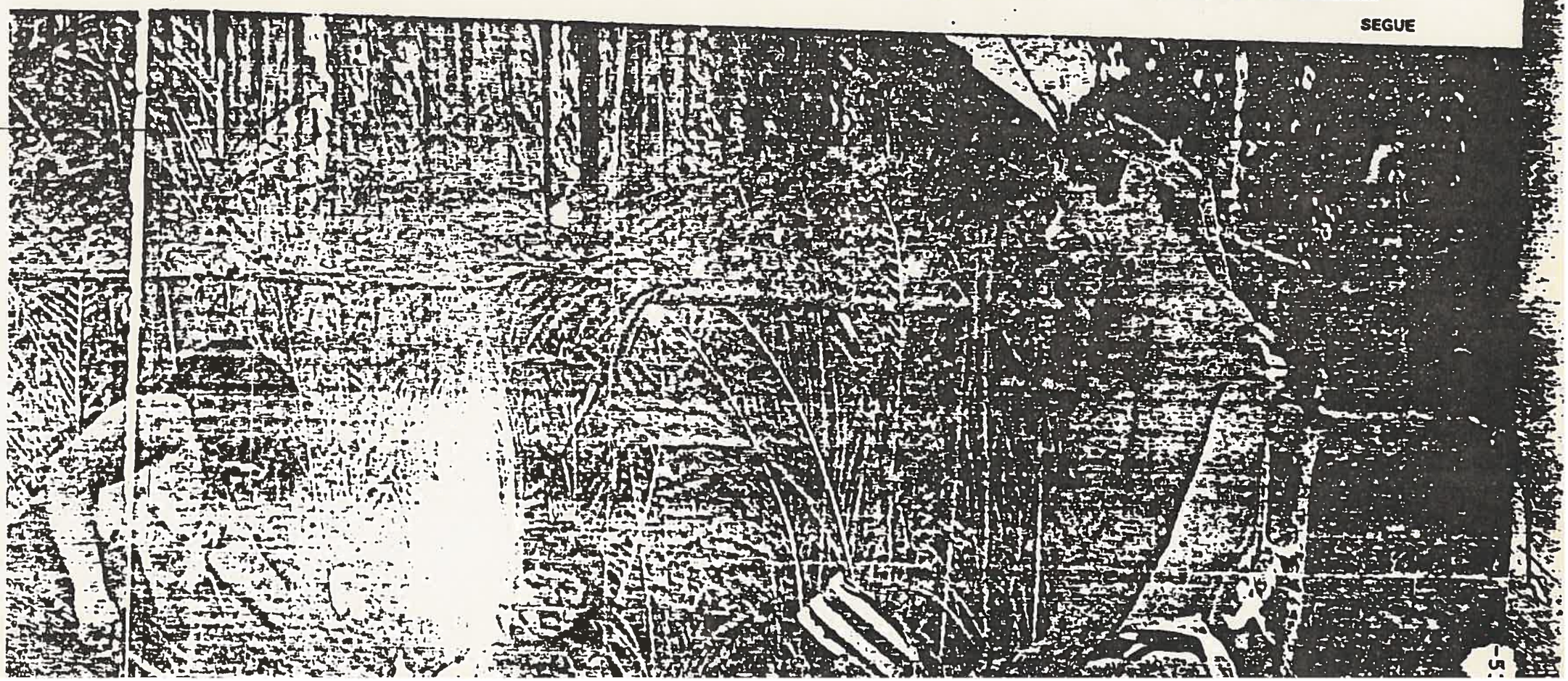


1. os últimos tupis-guaranis [illegible] uma aldeia-esconderijo, para fugir à incompreensão dos brancos civilizados

EM

DENTRO da mata cerrada, em plena serra da Bocaina, nas proximidades da estrada Rio—Santos, fica o esconderijo de um grupo de índios tupis-guaranis que, após dura experiência no meio civilizado, resolveu voltar à vida primitiva da floresta. Localizada a sudeste do rio Bracuí — que dá o nome à parte mais baixa daquela região — a pequena aldeia fica tão bem guardada de olhos curiosos, plantada em local alto e coberto de mato denso, que é praticamente impossível surpreender a presença dos índios. Não existe estrada ou picada aberta até o refúgio. A única via de acesso é uma espécie de trilha, feita pela marca dos passos dos próprios índios, e por onde é necessário seguir a pé, mata acima. Esse rastro só pode ser reconhecido por quem estiver muito identificado com a vida na selva. Assim, existem apenas duas maneiras de visitar os tupis: ser levado às oó (casas) por um dos próprios guaranis — que às vezes descem até Bracuí, para fazer compras — ou conseguir um guia que seja conhecido deles. Nesse caso, só há um homem, Aroldo, o amigo negro do cacique Verá, cujo nome em nacional (português) é Alcebiades Martins Ramos. Fomos encontrar Aroldo depois de meia hora de caminhada, em sua rocinha, na parte baixa da mata. Nascido e criado naquela região, a terra não tem segredo para ele. Ouviu, meditou e acabou concordando em nos levar ao refúgio dos seus amigos: "Eles foram para o sertão, lá em cima, porque aqui eram maltratados."

SEGUE



PLANO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO CULTURAL
DA COMUNIDADE INDÍGENA GUARANI DA REGIÃO DE BRACUÍ
PROJETO GUARANI
ANAÍ/RJ.
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO

fls 72
3360/82
40

Tupis voltam à floresta

As palhoças são construidas com troncos de árvores novas, folhas de palmeira e bambu gigante

PLANO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO CULTURAL
DA COMUNIDADE INDÍGENA GUARANI DA REGIÃO DE BRACUÍ
PROJETO GUARANI
ANAÍ/RJ.
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO

PLANO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO CULTURAL
DA COMUNIDADE INDÍGENA GUARANI DA REGIÃO DE BRACUÍ
PROJETO GUARANI
ANAÍ/RJ.
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO

HÁ TRÊS meses, a reportagem de O GLOBO teve a primeira notícia de que caraíndios, que às vezes são vistos caminhando no rumo do Rio—Santos, não eram simples índios isolados, aculturados ou semi-civilizados. Na localidade de Patrimônio, em Paraty, quase na divisa do Estado do Rio com São Paulo, foi encontrada uma família de nove índios, à noite, abrigando-se sob as árvores para dormir. Só um falava, mal, o português e a única informação que pôde ser entendida foi a de que vinham da localidade de Taquari, entre Paraty e Angra dos Reis. Estavam fugindo da aldeia onde mais 40 índios também se preparavam para sair, devido à obra da Rio—Santos, e os donos de terras.

Na semana passada, os repórteres saíram percorrendo o litoral sul fluminense, com destino a Ubatuba, São Paulo, para localizar os índios. Nos quatro primeiros dias, nenhum vestígio foi encontrado. Em todas as localidades visitadas a resposta era sempre a mesma: ninguém sabia de índios; alguns jamais ouviram falar; outros diziam ter visto de passagem, mas que não era selvagens, vestiam roupas comuns.

No final do quarto dia, o dono de uma loja de artesanato em Paraty, forneceu a primeira pista positiva: deveria, juntamente com um pastor protestante de sua igreja, encontrará com um índio vendendo cestas perto do rio Bracuí.

Viajando por Cunha, São José do Barreiro e Bananal, os repórteres amanheceram o domingo às margens do rio Bracuí, onde já haviam estado antes. Agora, tinham uma informação segura. Seu Dito, dono de uma tendinha, era quem fornecia mantimentos aos índios, em troca de artesanato.

Seu Dito ficou de avisar quando o índio Karai aparecesse. Uma ou duas vezes por semana ele descia para levar sal, feijão e café. A última vez que aparecera fora na quinta-feira. Não havia certeza que viesse naquele dia. Mas ele apareceu. Eram sete horas da manhã.

A princípio, desconfiado, evitou conversar com os desconhecidos. Contou ao dono da tendinha que além dos mantimentos habituais, precisava arranjar alguma roupa para a mulher do cacique. Ela estava doente e morrendo com o frio e a umidade do alto da serra, onde não parava de chover há quatro dias.

Os repórteres prometeram arranjar um vestido e ele se dirigiu comunicativo. Disse que normalmente não precisam de agasalhos, mas como ainda não se habituaram ao frio do alto da serra, frequentemente ficam resfriados.

Depois de hesitar — porque não sabia se o cacique aprovaria — Karai concordou em levar os repórteres à aldeia. Mas avisou: é muito longe, e é a primeira vez que brancos irão lá. Tentou convencer os repórteres a desistirem, dizendo que na serra só havia quatro índios.

A caminhada foi iniciada com o dia amanhecendo. A partida foi alegre. Ninguém supunha o quanto a marcha seria dura, longa e cheia de imprevistos. A chuva que caía há quatro dias continuava, fina mas persistente. O destino era subir o rio Bracuí pela margem esquerda, para alcançar um dos seus afluentes, o Itatinga.

Depois de longa caminhada, a floresta foi se tornando mais fechada e não tornou a revelar que o tapete repugnante, visto à distância, era bem diferente. Sob as grandes árvores a temperatura variava repentinamente: de fresca e agradável para um abafamento opressivo. A chuva se alternava com fortes rajadas. A mata apareceu limpa em poucos locais, permitindo uma caminhada natural. Em toda parte um denso cipoal, apoiando-se nas árvores e trançando-se à espinhos e arbustos.

Eram 12 horas quando surgiu o primeiro sinal de que a aldeia estava perto: adiante uma roça, junto a uma pequena queimada. Todos tiraram, alegremente e aliviados. Um caminho arenoso e bem visível, subia o barranco onde apareciam duas palhoças a 200 metros na frente. Dois cachorros — Jaguar e Guarani — começaram a latir. Não aparecia ninguém. Um milharal ainda novo rodeava as palhoças. A da frente, retangular e grande, com teto de bambu, iria abrigar a todos da chuva.

Fumando o tambori, o cacique Verá (acima) contou a história do seu povo. As mulheres ninam os bebês (alto, a direita), enquanto trabalham; nas cozinhas as panelas são as mais da civilização.

SEM QUE se soubesse de que direção saiu, surgiu o cacique Verá. Vinha do mato e trazia na mão um kamba, pego no mundeu (armadilha de raça). Na mão direita o arco e as flechas. Na cabeça ostentava o agorá, símbolo de sua autoridade. Olhou algum tempo para os desconhecidos e trocou palavras com Karai. Este explicou, ele riu, e convidou a acompanhá-lo até a palhoça.

Aos poucos apareceram as mulheres, vencidas pela curiosidade, junto com as crianças. O busto descoberto. Na cintura apenas um trapo enrolado.

Deitada num catre, encolhida, uma velha índia parecia dormir. Iwá, a mulher do cacique. Tinha dores nos olhos e febre alta. Apesar de ter 60 anos parecia ter

189327902/0001-40
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO
Av. P[illegible] Alves, 5[illegible] - Conj. 3[illegible]
C[illegible] - CEP. [illegible]
PORTO ALEGRE - [illegible]
3360

mais de 80. Os índios quando têm contato com os civilizados morrem mais cedo. Isso — segundo o cacique — justifica a necessidade de viverem isolados no parque.

Parque indígena

Fumando o seu tambor (cachimbo feito com nó de pinho) o cacique contou para os repórteres os problemas do seu povo e o que eles [illegible]eram. Diante de todos, como se fizesse um discurso, falou das perseguições dos donos de terras e da destruição do seu povo. Disse que os que se misturaram com os civilizados já não são índios nem civilizados. Não podem viver na cidade nem conseguem mais viver na selva porque o que aprenderam não lhes serve de nada.

— Índio quer paz. Nós somos criaturinhas de Tupã.

da conseguiram negociar nas taxas máximas. Como a escassez de papel no prazo curto, entretanto, foi se fazendo sentir, as taxas começaram realmente a cair, embora a procura se mantivesse inalterada. A preferência dos aplicadores concentrava em dezembro, mes em que as pessoas jurídicas completam seus balanços e para isto tem necessidade de grande encaixe de dinheiro.

trando maior participação de recursos de investidores não sofisticados no mercado.

Informação de corretora

A abertura total de informações em relação aos resultados apersentados pelas sociedades corretoras, ao contrário do que muitos técnicos consideram, é muito importante para a análise da situação do mercado financeiro. A abertura total de informações deve se referir às empresas, aos intermediários financeiros (entre estes corretoras) e autoridades monetárias. No entanto, muitas corretoras não têm procurado adotar esta política, mesmo apresentando bons resultados.

Os intermediários, segundos os analistas, deveriam ser os primeiros a dar exemplo as sociedades de capital aberto para que adotem uma filosofia de abertura total de informações ao mercado. No primeiro semestre deste ano, os debates em torno do "full dislosure" mostraram que somente com esta abertura, o mercado poderá tornar-se mais racional e eficiente.

Opção dos Fundos

Os fundos de investimentos encerraram o mês de setembro com movimento reduzido em suas carteiras. Nesta última semana, pequenas trocas de posição e eventuais manobras para aproveitamento de preços, constituiram a tática utilizada.

A entrada dos recursos do decreto 157, que no início do mês era apontada como possível fator de ativação dos fundos mostrou-se insuficiente para provocar um remanejamento maior, mes[illegible] porque as condições de preço no mercado não foram favoráveis. O capital injetado foi rapidamente absorvido, com detalhe apenas: como a resolução 221 do Banco Central estabeleceu percentuais de encarte a serem obedecidos e destinados a ações de pequeno e médio porte, os fundos, quando compraram, operaram com estes papéis chamados de segunda linha.

Esta pequena reorientação de posições, que não chegou a alterar substancialmente o "portfolio" de nenhum dos grandes fundos, foi quase toda realizada na Bol[illegible]

ras quanto à interpretação dos critérios da 221 também contribuiu para que nenhum remanejamento de peso fosse observado: os empresários estão realizando gestões junto ao Banco Central para saber se podem ter em suas carteiras um máximo de 25% em ações de companhias estrangeiras.

Segundo alguns administradores, o momento atual do mercado coloca em discussão um problema institucional para os fundos: como administradores de carteiras eles têm condições de operarem em aplicações de longo prazo, ou o jogo da liquidez em Bolsa os obriga a guiarem-se por curtos períodos de tempo?

Na última semana, por exemplo, as trocas de posição eventual foram quase todas realizadas com as blue chips do mercado e não se constituiram propriamente em investimentos. Mas em operações para garantir liquidez ao fundo. As aplicações por prazos maiores, em empresas de segunda linha, foram efetivadas por força da legislação do Banco Cen[illegible]

PLANO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO CULTURAL
DA COMUNIDADE INDÍGENA GUARANI DA REGIÃO DE BRACUÍ
PROJETO GUARANI
ANAÍ/RJ.
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO

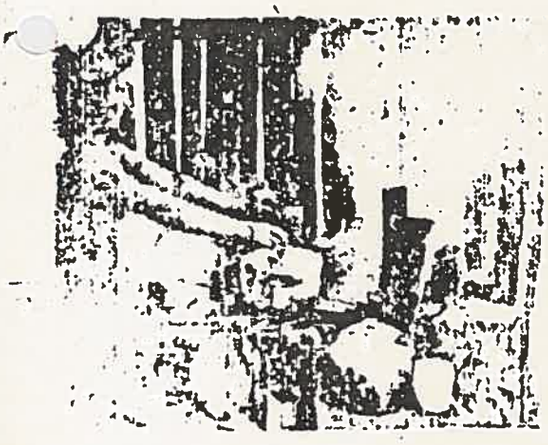
PROC. Nº 3360/82
FOLHA 42
8932702/0001-10
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO
Av. Pedro Alves, 960 Conj. 34
Centro - CEP. 90.000
PORTO ALEGRE - RS.

Com eles, o primeiro contato

ANDANDO nus ou vestidos com pequenas tangas, uns acreditando num deus bom e num espírito mau, conhecendo tecelagem, construindo casas e jangadas, pescando e caçando, assim foram encontrados os indígenas brasileiros pelos europeus. Eles não tiveram necessidade de braços para a lavoura e passaram a escravizar o índio, não houve interferência na maneira de viver do nativo. As tribos que não resistiram e lutaram ou fugiram para o sertão, submeteram-se gradativamente aos colonizadores fazendo desaparecer seus usos e costumes. Como resultado, a cultura indígena aparece em nossos dias muito diluída.

Embora existissem vários grupos espalhados pelo território brasileiro, os usos e costumes dos tupis são os mais conhecidos, pois foi principalmente com eles que os portugueses mantiveram contato durante o período da colonização. A prova é a língua que se tem sobre o nosso índio está na carta de Pero Vaz de Caminha. [illegible] deles é de [illegible] de [illegible] correr [illegible] cães, de [illegible] mulheres [illegible] tos e comprimentos [illegible] educação."

O [illegible] era [illegible] do Vale do [illegible] e Paraná [illegible] migratório, [illegible] sul-norte [illegible] pela [illegible] Serra do Mar [illegible] pelo litoral [illegible] Caminhando pelo [illegible] chegaram até o Amazonas e a parte oriental da Guiana; subindo pelo vale do Paraguai atingiram a Bolívia. Suas principais tribos eram os Tupi, no interior, Cerca [illegible] Tupinambá e Tamoios, no Rio de Janeiro, Tupiniquim, no Espírito Santo; Tupinambás e Tupinaquins na Bahia e Potiguares, no Nordeste. A língua de maior expressão — entre 70 troncos linguísticos do Brasil — era o tupi-guarani, dividido em três grupos fundamentais: o nheengatu do Amazonas, o arawakano, ou tupi da costa, língua geral; e o guarani falado na área meridional.



[illegible] tamboril [illegible] de [illegible] pa[illegible] [illegible] que [illegible] dis[illegible] [illegible] e [illegible] pois [illegible] já [illegible] mais [illegible] que o que não lhes serve [illegible] quer paz. Nos sonhas de Tupã e só queremos ter uma terrinha onde plantar mandioca, cana, feijão, arroz e batata. Os brancos dizem que índio não presta, que só quer roubar e avançar nos outros (brigar). A gente não quer isso. Nós pensamos que se deixarem o nosso povo viver em paz, podemos proteger aqui a nossa natureza e aves origens. Se o chefe dos brancos deixar, nós podemos fazer aqui um lugar para os índios. As terras são boas.

Quando o cacique terminou, houve um silêncio indignado.

Como vivem

As famílias estão instaladas em pequenos sítios, separados e muito bem escondidos, dentro da mata, numa extensão de mais de 10 quilômetros. Ligam-se entre si por meio de picadas. O centro de tudo é a palhoça do cacique Verá, onde há mais duas: a do seu cunhado Karai e do sobrinho Tudjai.

Ao redor das palhoças eles plantam milho, mandioca, mamão, feijão, arroz e batata. Criam galinhas e porcos. Os cachorros servem para espantar as jaguatirica[illegible] que rondam as palhoças.

Constróem suas casas com troncos de árvores novas, folhas de palmeira e bambu-giranto. O interior da palhoça é arejado. Dormem em catres feitos de varas finas e redes trançadas de imbé. As crianças pequenas dormem em cestos de fibra de taboca (espécie de bambu fino). Os cestos pendem de cipós amarrados nas paredes para que as índias possam balançá-los, de passagem, enquanto executam seus afazeres.

O fogão de lenha, é feito de barro (tabatinga). Usam panelas de alumínio e latas para cozinhar e guardar mantimentos — fruto da influência dos civilizados e de quem eles obtem esse utensílios, em troca do artesanato que fabricam.

O cacique Verá contou a história de seu povo e da desagregação que destruiu a sua tribo de mais de 400 índios. Contou como vivem hoje — procurando fugir à perseguição dos brancos donos de terras — de caça e pesca com arco e flecha e contou vantagens de caçador. Mostrou orgulhosamente a pele da onça de 56 quilos que matou na semana passada, com uma flechada.

Diz que não quer que seu povo perca as origens da raça. Apesar disso, reconhece que a convivência esporádica com o branco e sua técnica já influenciaram bastante os seus hábitos, coisa que não pôde evitar.

A família

O divórcio, segundo o cacique, é uma velha instituição entre os índios. Funciona naturalmente, sempre que um casal deixe de viver em paz. Quando a mulher quer separar-se do marido, desarma sua rede ou desmonta o catre e volta para a casa dos pais.

— Se está com raiva — conta rindo o cacique — ela põe fogo na cama do marido. Se a raiva é muita, queima o marido junto com a rama.

Dentro da estrutura familiar tratam-se por sogro, genro e cunhado. O cacique é pai — no caso Vera — espiritual e médico ao mesmo tempo. As doenças são tratadas com chás.

A [illegible] organização familiar desses índios mudou muito. Antigamente, as moças eram obrigadas à reclusão, até a época da puberdade. A influência civilizada acabou, em alguns casos, com isso. Libertas da reclusão, as moças logo após aquela fase já adquirem a liberdade. Podem ter casamentos temporários com membros importantes e destacados da tribo, e também manter relações com jovens. Em troca podem receber presentes, sem que isso seja tomado como prostituição. Evitam filhos tomando chás de ervas que causam abortos.

Terra prometida

Segundo o cacique Verá, há mais de cinco anos o seu povo vem levando vida errante. Nos últimos 20 anos foram expulsos de vários locais onde pretendiam se instalar.

Sua tribo é originária do alto Paraná. Junto ao Rio Iguaçu com a chegada [illegible] posseiros de terras, uma parte da tribo foi expulsa. Os [illegible] atravessaram o litoral [illegible] para se instalar em Itariri, em São Paulo, onde já [illegible] tinha outros índios. Novamente foram expulsos pelos [illegible] atraídos pela valorização [illegible] Vieram se instalar em Parelheiros, município de Parati, no Estado do Rio. Ali viveram isolados da civilização durante 12 anos, até que também foram expulsos, há seis anos. Os brancos chegaram e tomaram conta das terras e destruíram suas plantações.

Há quatro anos, quando o velho cacique Papá, pai de Verá morreu — "com 150 anos" — ele tomou o seu lugar e iniciou o trabalho de reunificação dos guaranis. Esse trabalho já corria sérios riscos. Viu que as terras baixas eram cobiçadas e o branco os perseguiam. Escolheu o alto da Serra da Bocaina, dentro do Parque Nacional, como lugar inacessível e ideal para reunir os índios. Está levando para lá todos os guaranis que ainda não esqueceram suas origens culturais e não se converteram à vida civilizada.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO CULTURAL
DA COMUNIDADE INDÍGENA GUARANI DA REGIÃO DE BRACUÍ
PROJETO GUARANI
ANAÍ/RJ.
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO

(8)

fls 76 -58-

360

43

PLANO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO CULTURAL
DA COMUNIDADE INDÍGENA GUARANI DA REGIÃO DE BRACUÍ

PROJETO GUARANI

ANAÍ/RJ.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO

Daçucá, a mais jovem e sorridente mulher do grupo indio, gosta de cuidar de crianças, mesmo quando não são suas (acima). Embaixo, o cacique Verá exibe o tatu recém-caçado. Ele mora numa oó (casa) de palha, mas quer ter uma oó feita de tijolos, à altura de sua dignidade.

89327902/[illegible]

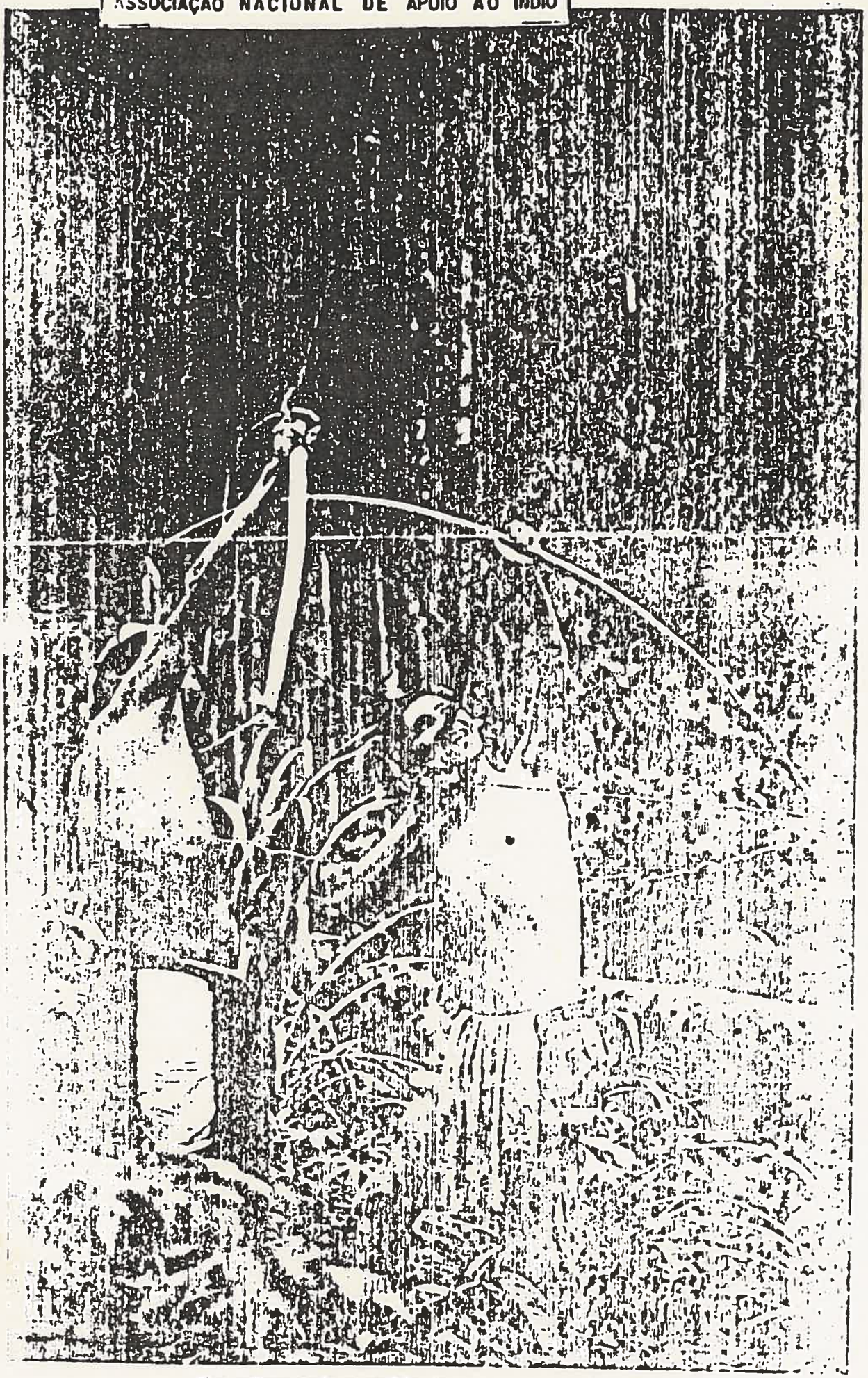
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
APOIO AO ÍNDIO

Av. [illegible] Alves, 5[illegible] - [illegible] 3-1

[illegible] - CEP. 90.000

PORTO ALEGRE - RS.

PROJETO GUARANI
ANAÍ/RJ.
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO



Eles exibem toda a perícia dos seus antepassados no uso do arco e da flecha

plantada em local alto e coberto de mato denso, que é praticamente impossível surpreender a presença dos índios. Não existe estrada ou picada aberta até o refúgio. A única via de acesso é uma espécie de trilha, feita pela marca dos passos dos próprios índios, e por onde é necessário seguir a pé, mata acima. Esse rastro só estiver muito identificado com a vida na selva. Assim, existem apenas duas maneiras de visitar os tupis: ser levado às oó (casas) por um dos próprios guaranis — que às vezes descem até Bracuí, para fazer compras — ou conseguir um guia que seja conhecido deles. Nesse caso, só há um homem, Aroldo, o amigo negro do cacique Verá, cujo Alcebíades Martins Ramos. Fomos encontrar Aroldo depois de meia hora de caminhada, em sua rocinha, na parte baixa da mata. Nascido e criado naquela região, a terra não tem segredo para ele. Ouviu, meditou e acabou concordando em nos levar ao refúgio dos seus amigos: "Eles foram para o sertão, lá em cima, porque aqui eram maltratados."

SEGUE

[illegible]les só usam roupa de branco como curtição, conhecem rádi[illegible]
mas se comunicam por assovios e dizem que a cidade grande tem muitos

FICOU combinado que o velho Aroldo nos esperaria, no dia seguinte, à beira da estrada, para iniciarmos a subida.
Ele cumpriu a palavra. Assim que nos viu, foi logo dizendo: "Ontem mesmo eu fui à roça do cacique Verá e ele concordou em receber vocês, depois que expliquei serem pessoas direitas e de boa intenção."
Alegre, descalço, marchando em passo miúdo e veloz, que tínhamos dificuldades em acompanhar, Aroldo parecia o dono da mata. Depois de meia hora de marcha por dentro da floresta, subindo sempre, chegamos a um pequeno rio meio encachoeirado sobre o seu leito de pedras: "Estamos perto. É aqui que eles tomam banho, lavam [illegible] e apanham água para [illegible]." Mais alguns metros de encosta íngreme e alcançamos uma espécie de platô, onde se abria uma acolhedora clareira, na qual estavam plantados os roçados e as oós dos tupis-guaranis. Verá, o cacique, apareceu, rindo. Nosso aspecto devia ser cômico. Estávamos suados, afogueados, a respiração descompassada e a roupa suja dos trambolhões no caminho. Quem falou primeiro foi o cacique:
— Muito cansados. Caminho muito difícil.
[illegible] e fez sinal para que nos aproximássemos. Sentamos no chão, para descansar. A umidade da mata, entrecortada de promessas de chuva, não ajudava o repouso. [illegible] fosse alguma coisa em guarani e logo as mulheres do [illegible] apareceram, rindo [illegible]. Só Eua, a companheira [illegible] que, parecia triste [illegible] ser a mais velha do [illegible] está quase cega, sofrendo [illegible] doença nos olhos que [illegible] ser catarata. Eua não [illegible] nenhuma vez. Krechu, [illegible] Verá casada com Karai e [illegible] seis filhos, apesar de [illegible] parecia à vontade entre [illegible].

EUA, a mais jovem de todas, sobrinha do grande chefe e mulher de Tediú, era a mais sorridente. Só as crianças tinham o ar assustado. Krechu explicou, num nacional muito enrolado, que o marido saíra para caçar, mas voltaria breve.
Tediú apareceu logo depois — estivera à procura de um facão perdido no mato. Enquanto observávamos o recém-chegado, Verá surgiu no interior da sua oó — toca de troncos finos de árvore e coberta com folhas de palmeira — e [illegible] chefe) na cabeça. Vestia calças compridas escuras e uma camisa surrada. Os pés continuavam descalços. A roupa — todos estavam vestidos — que, no início, julgamos serem usadas por causa do frio, têm para os índios mais um sentido de curtição.
Volta e meia um tupi desaparecia e voltava do interior da oó com um traje diferente. Realizaram, cheios de vaidade e alegria, um verdadeiro desfile de roupas velhas e amarfanhadas, guardadas em malas estragadas. Eles não conhecem o ferro de passar, apenas lavam suas calças e blusas.
As mulheres se ocupam da cozinha, cuidam das crianças, dedicam-se ao artesanato (cestinhas de palha de taquara, colares de penas, arco, flechas para vender) e cuidam da roupa. Os homens caçam e trabalham no roçado. Plantam milho, mandioca, batata, abóbora, arroz, melancia, utilizando todos os recursos primitivos de que dispõem. Seus únicos instrumentos de trabalho são uma enxada, uma foice, um machado e dois facões velhos.

PARA caçar, só usam o gurapá (arco), o uê (flecha com ponta de lâmina fina e resistente, destinada a abater onças e animais de grande porte), e o gurupiá (flecha com ponta em feito de pião invertido, feita de madeira, própria para matar jacu e outras aves). Mas agora não é tempo de caça e Verá nos explica a razão: "Os bichos estão criando, quem for caçar agora desequilibra tudo, encrenca tudo. Depois, pode-se caçar à vontade: a mata tem tatu, cotia, paca, gambá, macaco, bupio, queixada, catete, onça, anta, jacu, jacutinga, macuco, tucano, pavão e saripoca.
Jaguatirica tem muita. Cobra tem, mas muito pouca."
Nessa época de proibição de caça, eles utilizam o mondé (armadilha) para pegar algum tatu ou gambá (bichos que se reproduzem muito depressa) e, assim, não ficarem totalmente desprovidos de carne. Estão apenas começando a criar galinhas e porcos. Gostam de comer feijão, arroz — tão empapado que tem aparência de sopa — mandioca, batata e outros tubérculos que colhem no roçado. O modo de preparar não muda: o que não é cozido, é assado. O fogão, feito de barro, funciona a lenha. No interior das oós, apesar da existência de panelas velhas, malas antigas civilizados e da presença surpreendente de algum rádio de pilha, o aspecto continua sendo primitivo. Não existem armários, mesas, cadeiras, bancos ou camas.

OS índios dormem na tupá (espécie de catre), armada sobre quatro forquilhas de um metro de altura. Pelo tamanho das tupás (muito curtas e estreitas), ficamos imaginando de que maneira eles se ajeitam para dormir. Após a longa explicação, compreendemos que Verá e seus parentes nunca souberam o que é um sono de pernas esticadas. Indiozinho [illegible] colo tem mais conforto: ele dorme no adjacá, espécie de berço, feito de fibra de taboca, que fica pendurado por cipós na parede da oó.
Quem nos dava a maior parte dos esclarecimentos era o próprio Verá, pois além de grande cacique possui temperamento comunicativo e alegre, além de falar razoavelmente o nacional. De acordo com o comentário de Krechu, todo cacique tupi-guarani deve ser dono de notória sabedoria. Quando Krechu acabou de fazer essa revelação, ouvimos um apito muito estranho, ecoando por toda a mata. Era Verá, que assoprava nas mãos unidas em concha e apoiadas com força junto ao queixo. Daí a pouco ouvimos a resposta: outro assovio impressionante, impossível de ser descrito. As índias começaram a tagarelar entre si, no seu idioma nativo, ao mesmo tempo em que soltavam risinhos abafados. Elas se divertiam com a nossa cara de espanto. Verá explicou a razão do alarido: "Estou chamando Karai. Ele já respondeu, está perto. Vai aparecer logo. Quero o meu povo vestido de tupi-guarani para vocês tirarem retrato. Só está faltando ele."
Minutos depois, apareceu Karai, trazendo um tatu pendurado nas costas. Verá deu uma ordem em seu idioma e todos entraram nas oós, fazendo um sinal para que esperássemos um pouco.
Daí a instantes, voltaram a aparecer, nus da cintura para cima. As mulheres usavam um pano enrolado nos quadris, que ia até os joelhos. Os homens haviam arregaçado as calças e, atravessando um trapo sobre elas, afirmavam que estavam de tanga. Era uma espécie de paródia, entre comovente e engraçada, da indumentária dos seus antepassados. Em seguida, flecha [illegible] uma ca[illegible] uma fo[illegible] terreiro. Alguns [illegible] cachimb[illegible] usados [illegible] e ficara[illegible] na roça, [illegible] encaixad[illegible] começo[illegible] palha de[illegible] se despi[illegible] falsas ta[illegible] demonst[illegible] ancestrai[illegible] degradad[illegible] brancos.
[illegible] e co[illegible] civiliz[illegible] um espet[illegible] pitoresco[illegible] de terno[illegible] apareceu[illegible] Krechu se[illegible] novo, tom[illegible] cuia feita[illegible] mombi (n[illegible] coador de[illegible] trançado). [illegible] pelo fato[illegible] originários[illegible]

— NÓS [illegible] cr[illegible] conta Ver[illegible] numa gra[illegible] mil casais, [illegible] Iguaçu. A [illegible] Proteção a[illegible] índios de [illegible] do meu p[illegible] São Paulo. [illegible] ficar e fom[illegible] até chegar [illegible] pousamos. [illegible] Krechu est[illegible] de Janeiro [illegible] refere à C[illegible] Governado[illegible] para servi[illegible] A grande [illegible] é saber qu[illegible] os índios [illegible] preguiçoso[illegible] índio mata [illegible] mata e rou[illegible] Na floresta [illegible] nem precis[illegible] de civiliza[illegible] conta dele[illegible]

VERÁ c[illegible] à cida[illegible] cruzeiros. E[illegible] viajou para [illegible] vender arco[illegible] estava esca[illegible] tomaram tu[illegible] não tinha h[illegible] Outro desg[illegible] esbulho qu[illegible] um lavrado[illegible]

só usam roupa de branco como curtição, conhecem rádio de pilha a por assovios e dizem que a cidade grande tem muitos perigos

lefe) na cabeça. Vestia calças ompridas escuras e uma camisa urrada. Os pés continuavam lescalços. A roupa — todos stavam vestidos — que, no inicio, lgamos serem usadas por causa o frio, tem para os índios mais m sentido de curtição.
Volta e meia um tupi desaparecia e voltava do interior da oó com m traje diferente. Realizaram, heios de vaidade e alegria, m verdadeiro desfile de opas velhas e amarfanhadas, olocadas em malas estragadas. s não conhecem o ferro de assar, apenas lavam suas alças e blusas
s mulheres se ocupam da ozinha, cuidam das crianças, edicam-se ao artesanato esteiras de palha de taquara olares de penas, arco, flechas para vender) e cuidam da roupa. Os homens caçam e trabalham no Plantam milho, na oca, batata, abobora, arroz, melancia, utilizando todos os recursos primitivos de que dispõem. Seus únicos nstrumentos de trabalho são uma enxada, uma foice, um machado e dois facões velhos.

PARA caçar, só usam o gurapá (arco), o uê (flecha m ponta de lâmina fina e esistente, destinada a abater aças e animais de grande porte), gurupiá (flecha com ponta em eio de pião invertido, feita de ladeira, própria para matar ra e outras aves). Mas agora o tempo de caça e Verá nos plica a razão: "Os bichos estão ando, quem foi caçar agora poderá tudo, encrenca tudo. pode se caçar à a mata tem tatu, cotia, gamba, macaco, bugio, ete, onça, anta, queixada, macuco, tucano, e carpinteiro. tem muita. Cobra tem, pouca."
ença de proibição de ilizam o mondé para pegar algum gamba (bichos que se em muito depressa) e, não ficarem totalmente desprezados de carne. Estão apenas começando a criar galinhas e porcos. Gostam de comer arroz — tão empapado que tem aparência de sopa — mandioca, batata e outros tubérculos que colhem no roçado. O modo de preparar não muda: o que não é cozido, é assado. O fogão, feito de barro, funciona a lenha. No interior das oós, apesar da existência de panelas velhas, malas antigas, civilizados e da presença surpreendente de algum rádio de pilha, o aspecto continua sendo primitivo. Não existem armarios, mesas, cadeiras, bancos ou camas.

OS índios dormem na tupá (espécie de catre), armada sobre quatro forquilhas de um metro de altura. Pelo tamanho das tupás (muito curtas e estreitas), ficamos imaginando de que maneira eles se ajeitam para dormir. Após a longa explicação, compreendemos que Verá e seus parentes nunca souberam o que é um sono de pernas esticadas. Indiozinho de colo tem mais conforto: ele dorme no adjacá, espécie de berço, feito de fibra de taboca, que fica pendurado por cipós na parede da oó.
Quem nos dava a maior parte dos esclarecimentos era o próprio Verá, pois além de grande cacique possui temperamento comunicativo e alegre, além de falar razoavelmente o nacional. De acordo com o comentário de Krechu, todo cacique tupi-guarani deve ser dono de notória sabedoria. Quando Krechu acabou de fazer essa revelação, ouvimos um apito muito estranho, ecoando por toda a mata. Era Verá, que assoprava nas mãos unidas em concha e apoiadas com força junto ao queixo. Daí a pouco ouvimos a resposta: outro assovio impressionante, impossível de ser descrito. As índias começaram a tagarelar entre si, no seu idioma nativo, ao mesmo tempo em que soltavam risinhos abafados. Elas se divertiam com a nossa cara de espanto. Verá explicou a razão do alarido: "Estou chamando Karai. Ele já respondeu, está perto. Vai aparecer logo. Quero o meu povo vestido de tupi-guarani para vocês tirarem retrato. Só está faltando ele." Minutos depois, apareceu Karai, trazendo um tatu pendurado nas costas. Verá deu uma ordem em seu idioma e todos entraram nas oós, fazendo um sinal para que esperássemos um pouco. Daí a instantes, voltaram a aparecer, nus da cintura para cima. As mulheres usavam um pano enrolado nos quadris, que ia até os joelhos. Os homens haviam arregaçado as calças e, atravessando um trapo sobre elas, afirmavam que estavam de tanga. Era uma espécie de paródia, entre comovente e engraçada, da indumentária dos seus antepassados. Em seguida, amarraram fibra de cipó nas flecha e começaram a representar uma caçada. Depois, acenderam uma fogueirinha no meio do terreiro e assaram o tatu.
Alguns pegaram os petanguás — cachimbos de nós de pinho, usados na hora das orações — e ficaram pitando. Krechu passou na roça, com o filhinho encaixado nos quadris. Daçucá começou a tecer uma cestinha de palha de taquara. Até as crianças se despiram e imitaram falsas tangas. Era uma demonstração dos seus hábitos ancestrais, de sua cultura já degradada pelo convívio dos brancos. De repente, voltaram às oós e começaram a vestir roupas de civilizados, apresentando um espetáculo inesquecível pelo pitoresco: Verá surgiu calçado, de terno e gravata. Daçucá apareceu de unhas pintadas. Krechu se apresentou de vestido novo, tomando chimarrão em cuia feita de coco, com bomba de mombi (mambu de taquara) e coador de pá (fibra de timbó trançado). O costume se explica pelo fato desses índios serem originários do Paraná.

— NÓS fomos nascidos e criados no mato, — conta Verá. — Meu povo vivia numa grande aldeia, de uns dois mil casais, às margens do rio Iguaçu. A gente do SPI (Serviço de Proteção aos Índios) tirou os índios de lá. Agora, a maioria do meu povo está em Itanhaém, São Paulo. Mas nós não quisemos ficar e fomos andando, andando, até chegar aqui. Gostamos e pousamos. A filha mais velha de Krechu está na Ribeira, no Rio de Janeiro (tudo indica que ele se refere à Casa do Índio, na ilha do Governador). Ela está estudando, para servir ao nosso povo.
A grande mágoa do cacique Verá é saber que os brancos acusam os índios de ladrões e preguiçosos: "Eles dizem que índio mata e rouba, mas quem mata e rouba é o homem branco. Na floresta não tem polícia, nem precisa. A polícia é invenção de civilizado, para tomar conta deles."

VERA conta que uma vez foi à cidade e lhe roubaram 25 cruzeiros. Em outra ocasião, viajou para Angra dos Reis para vender arco e flecha (a comida estava escassa) e os guardas lhe tomaram tudo, dizendo que ele não tinha licença regulamentada. Outro desgosto de Verá é o esbulho que sofreu da parte de um lavrador de Bracuí. Preparou para esse branco um

PLANO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO CULTURAL
DA COMUNIDADE INDÍGENA GUARANI DA REGIÃO DE BRACUÍ
PROJETO GUARANI
ANAI/RJ.
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO

e tudo, havendo tratado o serviço por Cr$ 300,00. O homem não queria pagar e acabou dando apenas Cr$ 80,00.
— Ninguém paga pirapiré (nota grande) pelo trabalho de guarani. Só pagam perate (dinheirinho). Dizem que índio não é nacional, que índio não tem direito a nada. Lá embaixo, não dá para o nosso povo sobreviver. A gente veio aqui para cima, porque aqui ninguém mexe conosco.
Quero fazer desse roçado uma verdadeira aldeia tupi-guarani. Tupã vai me ajudar a reunir meus irmãos de sangue outra vez.
Verá e seu povo são religiosos. O grande cacique nos dá a sua versão da criação do mundo: "Tupã desceu do céu e veio à terra. Deixou dois pés de palmeira, uma cobra e um tatuzinho debaixo delas. Depois, nosso pai fez um homem tirou uma costela dele e fez uma irmãzinha e soltou todos os dois na terra. Tupã é filho de Karari Papá, o nosso grande pai."
Verá e seu povo acreditam que, após a morte, poderão entrar na oó de Karari Papá. A oó divina fica no alto, além de tudo o que existe — "daqui para cima são mais três terras" — e eles garantem que toda a sabedoria existente emana desse paraiso.
— Se eu tiver de morrer, morro mesmo — diz o cacique.
— E Tupã dará o sinal para indicar quem vai ser o novo chefe. Meu povo não resolve nada sem consultar nossos deuses. Foi assim desde o começo de tudo. Tupã manda um espírito aqui na terra, em forma de uma criancinha que tem duas asas no peito. Ela diz o que nós devemos fazer e depois voa. Quando o mundo estiver para acabar, essa criancinha vai descer e nós saberemos de tudo.
O tupi-guarani continua sendo a língua usada por eles. Só em[illegible]gam o nacional para se dirig[illegible] aos civilizados.
Dizem que ninguém ensinou o nacional a eles, aprenderam por obra e graça de Tupã. Eles foram batizados e todos receberam nomes em português, que não usam. Ficaram com os hábitos de sua religião nativa, mas garantem que ela é igual à católica: "Nosso pai é o mesmo, só muda de nome."
O sacerdote guarani é o iurajá (grande pajé) que vive, atualmente, em São Paulo. É ele quem dá os conselhos indispensáveis aos homens e mulheres durante a cerimônia do casamento. Sem conselho do iurajá, ninguém casa.
Na despedida, o cacique Verá desejou que Tupã nos acompanhasse e confessou que seu grande sonho é possuir uma oó de tijolo. Assim, seria completamente feliz, com seu povo — no meio da mata

89327902/0001-40
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
APOIO AO ÍNDIO
Av. [illegible] Alves, 556 - Conj. 301
Centro - CEP. 90.000
PORTO ALEGRE - RS.

fls 82

Iracema (Paçucá)

PLANO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO CULTU[illegible]
DA COMUNIDADE INDÍGENA GUARANI DA REGIÃO DE [illegible]

PROJETO GUARANI

fls. 83

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

ANEXO IV

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

fls 84

PROC. Nº 3360/82

FLS. 16

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

RELATÓRIO DE VIAGEM À ÁREA DO BRACUÍ NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO CONFORME ITE Nº 023/DGC/82.

INTRODUÇÃO:

Em janeiro de 1982, esteve em Brasília o Sr. Luis Felipe de Figueiredo da Anai-RJ, que vem desenvolvendo trabalho junto aos Guarani - Nãndeva do Sertão do Bracuí-RJ. Em entrevista e documentos remetidos posteriormente, cientifica a FUNAI do trabalho desenvolvido junto ao grupo e da necessidade do Órgão Tutor reconhecê-los para que o grupo indígena possa ter garantida a terra por eles habitada a 16 anos.

Em julho de 1982, através da ITE 023/DGC, desloquei-me a referida região com o objetivo de realizar um levantamento preliminar da situação do grupo Guarani para posterior posicionamento do Órgão Tutor quanto as providências cabíveis.

No dia 16/07 parti de Brasília à cidade do Rio de Janeiro onde entrei em contato com o Sr. Luis Felipe e membros da Anaí-RJ que participam do Projeto Guarani com o objetivo de ter ciência do trabalho até então desenvolvido e do posterior encaminhamento do mesmo. No dia 17/07 partimos para Angra dos Reis, tendo sido acompanhada por Luis Felipe. Os Guarani, avisados da nossa chegada encontravam-se a 02km do Rio - Santos, nos encaminhando à comunidade.

O trabalho foi desenvolvido no período de 05 dias e teve como objetivo primordial reconstituir a história do grupo conforme a memória tribal e visualizar sua situação global, tendo detido principalmente na questão terra que se mostrou fator primeiro para o grupo indígena. Procuramos na área, percorrer a região, nos detendo nos locais de caça e de coleta. A localização do grupo foi feita

Proc. nº 3360/82 fls 85
Rub. 17

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

através da carta de 1:50.000 cedida pelo DGPI. A falta de manipulação com os dados cartográficos nos levou a uma localização de uma provável região de sua habitação.

Os Guarani - Nãndeva de Bracuí, apesar de constituirem uma pequena comunidade, vem mantendo seus principais dados culturais e o idioma formando um grupo coeso que apesar de séculos de contato e as grandes pressões sofridas pelos segmentos da sociedade nacional, procuram resistir ao avanço de nossa sociedade através de constantes migrações, e na atualidade tem como pretensão a garantia das terras que vem habitando e utilizando para que possam viver condignamente junto a sociedade envolvente, sem a insegurança em que hoje se encontram por não as tê-las garantida.

A população envolvente os reconhece como índios Guarani, diferenciando-os da sociedade nacional, numa identidade constrátiva que mais uma vez vem reforçar a identidade étnica do grupo em questão.

LOCALIZAÇÃO:

Os Guarani, sub-grupo Nãndeva, encontram-se localizados no sertão do Bracuí, a aproximadamente 06km da Rio Santos na Serra da Bocaina, Município de Angra dos Reis - RJ.

A primeira casa dista aproximadamente 1,[illegible]km da nascente do Bracuí, não atravessando o grupo o citado Rio para desenvolver [illegible] de sua atividades produtivas. O corrégo mais próximo é [illegible] encontrando as casas à 500m da nascente.

A região é predominantemente de mata, existindo pequenas clareiras utilizadas para plantio de roças, e construção de suas casas.

De acordo com a repertagem do Globo de 1972, a localização do grupo seria no Parque Nacional da Bocaina a 1.300m de altitude, no sentido sudeste da nascente do Rio Bracuí.

Mod. 12(- 210x297

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

PROC. Nº 3360/82 fls 86
fls. 18
-03-

Os Guarani habitam esta região, conhecida como Sertão do Bracuí há 16 anos, tendo anteriormente vivido no Sertão do Imbu de onde foram expulsos pelo Sr. Ferraz, que se dizia proprietário da região.

Os Nãndeva encontram-se no Estado do Rio de Janeiro há 25 anos, sendo o motivo principal de sua migração a enorme pressão sofrida e a procura da "terra sem males", que segundo a sua mitologia é o litoral. Na atualidade ainda existem duas familias Guarani, no Município de Parati, que separou-se do grupo origianl a uns 05 anos. Estas duas familias deverão retornar a Bracuí, pois estão sendo expulsas do local onde se encontram já tomada por fazendas, estando na atualidade trabalhando como assalariado.

O líder da familia de Parati, é o índio Verai, citado pelo "O GLOBO" em 1972 como o chefe dos Nãndeva de Bracuí e o principal pajé, que teria se deslocado do Paraná com "trinta familias Guarani que ainda não teriam esquecido suas origens culturais".

HISTÓRICO:

De acordo com Egon Schaden, os Guarani que se encontram no Brasil Meredional, dividem-se em trâs grandes sub-grupos: Os Nãndeva, os Mbyá e os Kayouá que são marcados por diferenças linguísticas e culturais resultantes das sucessivas migrações que empreenderam sob a liderança de pajés que procuraram atingir a "terra sem males".

Os Guarani em séculos passados dominavam grande extensões dos Estados Meredionais do Brasil e em territórios limítrofes do Uruguai, Argentina e Paraguai. Os deslocamentos ou migrações sucessivas abrangem todo o Sec. XIX e meados do Sec. atual, quando espalharam-se pelos atuais estado do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. As causas primordiais dessa migração seriam as condições espoliadoras que

Form. 12b - 210x297

caracterizam a sociedade nacional, (Carvalho, Edgard de Assis, op at pp 04).

As condições apontadas foram também determinantes para o deslocamento do pequeno grupo Nãndeva para o Estado do Rio de Janeiro.

Recorrendo às primeiras notícias publicadas em 1972 pelo Jornal "O GLOBO", nos cientificamos que o grupo teria sido expulso de áreas no Paraná há 20 anos por posseiros que se alojaram nas terras antes pertencentes aos Guarani. Em suas migrações caminharam em direção ao litoral paulista, donde foram expulsos chegando então a Paratimirim. O grupo viveu em total isolamento por um período de 12 anos.

Em 1972, existiam segundo "O GLOBO", 100 Guarani no Parque Nacional da Bocaina em pequenos sitios na mata, numa extensão de 10km. Atualmente o grupo encontra-se reduzido a 20 pessoas, estando o cacique Verá, personagem central da reportagem, próximo a Parati, separado do grupo que originalmente foi guiado por este ao Rio de Janeiro.

As informações atuais colhidas junto ao cacique Karaí e a seus filhos, confirmam em grande parte as reportagens realizadas.

Karaí e sua familia junto com uma pequena população Nãndeva deixaram o Paraná na época que o SIL começou a desmatar a região do Paraná, onde existe o Posto de Mangueirinha. Os índios eram obrigados a desmatar a região para que funcionários vendessem a madeira. Há 22 anos um grupo resolveu migrar, primeiro tendo ido para São Paulo onde se alojaram em Bananal e Peruibe. Divergências internas e as pressões de posseiros os conduziram a Paratimirim. Há 16 anos se estabeleceram no Sertão do Bracuí, onde fizeram pequena picada se estabelecendo no interior da serra, na mata, fora dos olhos do branco. Os filhos de Karaí mais novos nasceram no local. Alguns membros do grupo original se dispersaram tendo alguns velhos morrido no local.

De acordo com Karaí, quando chegaram a Bracuí não havia ninguém. Mais tarde chegou a estrada, o extrator de palmito e o fazendeiro, que derrubava a mata para plantar bananais, abrindo estradas etc. Hoje não tem mais segurança, o animal vem rareando e as fazendas estão mais perto, não conseguem mais viverem isolados e é grande o medo de serem expulsos mais uma vez por terem sua mata derrubada e a terra que habitam entregue aos que estão chegando aos poucos a região.

ORGANIZAÇÃO SOCIO-POLÍTICA:

De acordo com Egon Schaden, os Guarani são portadores de cultura de região florestal se estabelecendo no seio da mata e evitando sempre o campo aberto. As suas aldeias não constituem conglomerados e sim casas isoladas mais ou menos distante das outras.

Embora tudo indique que tradicionalmente os Guarani tenham habitado casas comunitárias a longos anos vivem em pequenas habitações correspondentes às famílias elementares ou nucleares (Egon Schaden opcit pp 37).

Os Guarani Nãndeva que habitam o sertão do Bracuí, estão agrupados em pequenas casas, correspondendo as familias nucleares, porém no total existe uma familia extensa onde o mais velho é o líder do grupo, sendo cercado de respeitabilidade principalmente por seu poder religioso.

Não existe conglomerado, sendo as casas esparsas numa distancia de 300 a 500m uma das outras no interior da mata, mantendo-se assim um traço básico Guarani.

A habitação em família nucleares não implica, porém, em quebra ou desvinculamento de sua cultura; existindo uma unidade familiar em termos principalmente da vida religiosa, caractere básico da cultura Guarani e em menor escala em termos de consumo, com divisão familiar dos bens recebidos.

A chefia é constituida por uma liderança religiosa, confundindo-se o chefe da família, com o líder religioso, estando um incorporado no outro. Os Nãndeva são altamente espiritualistas, sendo percebido o fato nos pequenos detalhes do cotidiano e no diálogo que mantém com o visitante, quando relatam seus problemas, mostrando então um forte vínculo simbiótico entre o material e o espiritual. Entre o grupo se percebe claramente uma harmonia entre o homem/natureza e sociedade.

Se por um lado, na comunidade se destaca esta simbiose na organização social e espacial, o contato recente com a estrada, leva a uma quebra dessa harmonia. A descida à estrada para venda do artesanato, o contato com os turistas e com os peões, a necessidade do dinheiro, e a introdução da bebida alcoólica por peões na margem da BR101, faz com que o grupo quebre a harmonia da aldeia e passem a competir entre si, por induções exógenas e sua vida cotidiana.

Na comunidade por encontrarem-se praticamente [illegible] do contato com a sociedade nacional, os Guarani Nãndeva de Bracuí, conseguem manter os principais aspectos de sua organização, porém a descida a estrada, o convívio com os turistas aos poucos minam sua resistencia e introduz novos valores, criando necessidades para as quais o grupo não se encontra preparado pela forma de vida e atividades até então desenvolvidas.

Os Nãndeva de Bracuí, mantém laços de parentesco com os que encontram-se em Ubatuba e Espírito Santo, mantendo as trocas de casamento e participando esporadicamente de reuniões.

O filho mais velho de Karaí, encontra-se na atualidade [illegible]ndo preparado para assumir a chefia do grupo, mostrando-se um líder espiritual e participando atuamente dos processos de cura e encorporações. A sua atividade vem sendo aceita pelos demais Guarani, que em reunião em Ubatuba, o elegeram cacique em Bracuí.

Proc. n. 3360/...
Fl. 22
Interessa

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

LEVANTAMENTO POPULACIONAL:

O grupo Guarani de Bracuí perfaz 20 pessoas espalhadas em 03 casas com distância aproximada de 300 - 400m uma da outra. As casas são de adobo, palha e chão batido, ao estilo regional. Não existe ainda na área a casa comunitária para fins religiosos, que será construida próxima a casa do velho Karaí.

As habitações são na mata, estando o corrego mais próximo a aproximadamente 100 metros das casas.

A 04km da casa de Karaí mora sua filha casada com um regional e que recebe assistência do Projeto Guarani. Os filhos de Iracema são considerados mestiços, porém seu pai quer que a filha com os netos mude-se para a mata para que possa transmitir as crianças, a cultura do grupo.

Em Parati, a poucos kilometros de Bracuí, existem duas familias Guarani que cindiram com o grupo original. Verá, antigo cacique, pretende retornar a área de Bracuí.

As crianças Carai, Poté, Paraí, Sérgio e José Luis nasceram na localidade tendo sido registradas no Sertão do Bracuí, provando que o grupo está na região a no mínimo 16 anos.

A menina Karaí já se encontra em idade de casamento, devendo seu marido que será escolhido por seus pais dentre os Guarani de Ubatuba vir habitar a região de Bracuí, apesar de não ser esta a forma de residencia tradicional.

A linha de descendência é patrilinear, tendo os homens grande poder na comunidade, sendo que geralmente os filhos casados trazem as mulheres para habitar a sua região.

CASA I:

Nome	Sexo	Idade
Karaí	M	55 anos
Cretú	F	50 anos
Carai-Pote	M	16 anos

126 - 210x297

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

NOME	SEXO	IDADE
Paraí	F	14 anos
Sérgio	M	11 anos
José Luís	M	07 anos ** (os meninos ' como não nominados em Guarani, são chamados na língua de pequenos ho mens)
CASA 2		
Aracaju	M	24 anos
Poté	F	25 anos
Dionisio	M	02 anos
S/NOME	M	04 meses
CASA 3		
Veraí	M	22 anos
Tantasim	F	25 anos
Ver[illegible]'Vitsan	M	01 ano e 07 meses
CASA 4		
Humberto	M	
Iracema	F	29 anos
Vera	F	
Lucia		
Silvia		
Gilberto	M	

FAMILIAS DE PARATI

FAMILIA 01		
Vera	M	52 anos
Dyaçuca	F	60 anos
FAMILIA 02		
Kuara'e	M	22 anos
Taka'i	F	20 anos
03 filhos		

Mod 126 - 210x297

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ORGANIZAÇÃO ECONOMICA:

A economia Guarani está calcada na agricultura, caça e coleta, sendo que tradicionalmente estava calcada principalmente na caça.

Atualmente, vendem o artesanato para adquirirem bens advindos com o contato, porém a dependência é mínima principalmente porque o dinheiro é bastante escasso. De nossa sociedade compram principalmente o café, açucar, arroz e fumo, panos para confecção de roupas já que necessitam desta para descerem para a estrada.

AGRICULTURA:

Embora o Guarani seja incapaz de conceber a vida humana sem as alegrias da caça e da pesca, o base de seu sustento lhe é fornecido pela lavoura (Egon Schaden pp 54).

Os Nãndeva de Bracuí não fogem a esta tradição e embora a terra onde estejam vivendo não lhes permita ainda pruduzir alguns dos seus produtos agrícolas tradicionais, a plantação é contínua assim como pequenas derrubadas para plantio de novas roças.

O cultivo é realizado pelas familias nucleares, não implicando porém na não divisão de produtos, a medida que formam na realidade uma família extensa.

As roças são pequenas e suprem basicamente a subsistencia, não existindo excedentes. Apesar de não ter assistido qualquer ritual de plantação, soubemos serem estes ainda praticados, por serem guardados os ritos magicos-religiosos.

Os principais produtos cultivados são: aipim, cana, bata banana e hortaliças e em menor escalas, o feijão, o arroz e o m[illegible]o, seu principal produto cultural. [illegible] milho branco utilizado [illegible] rituais não é cultivado, porém os Guarani apanham c[illegible] de São Paulo, guardando para os rituais.

O Projeto Guarani, prevê a plantação de milho na área, além de seus demais produtos, para tanto pretende que um agrônomo

vá a região e estude a possibilidade do uso de corretivo no solo. A implantação do Projeto agrícola não teve ainda início por não ter sido ainda liberada a verba solicitada à Cxfan.

CAÇA:

A caça é ainda plenamente praticada, tendo grande importancia junto a população. O uso do arco e da flexa é generalizado a medida que não dispõe de armas de fogo. O Mundéu, armadilha tradicional Guarani para caça, é constantemente usada sendo colocadas num raio de 2 a 3km da casa e fiscalizada pelos homens diariamente.

O Mundéu é feito de jiçara e laço, com o qual pegam o animal pela pata dianteira. Cada familia nuclear tem de 4 a 5 Mundéus na área.

O Guarani vem se ressentido da escassez do animal e culpam a estrada, as fazendas que chegam a região e aos brancos que usando espingarda espantam os animais.

O arco e a flexa utilizados para caça, diferem daquele vendido na estrada como artesanato. O arco é utilizado para a caça de animais de maior porte e para pássaros, que requer uma flexa especial. As crianças são desde pequena instruídas no manejo do arco e da flexa.

Os animais mais encontrados são o porco, o gambá, tatu, paca, cutia, quati e tamanduá. Existe na região de forma mais escassa a onça e o veado.

O fato do animal começar a rarear leva muitas vezes o Guarani, a atravessar o Rio Pracuí e caçar no Parque Nacional da Bocaina.

COLETA:

A coleta é uma das principais atividades visto estar diretamente ligada a sobrevivencia do grupo e em parte ligada a confecção do artesanato.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Proc. nº 3360/82
fls 26

-11-

Dentre o material coletado sobressai a taquara que é encontrada a sudeste e a sudoeste da comunidade num raio de 01 km. A importância da taquara prende-se ao artesanato pois com esta é confeccionada a cesta, o tipiti, a peneira, a zarabatana, o arco, o machado de pedra, a lança etc.

O arco, utilizado para caça é feito de juçara e brejaúva de palmeira, também usado na confecção do mundéu. O imbé para os trançados da flexa e da machadinha é também coletado, sendo o material que se encontra a maior distância da comunidade.

Além do material coletado para confecção do artesanato e de uso pessoal, o grupo dedica-se a coleta do mel e de frutos silvestres, além da extração do palmito para sua alimentação. O palmito vem sendo retirado da área por trabalhadores brancos que adentram a região, tornando-se bastante escasso.

ARTESANATO:

O artesanato se constitue a principal fonte de renda do grupo, sendo vendido na Rio - Santos.

Apesar de serem explorados na estrada pelos turistas que levam material de graça e enganá-os no preço exigido, os Guarani nos colocou que necessitam deste dinheiro e é na estrada que o conseguem. A venda do artesanato na estrada acarreta sérios problemas ao Guarani, pos nestas ocasiões servem de chacota, recebem ameaças e são induzidos a beberem cachaça, o que os desorganiza.

O Sr. Luis Felipe de Figueiredo, coordenador do Projeto Guarani, conseguiu recentemente que a Loja Artindia do RJ comprasse o artesanato o que poderá minorar os problemas enfrentados pelo grupo, afastando-os da estrada e da exploração a que [illegible] metidos.

PESCA:

A pesca apesar de não ter grande importância entre o gru[illegible]

po, vem sendo realizada no Rio Bracuí e nos córregos próximos, sendo utilizado principalmente a armadilha na captura dos peixes.

ASPECTO RELIGIOSO:

A religião é um dos aspectos predominantes da cultura Guarani, abarcando todas as suas atividades inclusive a economia.

O contato com o sobrenatural, o controle dos poderes pessoais tomam grande proporção, a medida que, influenciam no destino do homem. As rezas e danças rituais fazem parte do cotidiano do grupo e são utilizados nas viagens, nas danças e no aparecimento de fenomenos inesperados.

A cultura Guarani é de orientação marcadamente masculina, estando a religião preponderantemente na mão dos homens, sendo por esta que se manifesta os aspectos dominantes do ethos cultural (Egon Schaden op. cit).

Os Guarani de Bracuí, conservam de forma integral os aspectos religiosos, utilizando-se sempre do parahei ou reza para sua vivência religiosa. A reza é cantada no cotidiano ao anoitecer, sendo acompanhada do maracá, feito de cabaça e do takuapú, feito de taquaraçu, utilizado na marcação do ritmo da dança. O parahei é coletivo havendo participação de todos os membros da comunidade. O parahei é iniciado pelo chefe da familia ou por seu filho mais velho e sucessor.

De acordo com Egon Schaden, como tantas coisas na cultura Guarani, o Parahei é a um tempo expressão de individualismo e coletivismo. De um lado faz parte de todas as cerimonias coletivas, as quais é inseparável, e de outro cada individuo em particular tem ou pode ter os seu parahei próprio e inalienavel recebido pessoalmente, em sonho de alguns espírito protetor.

Juntamente com o parahei, foi presenciado um ritual de cura, onde se utiliza do cachimbo de nó de pinho para puxar a doença do corpo. Apesar da aceitação da medicina ocidental os Guarani

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

guardam a pajelança e o xamã com o petinguá extrae do corpo o mal que geralmente é causado por feitiçaria, já que as pessoas são vulneráveis as más intenções daqueles que portam recursos mágicos.

Os Guarani, ainda se utilizam de ervas tradicionais que compõe a totalidade do ritual de cura.

De acordo com os Nãndeva os cantos e as rezas cotidianas são o contato da matéria com o espírito e o grupo as utiliza para adquirirem força frente aos problemas.

Os principais instrumentos religiosos utilizados pelo grupo são: o maracá, o maracá-mirim, o takuapú, o anguapu e o petinguá.

QUESTÃO DA TERRA:

O problema da terra é hoje fundamental para os Guarani de Bracuí, pois já não conseguem permanecer imunes ao avanço da nossa sociedade.

A construção de polos turísticos e o loteamentos de Angra dos Reis aos poucos atingem a serra e a mata, que até então encontrava-se totalmente preservada.

As fazendas vão avançando e é grande a grilagem na área. Os Guarani que até então estavam seguros, pois protegidos pela mata do avanço da nossa sociedade, hoje estão à mercê dos grandes empreendimentos com um agravante, não tendo ainda sido reconhecidos pelo Órgão Tutor, não tendo assim, qualquer proteção oficial, embora na região sejam reconhecidos como índios.

As fazendas vem represando água para os [illegible] praia e os Guarani já tiveram casas derrubadas e de forma [illegible] ameaçados de morte e expulsão.

HÁ 10 anos, a sociedade nacional não tinha conhecimento do grupo e a região não era explorada. Hoje a situação mudou e Angra dos Reis se tornou um polo turístico, com grandes loteamentos. A segurança do grupo acabou e sua resistência pode ser pouco a pouco

Mod 126 - 210x297

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

minada pois não tem como lutar por uma terra em que vivem há 16 anos. A dois meses, o administrador da Fazenda Itinga derrubou a casa de um dos Guarani, visando expulsá-lo junto com seus familiares, esta foi a primeira agressão sofrida porém com certeza não será a última, e a comunidade Guarani certamente não terá meios de conter o avanço da sociedade envolvente, e resistir, visto estarem [illegible] des interessados na região lutando com armas desiguais tendo o beneplácito da sociedade nacional.

Os Guarani com seus arcos e flexas não poderão sem a ajuda e o reconhecimento do Órgão Tutor conter o avanço de máquinas que vão derrubando a mata para construirem polos turísticos, como Porto Bracui, mais um Empreendimento SÉRGIO DOURADO.

~~A questão fundiária~~ é agora de suma importância, se na realidade estamos com fírme propósito de garantir a terra aos povos indígenas e as pequenas comunidades que por contigência de contatos desastrosos e pressões sobre a terra abandonaram suas áreas imemoriais.

Levantamento Fundiário realizado na região por uma reportagem do Jornal "O GLOBO". — /

1 - Tomar Pereira - loteamento da praia de Itinga e Fazenda Itinga não há registro em cartório, proprietário desde 1969.

~~A Fazenda Itinga, embora sem registro, dentro a área area habitada pelos Guarani~~, tendo seu administrador aberto uma estrada para levar encanamentos de água represada pelos mesmos ao loteamento de Itinga, na praia do mesmo nome em Angra dos Reis.

O Sr. Rierson, administrador da Fazenda a pouco mais de 3 meses, derrubou a casa de Veraí, índio Guarani, na tentativa de expulsá-lo da região.

As únicas ~~benfeitorias~~ na área é a citada ~~estrada~~ e a ~~ponte~~ feita pela fazenda. O problema torna-se sério pois é do corrego Imbu que os Guarani, retiram sua água, estando a benfeitoria a

Mod. 120 - 210x297

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Proc. nº 3360/82
30
fls 198

-15-

500 m da comunidade.

2 - ~~Lidia Santos~~ - ~~fazenda Stª Rita do Bracuí~~ - ~~302~~ ~~alqueires geométricos, escritura no cartório do 1º Ofício de Angra dos Reis datada de 1973.~~

~~3 - João Gentil Júnior - terres no Sertão de Imbú - área 290,4 ha.~~

4 - ~~Porto Bracuí - distrito de Cunhambebe - Empreendimento de Conjunção do Mar, Serra e Mangue.~~

5 - ~~Bracuí Empreendimentos S/A - BR-101 - km 115 - área 755,4 ha.~~

Os dados levantados não abarcam a total realidade da área, sendo necessário um levantamento fundiário rigoroso na região onde seja acionada a fundiária da FUNAI e a Procuradoria Juridica.

INTEGRAÇÃO SOCIAL:

A) Índios/População envolvente.

O contato dos Guarani com população envolvente por ser dividida em dois itens.

1) - O Guarani e a Estrada.

O asfaltamento da Rio - Santos e a transformação das cidades próximas em polos turístico influencia na vida dos Guarani que até então conseguiam manter-se isolados.

A descida aos domingos a estrada para venda de [illegible], cria novas necessidades e põe o grupo em contato com pessoas que [illegible] o Porto Bracuí, com a cachaça e com os turistas que antes de tudo o exploram vendo-os como mais uma atração.

Apesar de esporádico este contato se torna essencial para o grupo, pois sua sobrevivência, liga-se a venda do artesanato, medida que o dinheiro recebido, pode ser empregado em roupas e mantimentos não produzidos e inseridos, mesmo que de forma reduzida em sua alimentação.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

A primeira a sair do reduto da serra e ir a estrada foi Cretú, enfrentando o primeiro problema com a Polícia Federal que mais tarde deu licença para a venda. A estrada passou assim a [illegible]-los e o artesanato vem sendo colorido ao gosto dos turistas. [illegible] cidentes na estrada não param de acontecer e vão desde a morte dos cachorros que são utilizados na caça, até a introdução da cachaça e agressões como a sofrida por Karaiha uns dois meses quando este foi ameaçado de morte por peões do Porto Bracuí, após uma briga onde Karai apanhou tendo sido bastante machucado.

A estrada [illegible] notavel para os que chegam o seu malefício. O Guarani na comunidade é um grupo coeso, harmonico e estruturado, na estrada acontece o oposto, pois há uma desestruturação e uma quebra de harmonia, pois entra em jogo a competição para a venda que proporcionará a aquisição de mais bens.

2) - O Guarani e as Fazendas.

O contato com os trabalhadores das fazendas praticamente não existe, pois não há vínculos. O Guarani não desce durante a semana da serra, mantendo-se praticamente isolado. De qualquer forma, existe um medo de transitarem pelas áreas cultivadas e manterem contatos pois são inúmeros as mortes na região.

3) Índios e outros grupos indígenas.

O maior contato do grupo de Bracuí é com seus parentes que moram em Ubatuba e no Espírito Santo. O contato se dá através de trocas de casamentos, visitas esporádicas e reuniões de lideranças.

ASPECTO DE SAÚDE E EDUCAÇÃO:

A assistência no campo de saúde vem sendo ministrada pela AIAÍ-RJ, através do Coordenador do Projeto Guarani, Luis Felipe de Figueiredo.

As doenças graves são levadas ao Rio de Janeiro, ficando

Mod. 126 - 210x297

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

os Guarani na Casa do Índio.

Na atualidade estão preparando um local para construção de uma enfermaria e aguardando a verba solicitada à Cxfan para implementação de trabalho em saúde e educação.

A saúde do grupo é boa, havendo conjunção nos tratamentos da medicina ocidental, com a tradicional ministrada por ervas e pelo poder do Xamã. Os rituais de cura são constantes entre os Guarani.

No Projeto Guarani está previsto assistência mais acurada no campo de saúde, levando inclusive assistência odontologica.

O esquema de saneamento estará ligado à educação num crescimento de programa junto aos Guarani.

A construção de uma escola e contratação de professores será implementada logo que seja liberada a verba da Cxfan.

O Projeto Guarani com o esquema de trabalho foi entregue no Órgão Tutor no inicio de 1982.

CONCLUSÃO:

Os Guarani - Nãndeva que habitam o Sertão de Bracuí, na Serra da Bocaina no Estado do Rio de Janeiro, constituem uma pequena comunidade indígena que apesar das pressões sofridas [illegible] contato, conseguem manter de forma integral seu idioma, [illegible] sua identidade etnica e a sua organização tribal. Os aspectos mais importantes de sua cultura continuam vivos em sua memória e pouco modificados. 20 pessoas conseguem resistir ao avanço sistemático da sociedade nacional.

A 25 anos este grupo deixou o Paraná a procura da Terra sem males de que fala a sua mitologia, na expectativa de viverem em paz sem necessitarem de estarem sempre fugindo dos brancos que pouco a pouco derrubavam sua mata, expulsando-os da terra. Durante 10 anos conseguiram se isolar, hoje não mais conseguem e enfrentam sérios problemas advindos da construção de rodovias, da especu-

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

lação imobiliária e do avanço de fazendas e o seu principal problema é novamente como garantir a terra que vem habitando, já [illegible] área imemorial foi devastada e sua mata não existe mais, tendo sido tomada por campos de fazendas e até pelas águas das hidroelétricas.

A situação dos Guarani de Bracuí é hoje novamente de insegurança e sua resistência vem sendo minada. Se em 1972, segundo "O GLOBO" existiam na área 100 Guarani, as cisões, as mortes, os casamentos os reduziram, e atualmente esperam ser reconhecidos pela FUNAI como índios, já que para a sociedade envolvente já o são, para terem sua terra garantida.

Após 05 dias com o grupo, ouvindo-os e vivenciando parte de sua realidade propomos a FUNAI:

1) O reconhecimento oficial do Órgão da existência de um grupo Guarani no Sertão do Bracuí, no Estado do Rio de Janeiro, como forma de protegê-los do avanço da sociedade envolvente.

2) Acione-se a Procuradoria Jurídica do Órgão para que possamos legalizar a situação do grupo e tenhamos base para garantirmos sua terra.

3) Acione-se a Divisão Fundiária para um levantamento fundiário acurado na região.

4) Que seja enviado à área um topógrafo ou engenheiro agrimensor para uma localização fidedigna da região que habitam.

5) Garantia ao grupo Guarani de Bracuí das terras que estão habitando, recorrendo para isto a Lei 6.001 e a EM 062, podendo o Órgão seguir três caminhos:

a - decretar uma Reserva Indígena com base no art. 26 e 27 da Lei 6.001 e nos itens II e III da EM 062;

b - utilizar-se do art. 33 da Lei 6.001 a medida que as famílias Guarani ocupam a área há 16 anos;

c - o Órgão Tutor em entendimento com o Governador do RJ adquira a área utilizada pelos Guarani conforme pre

3360/82
34

fls 102

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

-19-

visto na EM 062 item 3/2 + Áreas Reservadas.

Brasília-DF, 7 de dezembro de 1982.

MARIA AUXILIADORA DE SÁ LEÃO
ANTROPÓLOGA

MASL/aasa.

Mod 126 - 210x297

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

fls 103

BIBLIOGRAFIA.

1- Schaden, Egon, Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. USP. FFCL. Boletim nº 188, Antropologia 4. São Paulo, 1954.

2- Carvalho, Edgard de Assis, Avá - Guarani do Ocoí-Jacutinga. Publicação CIMI-Sul, 1981.

210x297

fls 104

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

ANEXO V

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

fls 105

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

REGISTRO FOTOGRÁFICO DA ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ/ANGRA DOS REIS/RJ

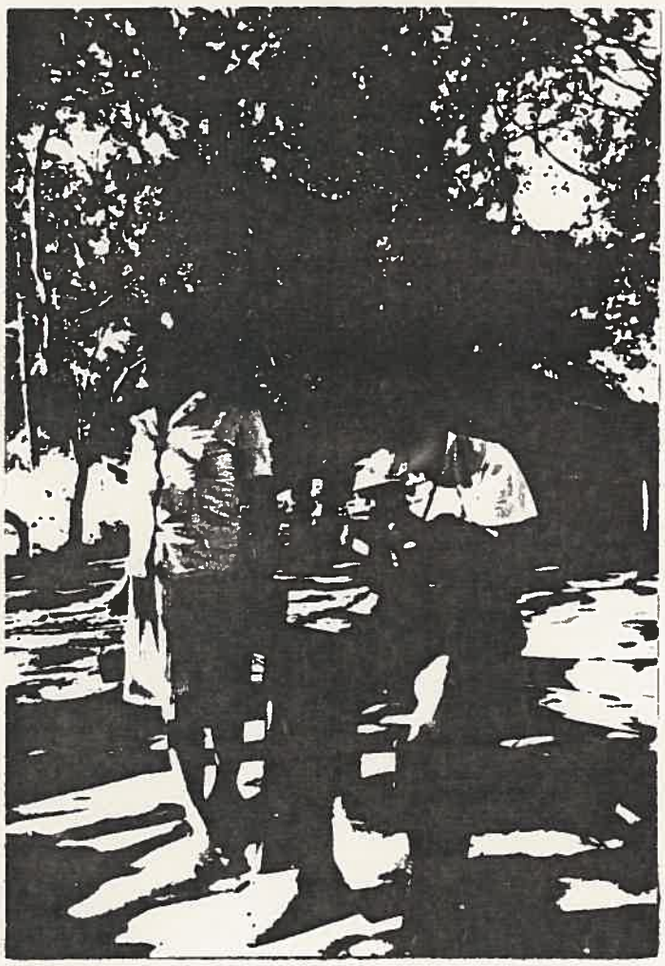
Setor de Antropologia Visual
Museu do Índio

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro-RJ - CEP 22270
Tels.: 286-0845 - 286-8799 - 286-8899 - 286-0399 - 286-7745

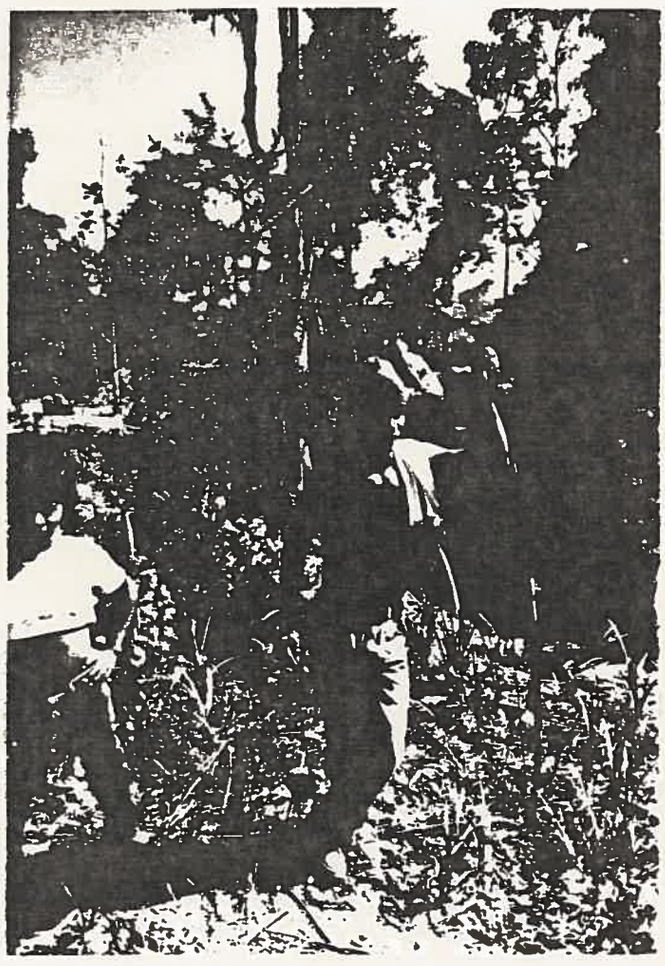
fls 106

Cacique da Aldeia de Bracuí, Angemino da Silva, já falecido.
- Aldeia Guarani de Bracuí - RJ
(FOTO: Mª Inês Ladeira - CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA - CTI - 1980)
- LABORATÓRIO - JOÃO DOMINGOS LAMÔNICA - MUSEU DO ÍNDIO -

fls 107

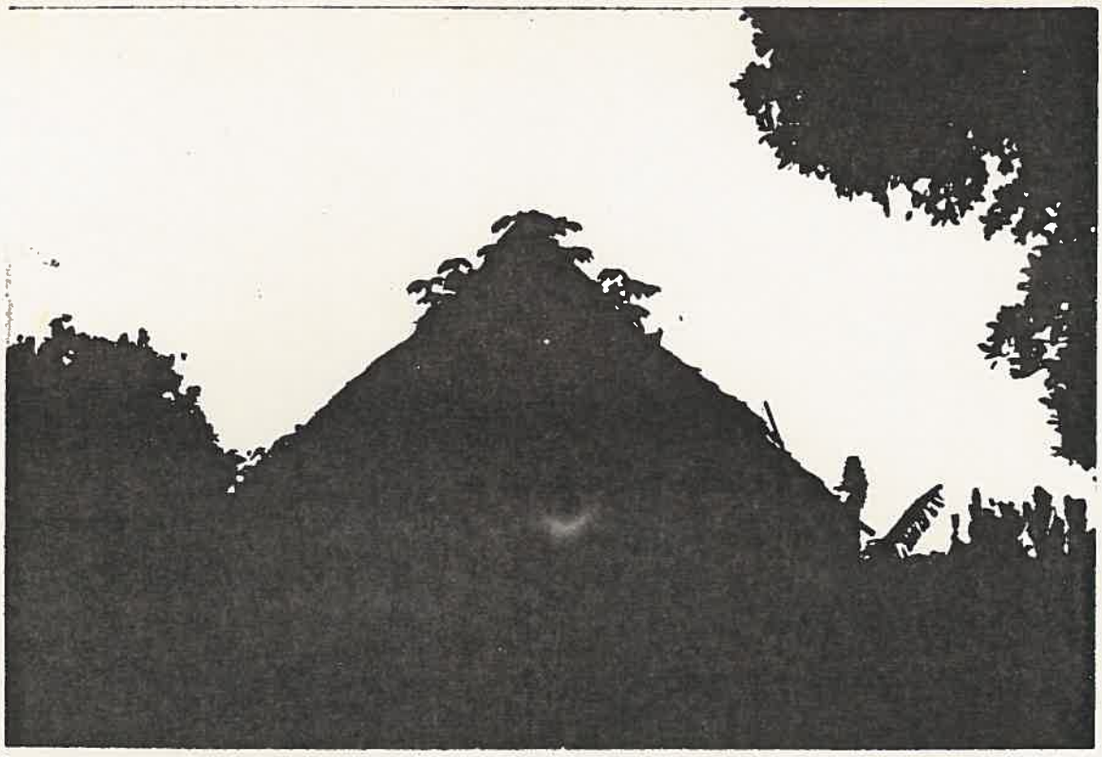


SR. JOÃO DA SILVA, CACIQUE ATUAL DA ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ, COM MULHER GUARANI
(FOTO. MUSEU DO ÍNDIO/1988)

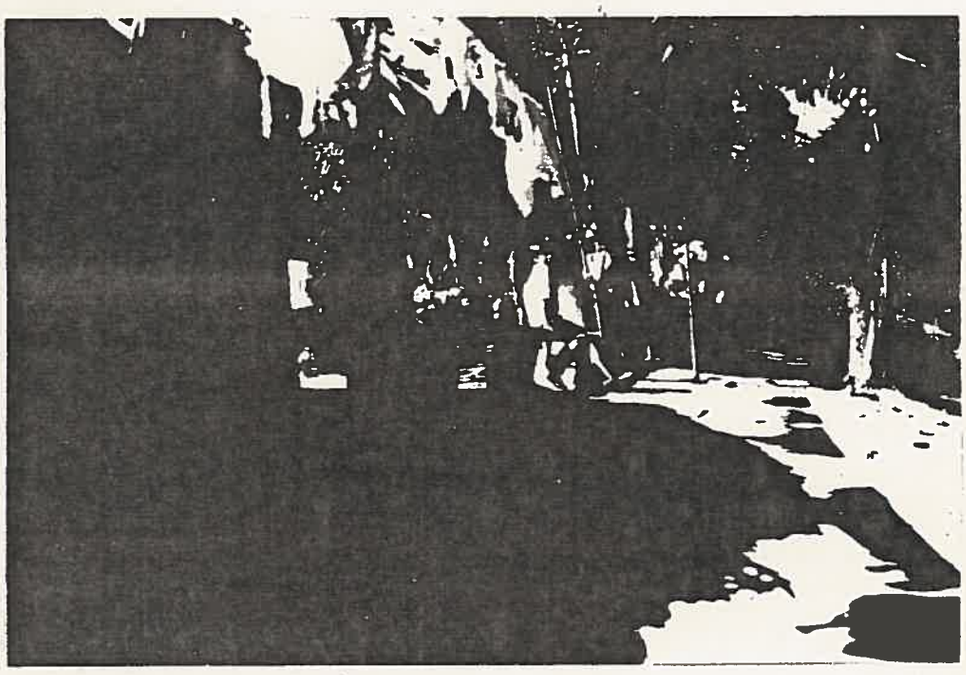


APARICIO, FILHO DO FALECIDO CACIQUE ARGEMIRO, COM CRIANÇA GUARANI

fls 109



CASA DO CACIQUE JOÃO DA SILVA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ-RJ
(FOTO: SHEILA SÁ - JULHO/90)



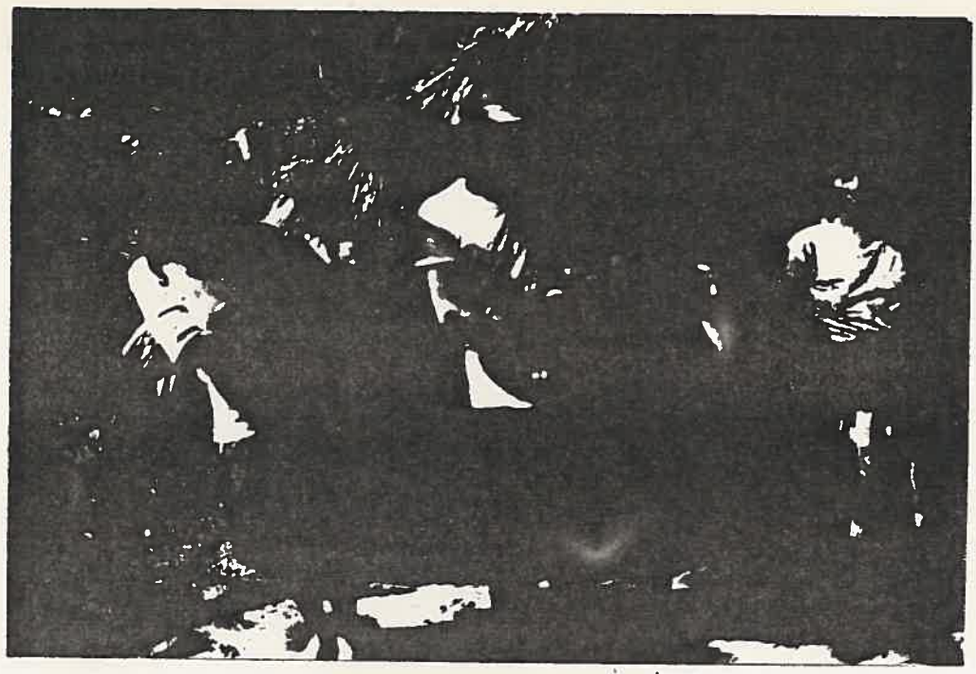
CONFECÇÃO DE ARTESANATO
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO/1988)
ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ-RJ

fls 109

APARICIO DEMONSTRANDO O MANEJO DO ARCO E FLECHA PARA CAÇA - BRACUÍ-RJ
(FOTO: MUSEU DO INDIO/1988)

CONFECÇÃO DE ARTESANATO - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ-RJ
(FOTO: MUSEU DO INDIO/1988)

fes 110



FAMÍLIA GUARANI, ALDEIA DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO / 1988)

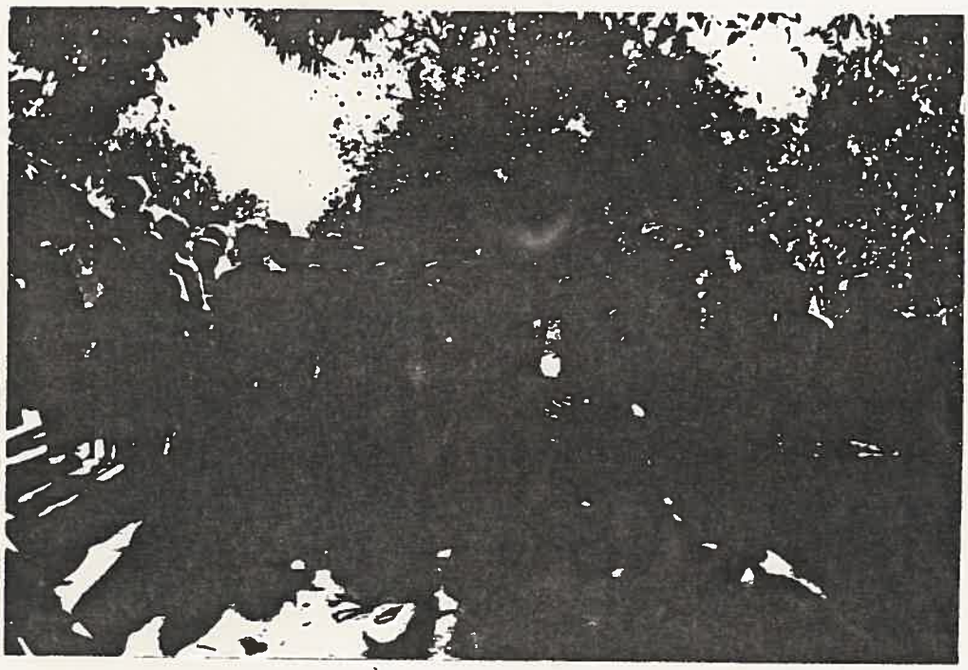
CACIQUE JOÃO DA SILVA, MULHER, FILHOS E NETOS - BRACUÍ
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO / 1988)

CRIANÇAS GUARANI NO LOCAL PROPOSTO PARA A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA - BRACUÍ
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO / 1988)

CRIONÇAS GUARANI - ALDEIA DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO / 1988)

FAMÍLIA GUARANI - ALDEIA DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO / 1988)

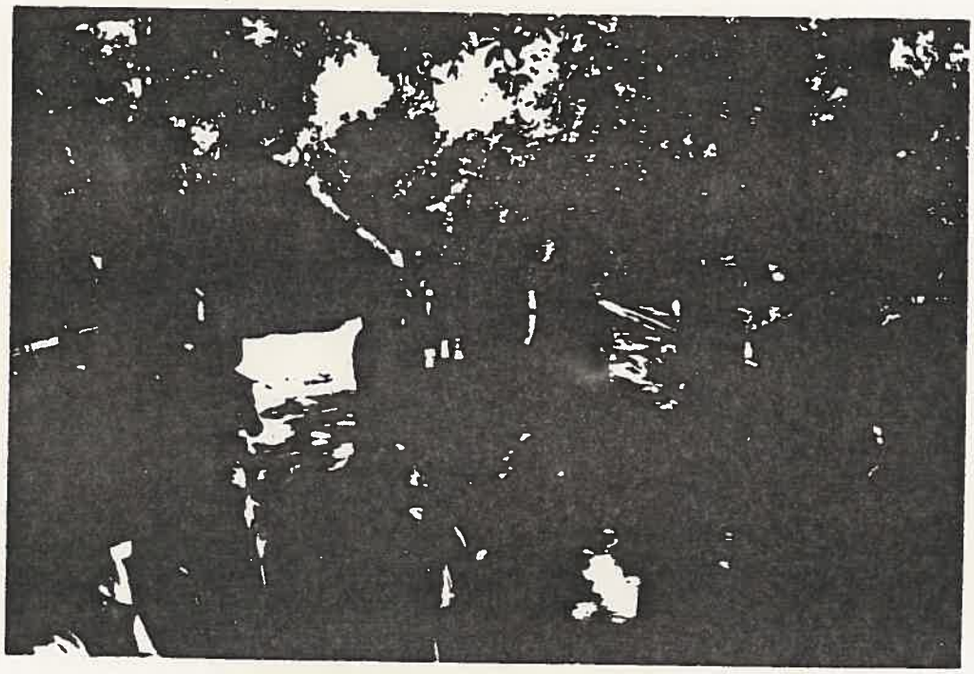
fls 112



ALGUNS MEMBROS DA COMUNIDADE INDÍGENA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO / 1988)

SR. LUIS, VICE-CACIQUE DA ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ E FAMÍLIA
(LUIS É GENRO DO CACIQUE JOÃO DA SILVA)
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO / 1988)

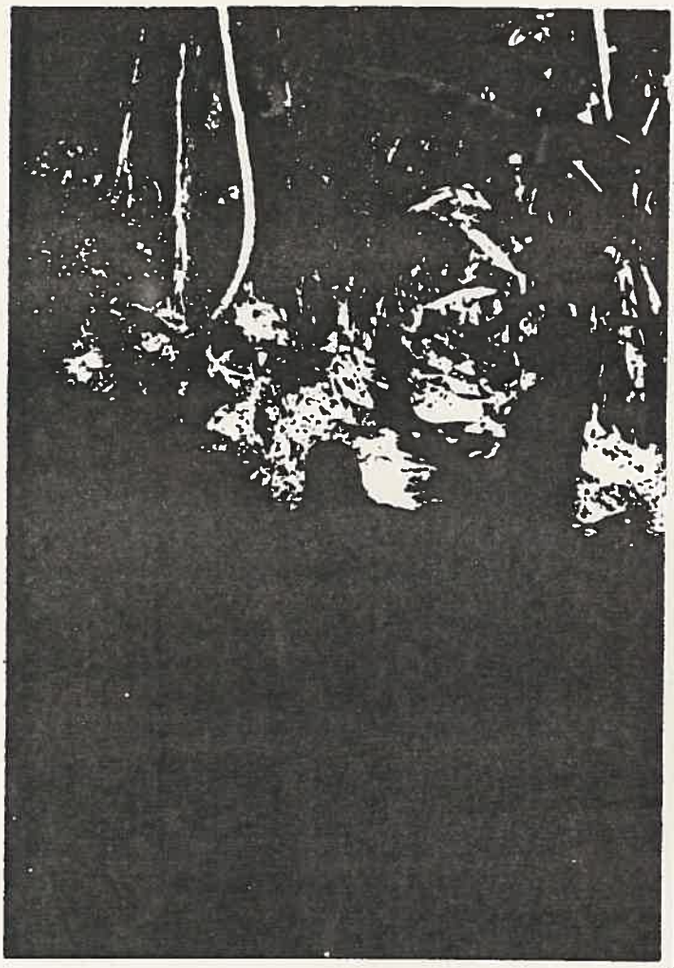
fls 113



FAMÍLIAS GUARANI NO PÁTIO DA ALDEIA DE BRACUÍ
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO/1988)

CASAL GUARANI - ALDEIA DE BRACUÍ-RJ
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO/1988)

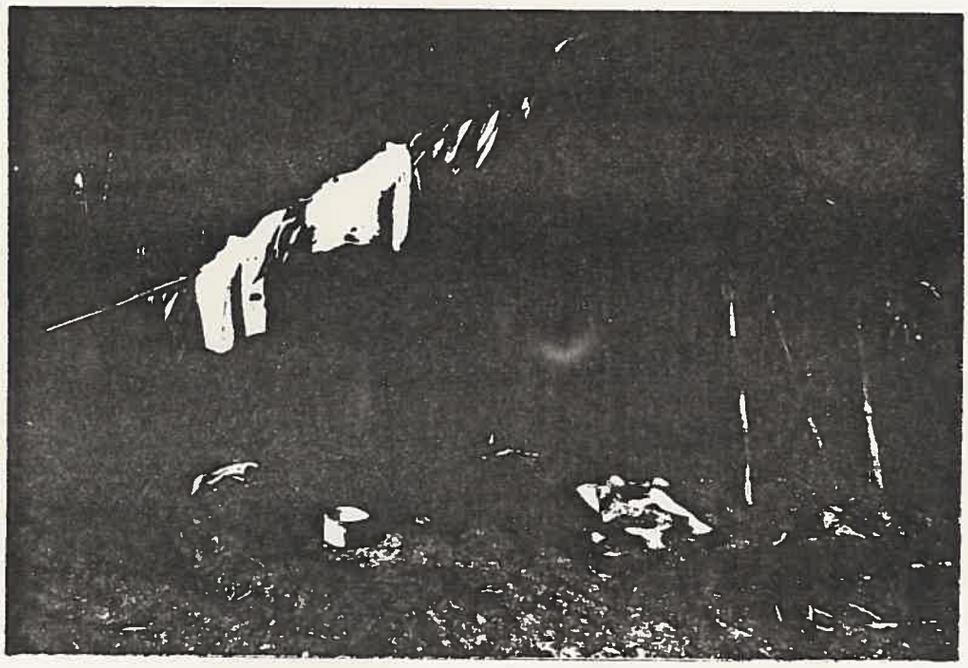
fls 114



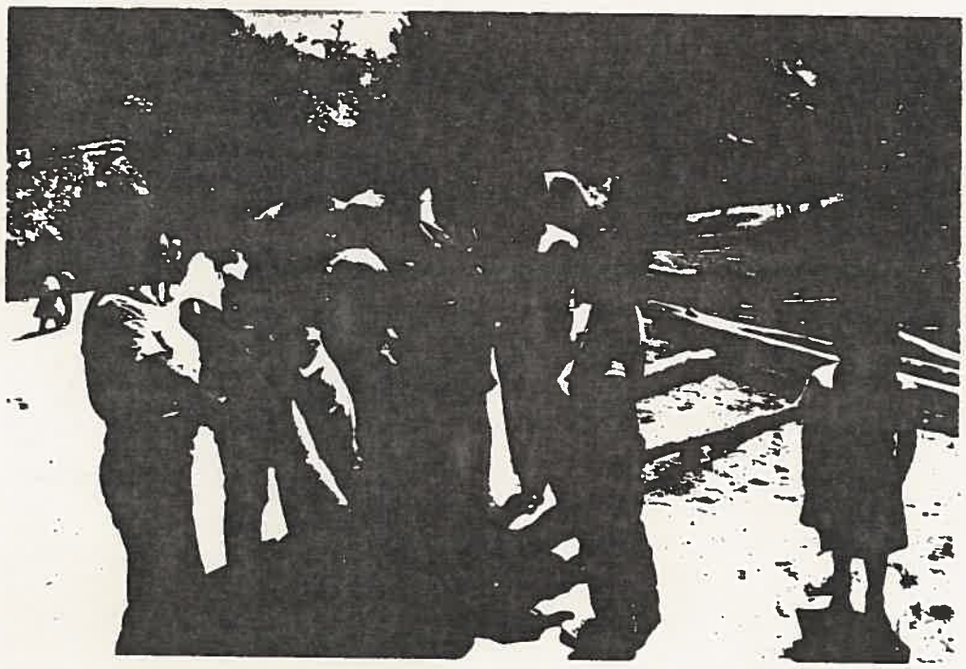
CRIANÇA GUARANI NO CAMINHO DE ACESSO À ALDEIA DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO/1988)

CACIQUE JOÃO DA SILVA NA PLANTAÇÃO DE MILHO - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO/1988)

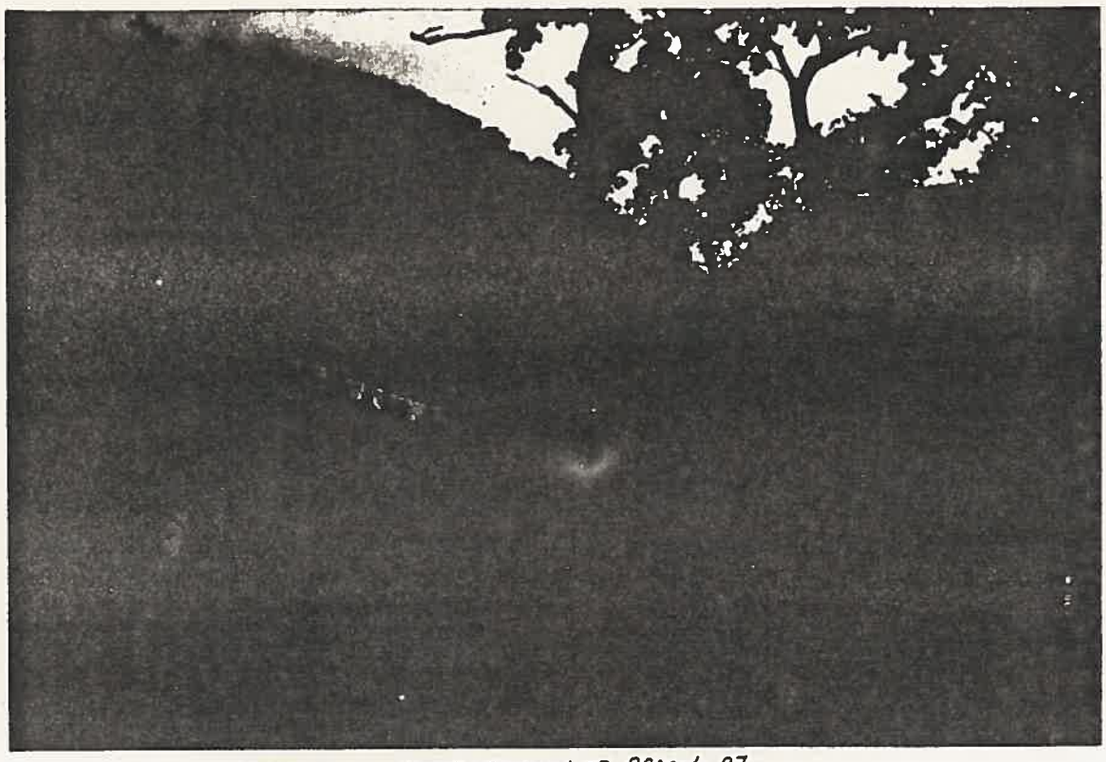
BANANEIRAS JUNTO A CASA DO CACIQUE JOÃO DA SILVA - ALDEIA DE BRACUÍ/RJ
(FOTO: ADRIZA DE ALMEIDA - 1990)



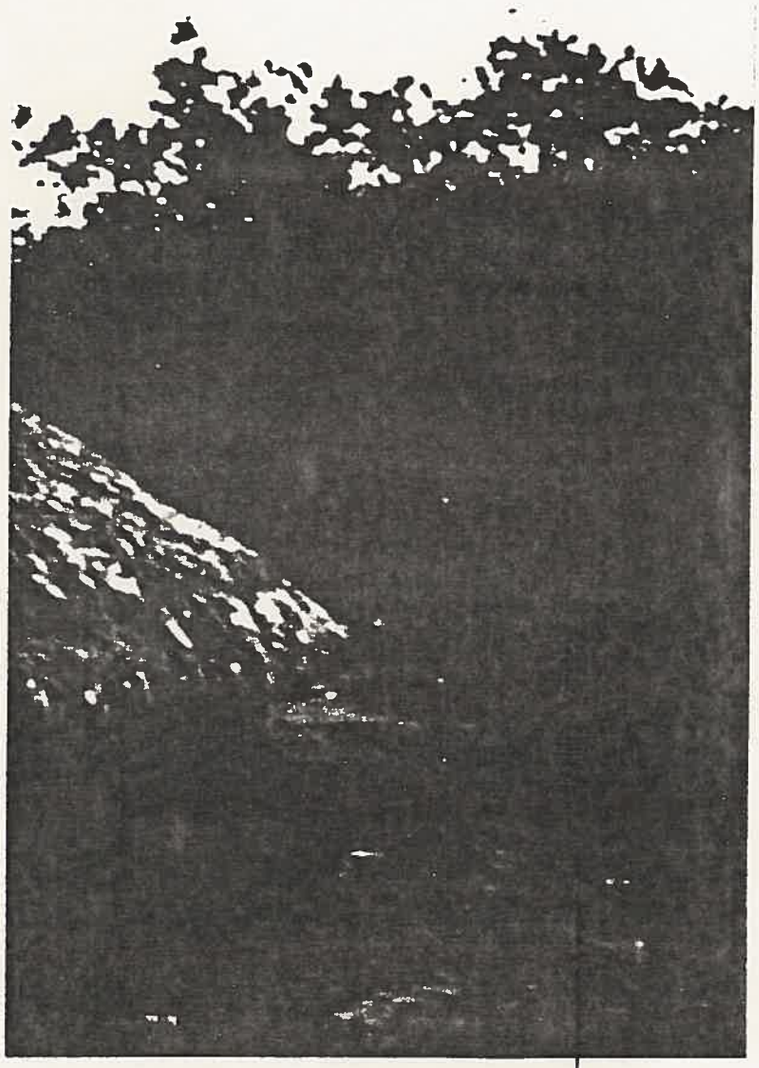
CASA TRADICIONAL GUARANI (OO) - ALDEIA GUARANI DE BRACUI-RJ
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO / 1988)



CRIANÇAS GUARANI NO PÁTIO DA ALDEIA DE BRACUI - RJ
(FOTO: MUSEU DO ÍNDIO / 1988)

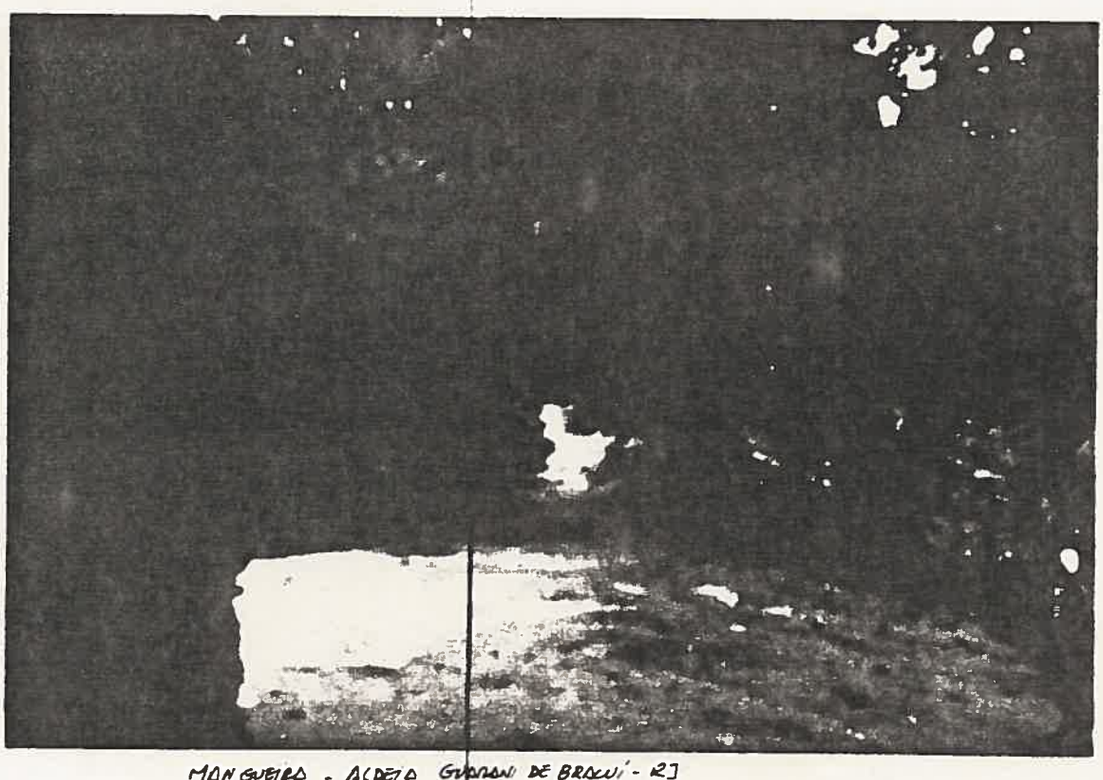


GOIABEIRA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ.
(FOTO: SHEILA SÁ / 1990)



GOIABEIRA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: ARICA DE ALMEIDA / 1990)

JABUTICABEIRA E JAQUEIRA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: ARILZA DE ALMEIDA 1990)



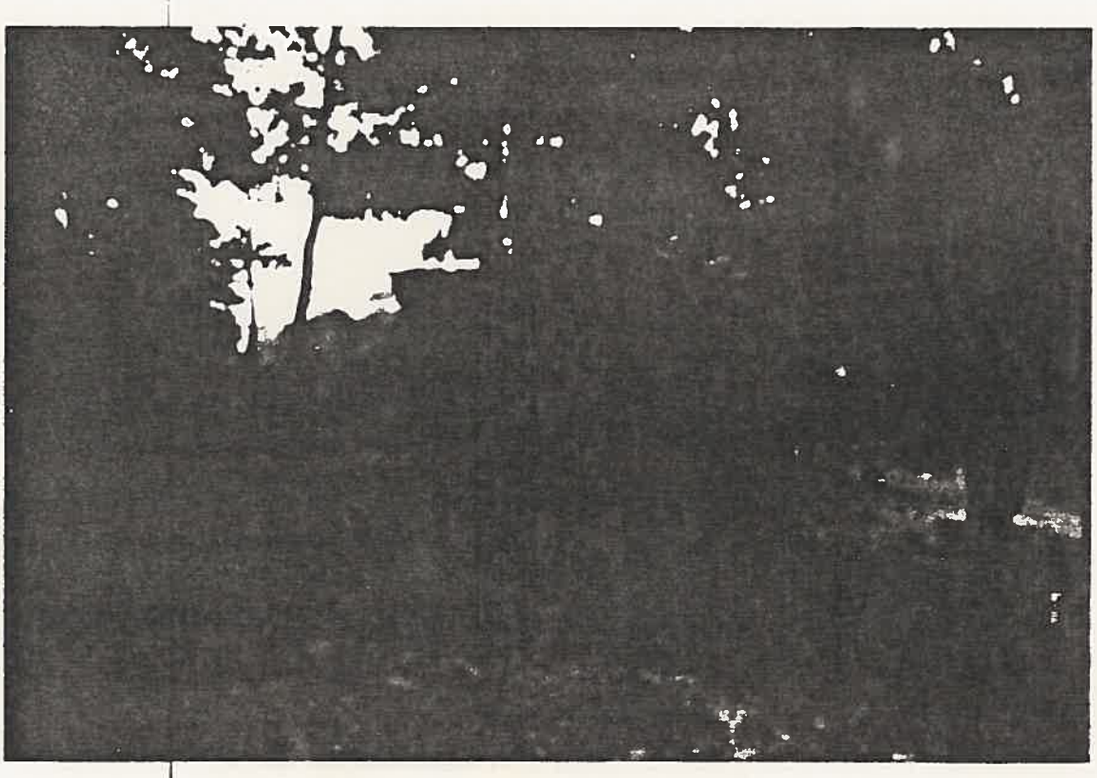
MANGUEIRA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: ARILZA DE ALMEIDA 1990)

MANGUEIRA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: ARILDO DE ALMEIDA / 1990)

TANGERINA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: ARILDO DE ALMEIDA / 1990)

fls 119

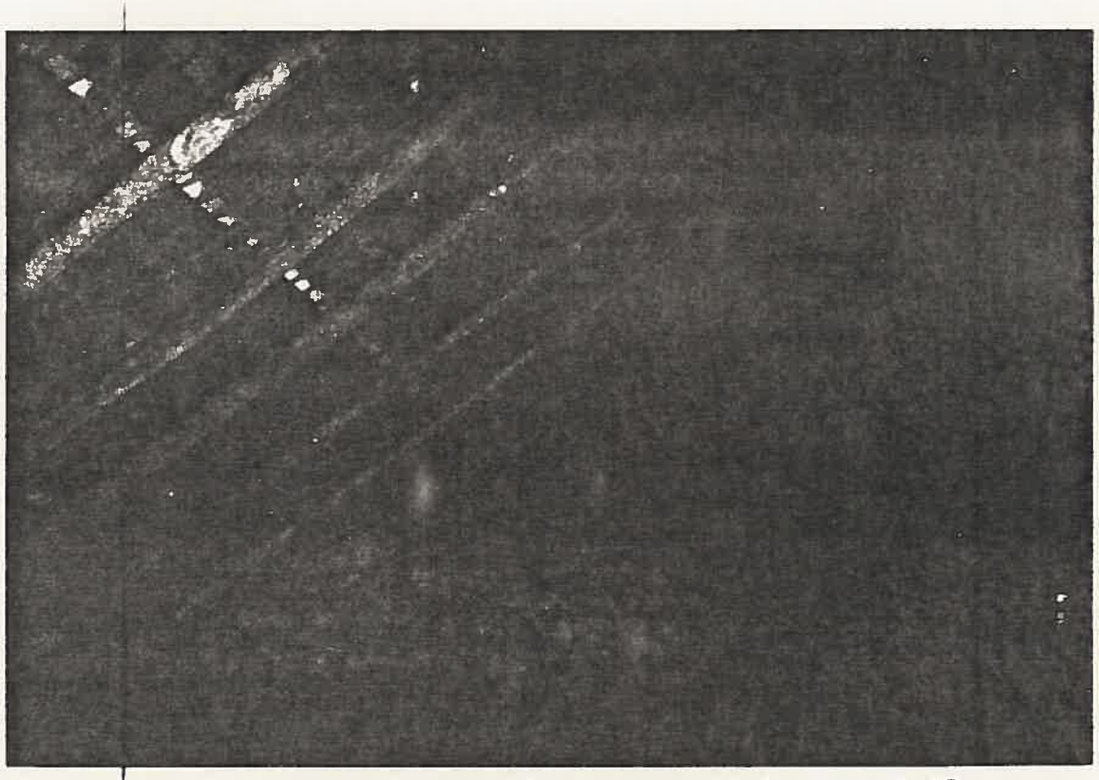
JEQUEIRÃO - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: ARILZA DE ALMEIDA/1990)



TANGERINA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: ARILZA DE ALMEIDA/1990)

fls 120

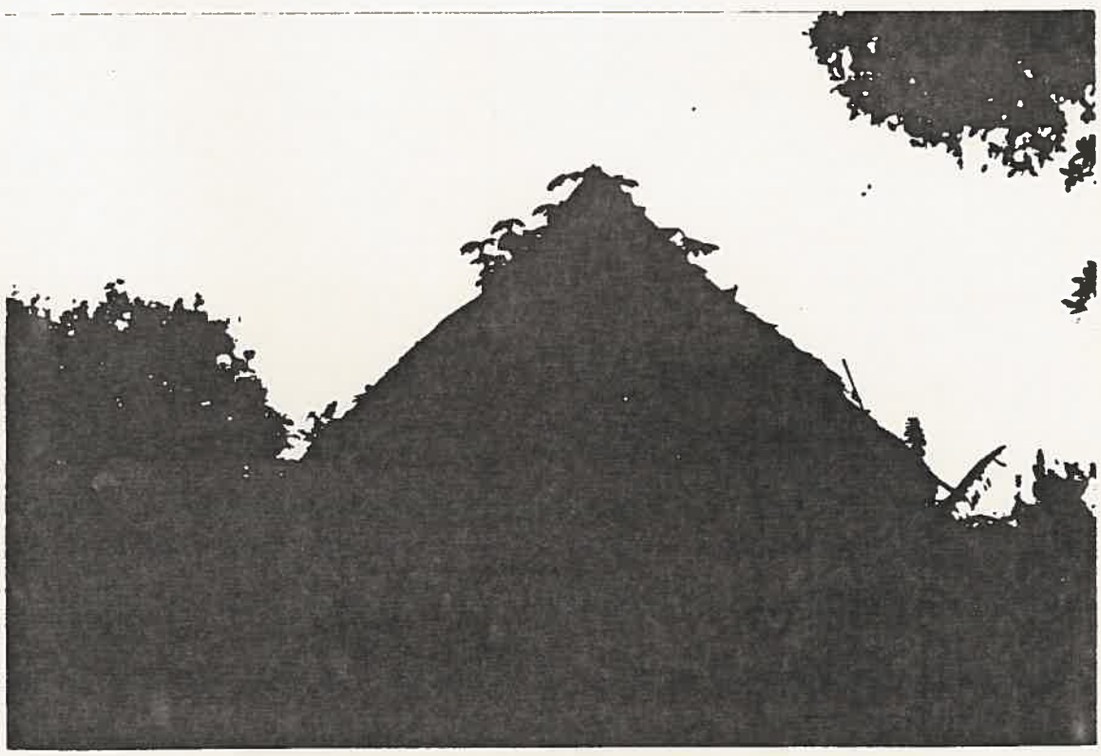
CASA DE REZA GUARANI - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ-RJ
(FOTO: SHEILA SÁ /1990)



INTERIOR DA CASA DE REZA GUARANI - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ-RJ
(FOTO: SHEILA SÁ/1990)

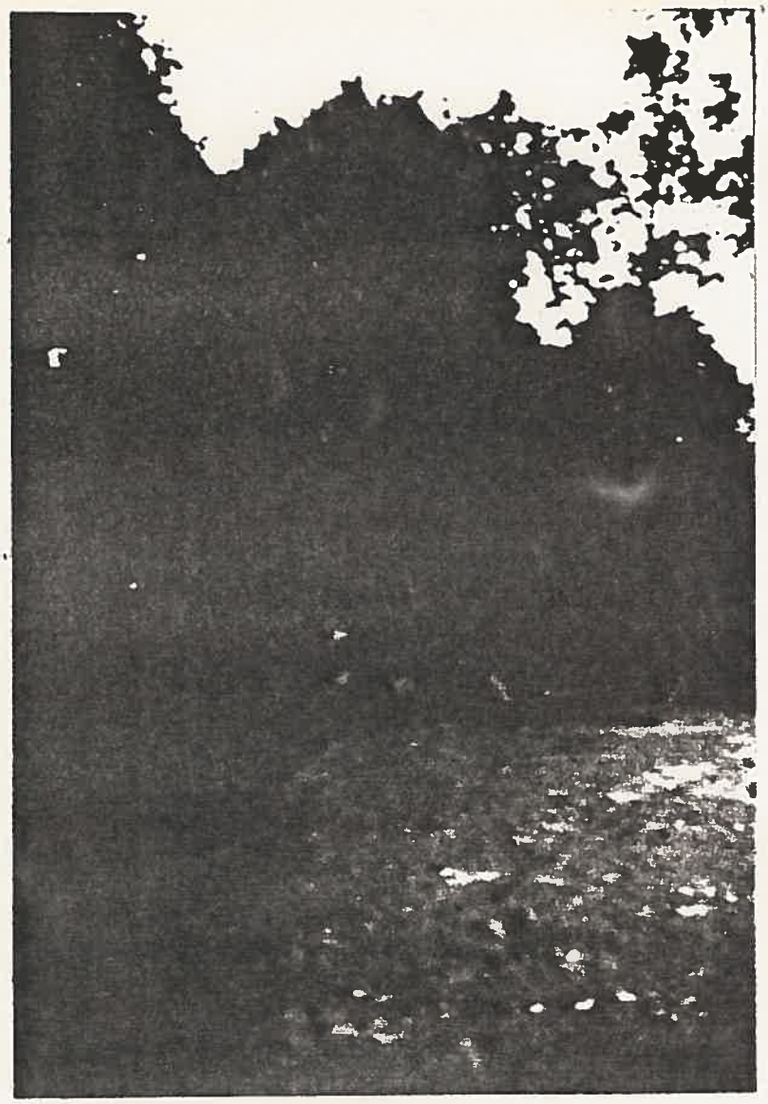
fl 121

JABUTICABEIRA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ-RJ.
(FOTO: SHEILA SÁ/1990)



CASA TRADICIONAL GUARANI TENDO AO LADO A CASA DE REZA
ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ-RJ
(FOTO: SHEILA SÁ/1990)

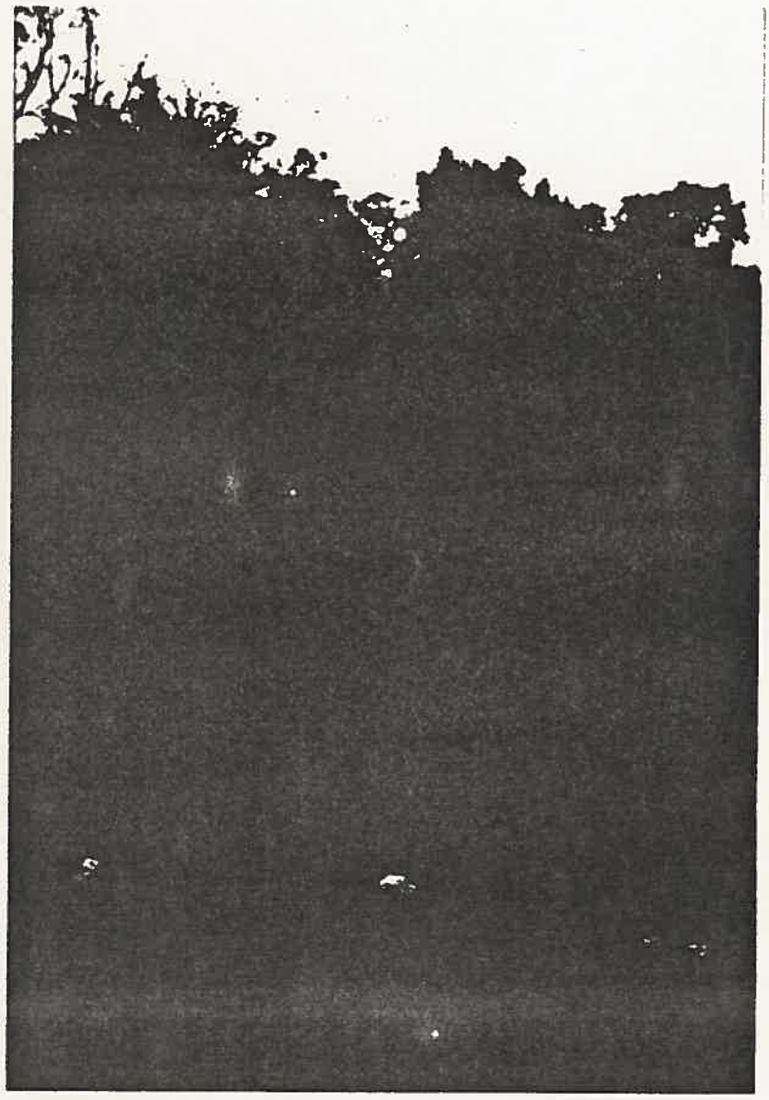
fls 122



MANGUEIRA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - (
(FOTO: ARILZA DE ALMEIDA/1990)

GOIABEIRA
ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: SHEILA SÁ/1990)

fls 123



JABOTICABEIRA À FRENTE - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: SHEILA SÁ/1990)

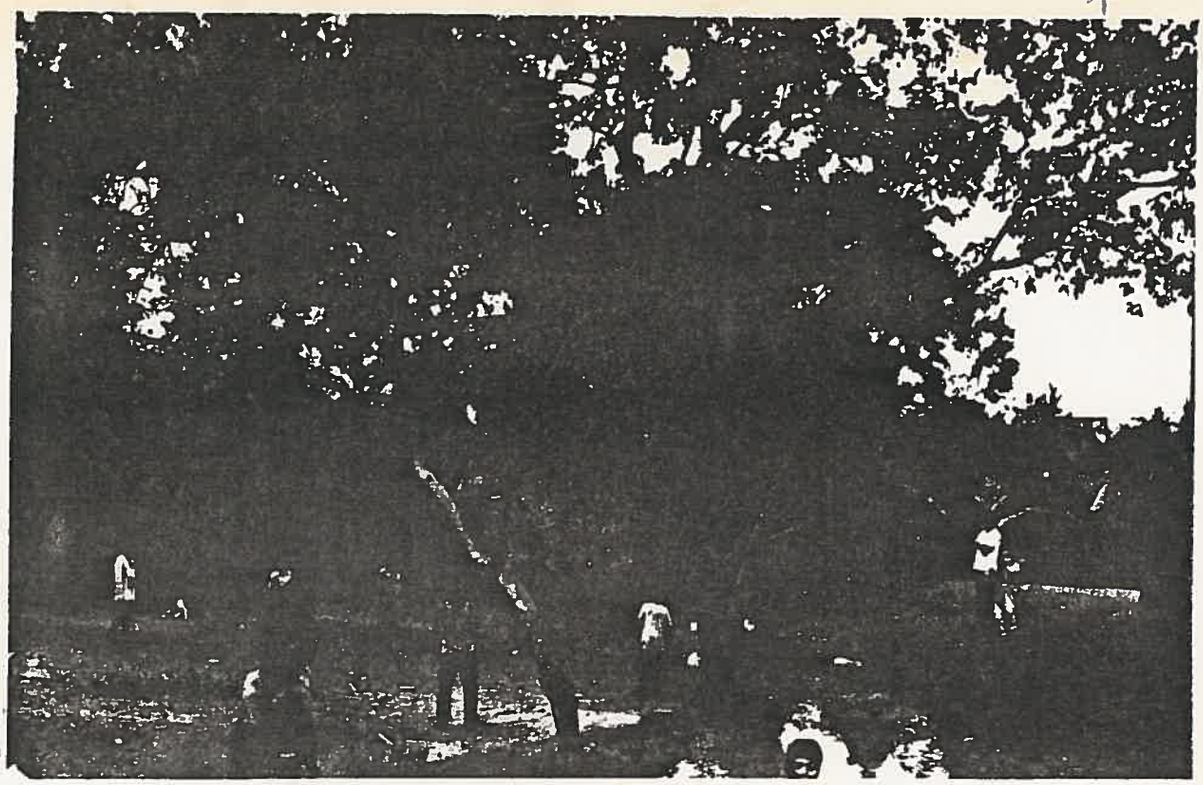
GOIABEIRA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: ARILZA DE ALMEIDA/1990)

fls 124

FRUTO PÃO - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: ARILTA DE ALMEIDA 1990)

TANGERINA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ.
(FOTO: ALDO LITAIFF 1990)

fls 125



GOIABEIRA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: ALDO LITAIFF 1990)

JAQUEIRA - ALDEIA GUARANI DE BRACUÍ - RJ
(FOTO: ALDO LITAIFF 1990)

fls 126

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PODER JUDICIÁRIO

JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO RIO DE JANEIRO
Fls 93

AUTO DE IMISSÃO DE POSSE NA FORMA ABAIXO:

Aos vinte e seis (26) dias do mes de janeiro do ano do mil novecentos e oitenta e nove 1989, nesta cidade de Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, sito na localidade denominada Bracuí , 2º distrito deste municipio , onde em diligencia nos digimos nós Oficiais de Justiça, abaixo assinados , em cumprimento ao respeitável Mandado , extraido dos autos nº2802/88 , de DESAPROPRIAÇÃO que o ESTADO DO RIO DE JANEIRO , promove contra BENEDITO AZEVEDO DA SILVA e outros , em curso pelo Cartório do 1º Oficio, e sendo aí , com as formalidades legais, e com a presença do representante do autor e da Funai, INTIMOS - o autor ESTADO DO RIO DE JANEIRO, na posse do imóvel localizado no Bracuí , área Indígena Guaraní- Bracuí, localizado no Bracuí , 2º distrito deste município. Do que para / constar, lavramos o presente auto que, lido e achado conforme , vai devidamente assinado por nós Oficiais de Justiça / pelo representante do autor o Dr. José Alberto Kede.

Francisco A. D. Dom
Chefe Posto Indígena Bracuí - Funai
Portaria N.º 0419-11/04/88

João da Silva
JOÃO DA SILVA
CACIQUE GUARANIS

J. A. Kede
José Alberto Kede Procurador

Magdalena Amorim

7535-651-0291

fls 127

PROCURADORIA GERAL DO ESTADO

SEXTA PROCURADORIA REGIONAL

EXMO.SR.DR. JUIZ DE DIREITO DA COMARCA DE ARRAIAL DO CABO

O ESTADO DO RIO DE JANEIRO, nos autos da AÇÃO DE DESAPROPRIAÇÃO que promove em face de BENEDITO AZEVEDO DA SILVA e outros vem, respeitosamente, expor para ao final requerer o seguinte:

A AÇÃO DE DESAPROPRIAÇÃO foi promovida sob égide da Constituição anterior, o que torna a r. decisão de imissão provisória de posse, válida para os efeitos legais.

Agora, com a promulgação da nova Carta é necessário que a ela se adapte a presente ação.

Sendo as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios consideradas bens da União(art.20 C.F.), "competindo à União demarcá-las" art.231 C.F.) e indenizar as benfeitorias derivadas da ocupação de boa fé"(art.231 § 6º), disso resultam os seguintes efeitos processuais:

1. A incompetência do Juizo Estadual, devendo o processo ser enviado à para distribuição a uma da Varas Federais, agora, competentes para

14 - Ofício

PROCURADORIA GERAL DO ESTADO

JUSTIÇA FEDERAL - Fls. 45 - 1ª Vara da Seção Judiciária

para conhecer da ação ;

2. Já no Juizo Federal operar-se-á a SUBSTITUIÇÃO DAS PARTES. A UNIÃO substituirá o ESTADO, como AUTOR (art. 41 a 43 do C.P.C.). Esta substituição é possivel, não só pela promulgação da Carta Máxima, como nos termos do art.264 doC.P.C. já que a citação ainda não foi procedida;

3. Em face do imperativo Constitucional e do permissivo legal (art. 246 do C.P.C.) a Desapropriação se restringirá às benfeitorias derivadas de ocupação de boa fé, bem como DEMARCARÁ a área que será atingida pela medida.

Pelo exposto requer, manifestada a incompetência do Juizo local, o envio dos autos à distribuição, na Justiça Federal, para uma de suas Varas.

Nestes termos

P. Deferimento

JOSÉ [illegible]

fls 129

VISTA
Aos 11 de 04 de 1989
faço estes autos com vista ao

Proc. nº 2802/89

M.M. Dr. Juiz:

(Requeiro inicialmente) s/efeito

1. Inteira razão assiste ao ilustre Procurador do Estado, haja vista que a Constituição Federal em vigor atribui expressamente à União a competência para demarcar e proteger as terras tradicionalmente indígenas.

2. E ainda, considera "nulos e extintos, não produzindo efeitos jurídicos, os atos que tenham por objeto a ocupação, o domínio e a posse" daquelas terras.

fls 130

Proc. 2802/88 - continuação

3. Assim sendo, é de se reconhecer a incompetência do Juízo para apreciação da causa, encaminhando-se o feito a uma das Varas federais competentes.

Angra dos Reis, 22/4/89

[signature]

REC[illegible]
Ministério [illegible]
Angra dos Reis 22 . 05 . 89

Escrivão
CONCLUSÃO
Aos ___ de ___ de 198__
Faço estes autos conclusos ao Mrd. Juiz de Direito

JUSTIÇA FEDERAL
Fls 98
Est. do Rio de Janeiro

fls 131

Como bem lançado pelo Dr. Procurador do Estado a fls. 94/5, corroborado pelo ilustre representante do M.P. a fls. 96 v.º e 97, a Carta Magna promulgada em outubro de 1988, retirou da justiça estadual a competência para aferir lides que digam respeito aos índios.

In casu, trata-se de incompetência ratione personae, ou seja, absoluta, que pode ser reconhecida de ofício nos próprios autos do processo.

Face ao exposto, declino da competência para decidir esta causa, em favor da Dima dos

fes 132

Varas Federais neste Estado.
Dê-se baixa na distribuição
e remetam-se os autos

3-5-89

RECEBIMENTO

Recebo nestes Odeon Neves Chagas do
JUIZ DE DIREITO
Angra dos Reis, 03 05 89

Escrivão

Cirulo
A. 03.05.89
J. A. Rede
Procurador do Estado
Rede

CERTIDÃO

Certifico e dou fé que nesta data registrei a sentença de
fls. 95/98 no Livro n.º 37 às fls. 98/99
Angra dos Reis 03 05 89
O escrivão

INTIMAÇÃO

Certifico e dou fé que nesta data tornei a sentença
de fls 95/98 vº
do Estado
Procurador
Angra dos Reis 03 05 89
Escrivão

João Carlos Miranda Freire
Promotor de Justiça
Matrícula n.º

INTIMAÇÃO

Certifico e dou fé que nesta data tornei a sentença
de fls 95/98 vº
Público
Ministro
Angra dos Reis 03 05 89
Escrivão

.040

fls 133

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

rge

919

[illegible]

Rio de Janeiro, [illegible]

ASSUNTO: Requisição (fax)

Senhor Chefe,

Pelo presente, requisito a Vossa Senhoria seja remetida a este Juízo a cópia do convênio firmado com o Estado do Rio de Janeiro, bem como os elementos de caracterização da comunidade indígena Guarani-Bacuí [illegible] do Guarani da Região de Angra dos Reis, [illegible] nível de [illegible], para fins de instruir a [illegible] nº [illegible], proposta pelo ESTADO DO RIO DE JANEIRO em face de BENEDITO AZEVEDO DA SILVA E OUTROS.

Limitado ao exposto, [illegible] reafirmar a V.Ss. as expressões de minha estima e consideração.

MANDERLEY DE ANDRADE MONTEIRO
Juiz Federal da [illegible] Vara
Seção Judiciária do Estado do Rio de Janeiro

ILMO. SR.
CHEFE DA REPRESENTAÇÃO REGIONAL DA FUNAI
Rua das Palmeiras nº 55 - [illegible]
RIO DE JANEIRO - RJ

Recebi o original 18.5.90
Gessi Stancke

MINISTÉRIO DO INTERIOR
MUS/RJ
18 MAI 1990
radiotelecomunicações FUNAI/RJ

.040

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

fls 134

112

[illegible]

Rio de Janeiro, [illegible]/1990

ASSUNTO: Requisição (faz)

Senhor Procurador,

Pelo presente, requisito a Vossa Excelência seja remetido a este Juízo o histórico criminal, desde a origem, com todas as transcrições anteriores, ônus e averbações da área de terras declarada de utilidade pública pelo Decreto Estadual nº 9.343, de 13.11.1986, para fins de preservação Ambiental cultural da Comunidade Indígena localizada no 2º Distrito do Município de Guarani da Região de Angra dos Reis; declarando se há cadeia dominial de mesma fonte, ou se interfere com aquelas adquiridas pelo BANERJ à empresa Letra S/A. no Bacui, para instruir a AÇÃO DE DESAPROPRIAÇÃO nº 89.000/393-1, proposta pelo ESTADO DO RIO DE JANEIRO em face de BENEDITO AZEVEDO DA SILVA E OUTROS.

Limitado ao exposto, colho o ensejo para reafirmar a V.Exa. as expressões de minha estima e consideração.

WANDERLEY DE ALDRADE MONTEIRO
Juiz Federal da 112 Vara
Seção Judiciária do Estado do Rio de Janeiro

EXMO. SR.
DR. PROCURADOR-GERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO - RJ

PGE
PROTOCOLO
08 MAI 1990

fls 135

PODER JUDICIÁRIO

fls136

FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

INSTRUMENTO DE RETIFICAÇÃO DO TERMO DE CONVÊNIO Nº /87, CELEBRADO ENTRE A FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI E O GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RELATIVO A REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA DA ÁREA INDÍGENA GUARANI BRACUÍ/RJ, NA FORMA ABAIXO:

A FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, instituída pela Lei nº 5.371, de 05.12.67, com sede e foro em Brasília/DF, doravante denominada FUNAI, representada neste ato por seu Presidente, Dr. ROMERO JUCÁ FILHO e o Governo do Estado do Rio de Janeiro, doravante denominado GOVERNO, representado neste ato por sua Excelência o Governador WELLINGTON MOREIRA FRANCO, celebraram em 20.08.87, o Termo de Convênio nº /87, relacionado com a Regularização Fundiária da Área Indígena Guarani de Bracuí/RJ, que havendo enganos em alguns itens da Cláusula Segunda do aludido Convênio - no que concerne - ÀS OBRIGAÇÕES DO GOVERNO E DA FUNAI - resolvem retificá-la passando a Cláusula Segunda a viger com a seguinte redação:

CLÁUSULA SEGUNDA - Das Obrigações do Governo

1. Proceder, através de sua Procuradoria Geral e com a participação da Secretaria Extraordinária de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos, a avaliação dos custos da desapropriação dos imóveis e benfeitorias de não-indígenas situados na Reserva Indígena Guarani Bracuí.

2. Demarcar, de acordo com as normas técnicas da FUNAI, a Reserva Indígena Guarani de Bracuí, na conformidade dos limites fixados pelo Decreto Estadual nº 9347, de 13 de novembro de 1986.

3. Proceder o pagamento das benfeitorias incidentes na Reserva Indígena Guarani de Bracuí.

4. Proceder o registro no Cartório de Imóveis da comarca da situação da Reserva Indígena de Bracuí, de posse dos mapas e memorial descritivo a serem fornecidos pela FUNAI.

fls 137

FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

5. Propor a competente ação judicial e demais providências de ordem administrativa, objetivando a regularização e desentrusamento da Reserva Indígena Guarani de Bracuí.

DAS OBRIGAÇÕES DA FUNAI .

1. Repassar ao Governo os recursos necessários ao pagamento das indenizações das benfeitorias incidentes de acordo com o laudo de avaliação da Procuradoria do Estado do Rio de Janeiro e Secretaria de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos na Reserva Indígena Bracuí, de acordo com a avaliação de que trata o item 01. DAS OBRIGAÇÕES DO GOVERNO, da presente Cláusula, no valor de CZ$ 18.395,38 OTNs.

2. Fornecer ao Governo, se necessário, os dados e documentos de que dispõe, relativos aos estudos de identificação da Reserva Indígena Guarani de Bracuí.

Que assim retificando o aludido Termo de Convênio naquelas partes, como de fato pelo presente ora o retificam, ratificando as demais partes, para que com as retificações ora feitas continue produzindo todos os seus devidos e legais efeitos, passando o presente a fazer parte integrante do instrumento ora retificado.

Rio de Janeiro (RJ), de de 1988.

WELLINGTON MOREIRA FRANCO
Governo do Estado do Rio de Janeiro

ROMERO JUCÁ FILHO
Presidente da FUNAI

TESTEMUNHAS:

1

2

fls 138

[illegible]

fls 139

TERMO DE CONVÊNIO Nº /87, QUE ENTRE SI CELEBRAM A FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI E O GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, TENDO EM VISTA A REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA DA ÁREA INDÍGENA GUARANI BRACUÍ/RJ, EM FAVOR DA COMUNIDADE GUARANI.

A FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, instituída pela Lei nº 5.371, de 05.12.67, com sede e foro em Brasília-DF, doravante denominada FUNAI, representada neste ato por seu Presidente, Dr. ROMERO JUCÁ FILHO e o GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, doravante denominado GOVERNO, representado neste ato por sua Excelência o Governador WELLINGTON MOREIRA FRANCO, considerando que a Área Indígena Guarani de Bracuí é reconhecidamente de ocupação indígena, estando a presença dos índios constatada há mais de 30(trinta) anos, e cuja regularização imediata da terra representa um desejo da comunidade indígena que habita a área, da FUNAI, de entidades diversas e de pessoas que apoiam as reivindicações da comunidade pela sua permanência na terra que ocupa.

Tendo em vista que os estudos realizados na conformidade das determinações do Decreto nº 88.118, de 23 de fevereiro de 1983, determinaram a delimitação de uma área com superfície de 700 ha, (setecentos hectares), e que na área aqui mencionada foi constatada a existência de 08 (oito) ocupantes, sendo 05 (cinco) com título de domínio e 03 (três) como simples ocupantes, existindo ainda 01 (um) que disputa judicialmente uma parte da área em apreço.

E, ainda, que a situação fundiária da área proposta para os Guarani, por não estar caracterizada como terra de ocupação imemorial e por tanto sem o amparo dos artigos 4º, IV e 198, da Constituição Federal, tornou-se necessário enquadrá-la nos artigos 26 e 27, da Lei nº 6.001, de 19.12.73 - Estatuto do Índio -, na espécie da Reserva Indígena, como descrito na lei acima mencionada.

E que o Governo do Estado do Rio de Janeiro, através do Decreto Estadual nº 9.347, de 13 de novembro de 1986, declarou de utilidade pública, para fins de desapropriação, a área em questão.

E, finalmente, que, a área objeto do presente Termo de Convênio, garantirá a sobrevivência física e cultural dos remanescentes Guarani

que habitam o Estado do Rio de Janeiro, ora localizados na área em foco, resolvem celebrar o presente Convênio mediante as cláusulas e condições seguintes:

CLÁUSULA PRIMEIRA - Do Objeto

.O presente Convênio tem por objeto a regularização da Reserva Indígena Guarani de Bracuí, com área de 700 ha, situada no Município de Angra dos Reis - Estado do Rio de Janeiro, que por não se enquadar na espécie de terra de ocupação imemorial indígena, foi decretada de utilidade política para efeito de desapropriação através do Decreto nº 9.347, de 13 de novembro de.1986, pelo GOVERNO, com o fim de abrigar a comunidade indígena Guarani ai residente há mais de trinta anos.

* CLÁUSULA SEGUNDA - Das Obrigações do GOVERNO

1. Proceder, através de sua Procuradoria Geral e com a participação da Secretaria Extraordinária de Assuntos Fundiários, a avaliação dos custos da desapropriação do imóveis e benfeitorias de não-indígenas situados na Reserva Indígena Guarani de Bracui.

2. Definir, de posse da avaliação, junto à FUNAI a participação financeira dos convenentes no processo expropriatório dos imóveis levantados e descritos na forma da lei que regula a espécie.

3. Dar início a competente ação judicial e demais providências de ordem administrativas, assegurados os recursos pelas partes, objetivando à regularização da Reserva Indígena Guarani de Bracui.

4. Proceder o registro no cartório de imóveis da comarca de situação da Reserva Indígena Guarani de Bracui, de posse dos mapas e memorial descritivo a serem fornecidos pela FUNAI.

DA FUNAI:

1. Demarcar a Reserva Indígena Guarani de Bracui na conformidade dos limites fixados pelo Decreto Estadual nº 9.347, de 13 de novembro de 1986, de acordo com as normas estabelecidas para demarcação de terras indígenas.

2. Participar com recursos financeiros no montante a ser definido, conforme item 02, das obrigações do GOVERNO da presente Cláusula.

* Retificada, ver "Instrumento de Retificação ..."

3. Fornecer ao GOVERNO, se necessário, os dados e documentos de que dispõe, relativos aos estudos de identificação da Reserva Indígena Guarani de Bracui.

4. Entregar, após a demarcação, mapas e memorial descritivo da Reserva Indígena, para efeito de Registro em Cartório de Registro de Imóveis na comarca de situação.

CLÁUSULA TERCEIRA - Dos Prazos

Estipular os seguintes prazos, a contar da assinatura do presente Convênio:

- sessenta dias para levantar os custos da desapropriação, referida no item 01, das obrigações do Governo, constante na Cláusula Segunda;

- noventa dias para demarcação da Reserva Indígena na conformidade do item 01, das obrigações da FUNAI, da mesma Cláusula;

- setenta e cinco dias para definição da participação financeira das partes convenentes;

- noventa dias para pagamentos das indenizações, mediante as providências administrativas e judiciais pertinentes.

CLÁUSULA QUARTA - Do Termo Aditivo

Após a definição dos custos financeiros da desapropriação, constantes na Cláusula Segunda, será feito um Termo Aditivo ao presente Convênio onde serão detalhados os valores e as respectivas responsabilidades financeiras.

CLÁUSULA QUINTA - Do Acompanhamento

A FUNAI e o GOVERNO designarão uma comissão, composta de Técnicos, para acompanhamento dos trabalhos de regularização da Reserva Indígena Guarani de Bracui.

fls 142

CLÁUSULA SEXTA - Do Foro

Fica eleito o Foro do Rio de Janeiro para resolução de questão que emergirem do presente Termo de Convênio.

E por estarem assim justos e acertados, firmam o presente Convênio em três vias de igual teor.

Rio de Janeiro(RJ), de de 1987.

WELLINGTON MOREIRA FRANCO
Governador do Estado do Rio de Janeiro

ROMERO JUCÁ FILHO
Presidente da FUNAI

TESTEMUNHAS:

fls 143
380

A ruí
gua

Os índios do Bracuí, como não conhecidos em Angra dos Bocaina. Vivem da venda de artezanatos na beira da Rio-brancos.

Eles não usam cocares com penas de animais silvestres e raramente pintam o corpo com urucum ou frutas silvas. Falam a língua dos brancos mas preservam o guarani em suas reuniões públicas. Perderam suas terras no Sul e estão proibidos de dar entrevistas pela Fundação Nacional do Índio. Vivem da venda de objetos artezanais na beira da BR-101, no litoral de Angra dos Reis, e moram numa reserva do Instituto Brasileiro de Defesa Florestal, na Serra da Bocaina. São os índios da tribo Nhendeva, que vieram de Santa Catarina e não sabem para onde vão quando o progresso chegar mais próximo de seus barracos de pau-a-pique, forrados com sapé. São aproximadamente 200. Próximo deles estão localizadas as ruínas de Santa Rita do Bracuí, sede de uma próspera fazenda construída em 1830 - o mesmo destino a estigmatizar duas relíquias distintas.

Os índios nhendeva adotaram muitos hábitos dos brancos, como o gosto pelo cigarro e por cachaça, que se recusam a receber de qualquer um para não provocar a ira dos inspetores da Fundação Nacional do Índio, que patrulhasse por comprometer irreversivelmente uma cultura milenar que ainda não está antropologicamente decifrada. Os índios trocaram a nudez pelos jeans e seus arcos e flechas por tacos de sinuca. Aparício, por exemplo, é exímio praticamente deste esporte e frequenta as biroscas da Rio-Santos com suas jogadas de mestre.

DUAS AMEAÇAS

A reserva florestal da Serra da Bocaina é um santuário ecológico que está situado numa das regiões mais cobiçadas do Estado do Rio de Janeiro - Angra dos Reis, com sua privilegiada baía e 300 ilhas paradisíacas. Por isso não é provável que a especulação imobiliária deixe de lado os seus encantos. Já avançou muito com suas marinas, condomínios fechados e loteamentos. No quilômetro 114 da Rio-Santos fica a entrada para a região montanhosa onde está localizada a tribo nhendeva, de origem guarani. Os índios do Bracuí vivem quase que exclusivamente do artezanato que vendem na beira das estradas. Há 15 anos estão neste local, depois de percorrerem o interior de Santa Catarina e Minas Gerais.

Os cunhãns da Serra da Bocaina foram alertas pelos índios nhendeva, que estão desmatando o local para plantar milho, mandioca e feijão. Receberam 20 quilos de sementes da FUNAI.

João, preocupado em abrir picadas na mata para conseguir madeira para as casas que pretende construir: "O moço da FUNAI proibiu reportagens aqui."

Não pode tirar retratos". Os nhendeva tem a altura média de 1,60 e muitas famílias estão morando sob abrigos de plástico. Para o plantio de milho receberam apenas 20 quilos de semente: "Já pensamos em criar porcos, mas eles comem muito".

Os nhendeva não caçam mais. Seus costumes foram violentamente estereotipados pelos brancos. Apenas a língua permanece sendo cultivada pela tribo. Adotam nomes portugueses: João, Antônio, José, Maria, todos sem sobrenome.

O cacique João explica que os nhendeva vieram de Santa Catarina: "Nós temos nomes guaranis mas só para quando estamos sozinhos".

Não cultivam o idioma nativo na frente de ninguém: "Quem vivia nestas terras eram os tamoios. Eles não existem mais".

Os primeiros índios que chegaram ao local, há mais ou menos 15 anos, foram desestimulados pelo atropelamento de um deles - a maioria voltou para o Sul do país e somente Aparício e sua família ficaram em Bracuí. Mas não conseguiram uma reserva melhor e retornaram com a proteção do professor Darcy Ribeiro: "Agora a gente quer o título de propriedade das terras".

O QUE VAI SER DOS NHENDEVA?

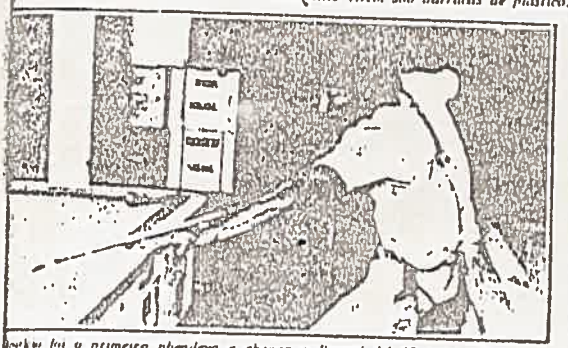
As crianças aprendem primeiro a falar o guarani e, depois, o português porque os nhendeva não sabem ao certo a que civilização pertencem.

Além disso, cercados por ricas mansões, pelo barulho da Rodovia Rio-Santos e pelas ameaças dos especuladores imobiliários, podem ser transferidos para outra reserva, mesmo porque a área onde estão localizados com suas choupanas pertence ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e não à Fundação Nacional do Índio. Não foram demarcadas até hoje como reserva indígenas. Em Angra dos Reis também está localizada as ruínas nucleares da NUCLEBRAS, mostrando as pontas de duas civilizações distintas. Por isso os nhendeva podem ser surpreendidos, a qualquer momento, pela necessidade de uma nova migração.

Não diferem muito de algumas tribos que vivem em

...índios são mães muito zelo... Gos... de ouvir as músicas... o Roberto ...lm e dos programas... a Xuxa.

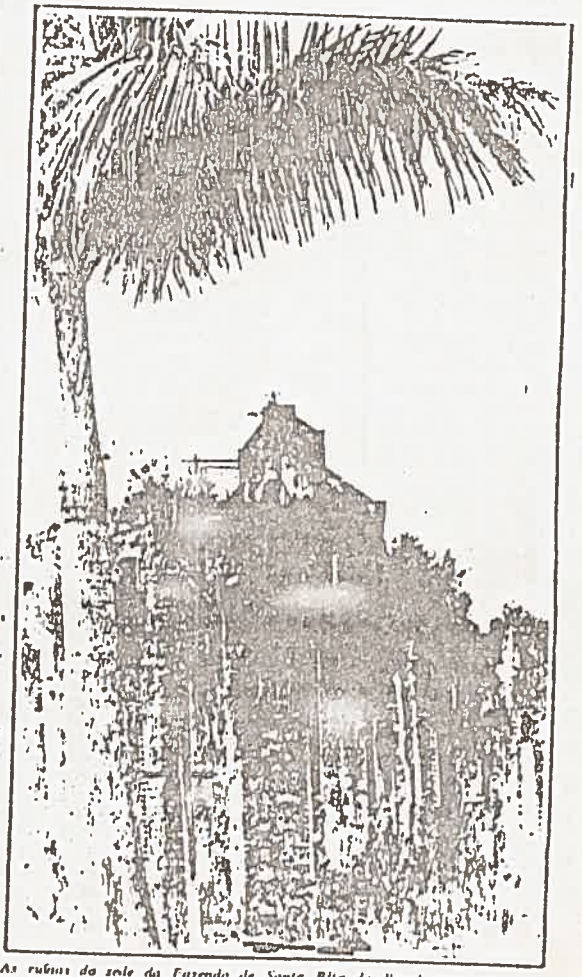
O cacique João quer construir casas para os 200 índios nhendeva, que atualmente vivem sob barracos de plástico.



...rlos foi o primeiro nhendeva a chegar a Bracuí, há 15 anos, e hoje ...se encontrado nos bares de Angra dos Reis, jogando sinuca.

...a região onde estão instalados. Mas existem indícios de que o alcoolismo prospera no mesmo ritmo da decadência de suas tradições. A pulhitica indigenista foi incapaz de evitar que o contato com a civilização dos brancos aca-

Os índios nhendeva estão desmatando o local para realizarem o plantio de milho, feijão e mandioca, em pequena escala. Não foi muito difícil encontrá-los: Aparício encarregou-se de mostrar as trilhas e da apresentação ao cacique



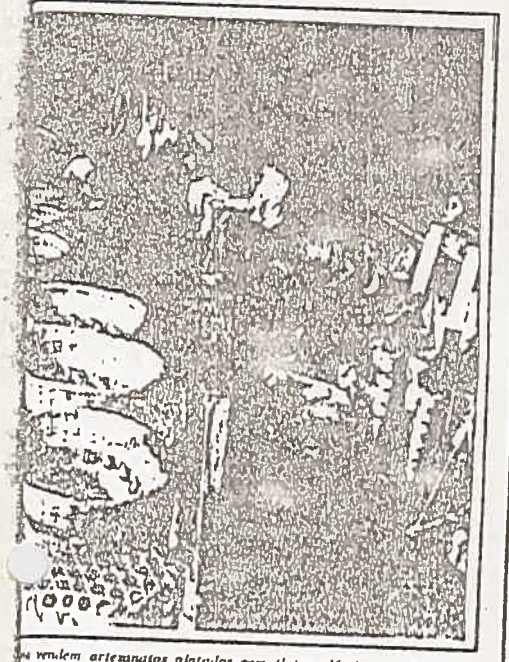
As ruínas da sede da Fazenda de Santa Rita do Bracuí contrasta com a modernidade dos condomínios fechados, das marinas e das usinas nucleares.

dos

is

Texto de Carlos Silva
Fotos e pesquisa de Jorge Lopes

anta Catarina e ocupam uma reserva do Serra da cachaça, jogam sinuca e adotaram os hábitos dos



...ue vendem artesanatos pintados com tintas plásticas e adornados ...de galinha na beira da Rio-Santos.

...com os brancos, no ...Sudoeste do país, co... ...caleses, na divisa ...Gerais com a Bahia, ...as chapadas iguais, ...português arruinta... ...de cachaça - be... ...fume - e estão sen... ...servados a plantar ...ando são nômades, ...e contemplativos,

...s férteis, já demar... ...FUNAI, são cobi... ...pelos pecuaristas ...Machacalis, Bertó... ...guas Formosas; os ...dão valor ao capim ...e não conseguiram ...800 cabeças de gado ...eram para sobrevi... ...las em pouco tem... ...des caçam bois nas ...zinhas à reserva.

...certo os nhendeva ...seguirão sobreviver ...e quilos de semen... ...o que receberam da FUNAI e que começarão a ser plantados em setembro. Sem tradição na agricultura, terão que continuar vendendo suas peças de artesanato na beira das estradas, como os mucheleses o fazem nas cidades de Minas, usando tintas plásticas e penas de galinha, e a buscar na cachaça uma explicação para a loucura da civilização moderna.

A promiscuidade, por exemplo, fez com que a tribo mineira recebesse sem espanto algumas crianças de cabelo louros, nascidas de mães com 12 ou 13 anos de idade, boca desdentada e algumas obcessões burguesas - ter um radinho de pilha para escutar as músicas de Roberto Carlos ou uma televisão para ver a Xuxu.

Os nhendeva preferem outra relíquia moderna, por enquanto: "Moço, tira um retrato da gente?"

OPINIÃO

Frente muito fria

Pedro Cesar Genn e Jorge Roberto Silveira: o PDT vai enfrentar a VIADA - Via Democrática Alternativa.

Não é apenas o rigoroso inverno que está esfriando o entusiasmo da população, e respeito das decisões políticas. Na quinta-feira, por exemplo, estiveram reunidos na sede da Associação Comercial do Estado do Rio de Janeiro dirigentes e candidatos de diversos partidos que pretendem criar uma frente para impedir a eleição do deputado Jorge Roberto Silveira, já desenhada pelas pesquisas, para dirigir a cidade de Niterói a partir de 1º de janeiro do próximo ano, sob o argumento de que teria agredido o Partido da Social Democracia Brasileira com a versão de que se trata de uma salada de frutas. Os lucanos ficaram uma arara!

Pode ser que o parlamentar do PDT não tenha proferido tal heresia, mais identificado com o Partido Liberal, do deputado Álvaro Valle. Afinal, salada de frutas não é algo tão pejorativo que possa estremecer a dignidade dos luminares do PSDB. Frutas e bicicletas, portanto, estão justificando a formação de uma frente política que reúne adeptos e heterodoxos das esquerdas e da direita que o prefeito Waldenir de Bragança lidera com suas ervas de fim de semana sem que, em qualquer momento, a situação de degradação urbana, social, econômica, ética e política da cidade tenha sido objeto da mais leve preocupação por parte daquilo que desejam deter o poder. Pura e simplesmente. Além disso, em torno de que idéias e propostas esta frente se reunirá?

Além de ser uma demonstração de fraqueza, o surgimento da VIADA - Via Democrática Alternativa -, que já nasce desmoralizada por suas próprias contradições, vai impedir que o processo de renovação política tenha curso.

Surpresa

Pesquisas confiáveis indicam que o advogado Luiz Paulino Moreira Leite vai disputar o primeiro turno das eleições municipais com chance, perdendo apenas para o deputado Jorge Roberto Silveira. Por isso está sendo requisitadíssimo para composições envolvendo o Partido Liberal. Em terceiro lugar nestas pesquisas surge o candidato do PTR, Antônio Carlos Morett.

Pronunciamento

O Prefeito de Magé, Ademir Ullmann, vai reunir-se com as lideranças locais, na próxima semana, para lançar, a nível regional, uma campanha voltada para a revitalização da economia do Estado do Rio de Janeiro. Pretende sensibilizar prefeitos, vereadores, deputados estaduais e federais para a aprovação de emendas que possam resgatar algumas propostas que foram enterradas pela Assembléia Nacional Constituinte. Falará com a autoridade de quem, há 18 meses no cargo, está realizando uma revolução sócio-urbana em Magé.

Ullmann criou em sua cidade a União Liberal, Socialista e Trabalhista, com sete partidos e 300 candidatos a vereador. O seu candidato à sucessão municipal é o deputado Ibiracy Pereira, do Partido Liberal.

Reflexo da crise

As lojas de departamentos, os supermercados e as redes de concessionárias de veículos estão com os ovelhas em pé e fazendo qualquer negócio para sustentar as vendas neste terrível inverno econômico. A TORD, por exemplo, está oferecendo sua linha de veículos abaixo dos preços tabelados. Mas nesse assim não consegue repetir as vendas de julho do ano passado. As lojas de departamentos também estão promovendo liquidações de estoques. Sem sucesso, porque um aparelho de televisão está custando 80 mil cruzados, podendo ser pago em 10 meses com o salário transformado em perversas OTN's.

Somente a famosa e celebrada Xuxa não tem do que reclamar: seu LP, lançado na semana passada juntamente com um espeto karaokê, bate recordes de vendas, estando em primeiro lugar em todas as paradas de sucesso, enquanto os cinemas que exibem seus filmes andam lotados de baixinhos e afins.

Petistas vão bater chapa

Mais de 100 possíveis que foram impedidos de participar da convenção do Diretório do Partido dos Trabalhadores, em março, lideradas por Daniel Pinho Rodrigues, vão disputar os cargos do Diretório Municipal. O próprio Pinho é candidato à presidência do PT de Niterói. A convenção está marcada para o dia 31, na Câmara Municipal, das 9 às 17 horas. Se não houver quorum no domingo o PT estará fora das eleições desde ano no segundo pólo político mais importante do RJ.

Daniel Pinho Rodrigues declara que sua intenção é resgatar a credibilidade do Partido dos Trabalhadores, "levado ao esfacelamento por sua atual direção", resgatar todas suas correntes ideológicas, dará lo de legalidade e revisão as punições dos dissidentes, que elegeram o professor João Batista de Andrade, fundador nacional do PT e um dos signatários de seu primeiro manifesto. Andrade está apoiando a chapa Reconstrução, que tem o apoio de massa de filiados.

Visita do presidente da Câmara Municipal de Rio das Flores, Vicente Guedes (PMDB) e o candidato a prefeito Elias Kalil Rissun em visita ao prefeito Ademir Ullmann, dia 26 último.

pes 145

380

SINAIS CONVENCIONAIS

	ÁREA ATINGIDA
FAZENDA EMBO - ESPOLIO JOSÉ T. DA CRUZ	179 ha
FAZENDA ITINGA - TORMAR PEREIRA	46 ha
PROPRIETÁRIO - NANCI GUIMARÃES DE CAVALHO	47 ha
PROPRIETÁRIO - RENATO AUGUSTINHO XAVIER	18 ha
FAZENDA MORRO DA MINA OU SONIL	[illegible]

MINISTERIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO INDIGENA - DPI

ÁREA INDÍGENA GUARANI-BRAÇUI

ANGRA DOS REIS

RIO DE JANEIRO

12º DR

SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

700 ha	20 Km
1:50 000	07/11/83
FUNAI/[illegible]	FOLHA TOPOGRÁFICA DO DSG - ANO 1981

TEC. RESP. PELO LEVANTAMENTO BENEFITORIAS | TEC. RESP. PELA IDENT. DOS LIMITES | TEC. RESPONSÁVEL PELO LEVANTAMENTO DOMINIAL | VISTO

ANTONIO DE E. N. NETO ENG. AGRÔNOMO | JOSÉ JAIME MARCIN ENG. AGRIMENSOR | JOSÉ SILVA [illegible] PROCURADOR AUTÔNOMO | SÉRGIO DE CAMPOS CHEFE DA DDF | CHEFE DO SGPI

MARIANO BELMINO

marco principal com 7000m, ponto final da direita entre a faixa e a segunda parte do Brzcuí: [illegible]

fls 146

NAIS CONVENCIONAIS

AREA ATINGIDA

PROCESSO E-06/16823/83

PROCURADORIA GERAL DO ESTADO

PROCURADORIA DO PATRIMÔNIO IMOBILIÁRIO

DIVISÃO DE PERÍCIAS E AVALIAÇÕES

LAUDO DE AVALIAÇÃO Nº 062/87

LOCAL: Área Indígena Guaraní - Bracuí - Angra dos Reis - RJ

CONSTITUIÇÃO: Terreno e benfeitoria

OBJETIVO DA AVALIAÇÃO: Fornecer à administração do Estado a base técnica necessária à fixação do justo valor do imóvel, para a sua aquisição por compra ou desapropriação.

PROJETO APROVADO: Decreto 9347 de 13/11/86.

I - DESCRIÇÃO DO IMÓVEL

ÁREA TOTAL

1) Do terreno:

1.1 - Características dimensionais: conforme demarcação efetuada pela FUNAI - Portaria 1.559/E, de 29/09/83.

NORTE: Partindo do Ponto " 1" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 53' 05,2" S e 44º 24' 09,2"W, situado no cruzamento da curva de nível de cota 300 com o Córrego sem denominação afluente da margem esquerda do Córrego Fundo; daí, a montante pelo citado córrego até sua cabeceira, no Ponto "2" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 52' 56,9" S e 44º 23' 14,1" W; daí, segue por uma linha reta até o Ponto "3" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 52' 45,4" S e 44º 22' 40,8" W, situado em uma das cabeceiras do Rio Florestão.

LESTE: Do ponto antes descrito, segue a jusante pelo citado rio até o Ponto "4" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 53' 20,0" S e 44º 22' 31,1" W, situado no cruzamento da curva de nível de co

do

ta 300; daí, segue pela citada curva de nível até o Ponto " 5 " de coordenadas geográficas aproximadas 22º 54' 06,6" S e 44º 22' 29,9" W; daí, segue por uma linha reta até o Ponto "6" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 54' 09,9"S e 44º 22' 28,1" W, situado na cabeceira do Córrego Embú; daí, segue a jusante pelo citado corrego até uma corredeira (cachoeira), no Ponto "7" de coordenadas geográficas estimadas 22º 54' 31,1" S e 44º 22' 45,6" W.

SUL: Do ponto antes descrito, segue por uma linha reta na direção noroeste até o Ponto "8" de coordenadas geográficas estimadas: 22º 54' 28,0" S e 44º 23' 20,7"W, situado em uma corredeira (cachoeira) no Córrego sem denominação.

OESTE: Do ponto antes descrito, segue a montante pelo citado córrego até o cruzamento com a curva de nível de cota 300, no Ponto "9" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 54' 08,5"S e 44º 23' 22,5"W; daí, segue na direção oeste pela citada curva de nível até o Ponto " 1", inicial do presente descritivo.

AREA APROXIMADA: 700 Ha

II - AVALIAÇÃO DO IMOVEL

2.1- As áreas e benfeitorias definidas estão de acordo com o levantamento da situação fundiária efetuada pela FUNAI, planta fls.385 e laudo de avaliação de Março 1.984, fls. 421 e 422.

OCUPANTE	AREA	BENFEITORIAS
1- Benedito Azeredo da Silva	4 ha	1.500 covas de bananas
2- Ma.Francisca A.da Silva	25 ha	5.000 covas de banana
3- Tomar Pereira	46 ha	2 casas c/ paredes de madeira com 26m^2

fls 144
129

.3.

OCUPANTE	AREA	BENFEITORIAS
3- Tomar Pereira (Cont).		1 casa c/ parede de alvenaria com 19m² represa em concreto com 58m² e 350 m de tubulação de PVC 4".
4-Esp. de José Telles da Cruz	179ha	sem benfeitorias
5-Nancy Guimarães de Carvalho	47ha	sem benfeitorias
6-Renato Agostina Xavier e outros	18ha	sem benfeitorias
7- Sonil	410ha	sem benfeitorias

OBS: Os dados existentes não permitem a perfeita discriminação dessas areas.

2.2 - Valor das areas de terreno:

As areas ficam situadas acima da cota + 100m, em grande sua totalidade acima de + 200m, com topografia acidentada, sendo assim, restrito o seu aproveitamento por ser reserva florestal.

O alqueire de grandes glebas próximas, com condições normais de aproveitamento, apresentam valor em torno de Cz$ 140.000,00 o que corresponde a:

48.000 m2 = 1 alqueire = 4,8 ha

valor do ha = $\frac{\text{Cz\$ } 140.000,00}{4,8}$ = Cz$ 29.200,00

Para a area em estudo, devido as condições locais e reais restrições de aproveitamento, devemos considerar um fator de ajuste K = 0,40, para as glebas de grandes dimensões. Teremos então, como valor medio do ha para as glebas de grandes dimensões, acima de 40 ha:

ha = Cz$ 29.200 x 0,40 = Cz$ 11.680,00

No caso de áreas menores, K= 060

ha = Cz$ 29.200 x 0,60 = Cz$ 17.520,00

Aplicando-se esse critério às áreas obtidas:

- Folha Suplementar de Oficio

OCUPANTE	AREA	VALOR UNITÁRIO (Cz$)	VALOR DA AREA (Cz$)
1-Benedito Azevedo da Silva	4 ha	17.520,00	Cz$ 70.080,00
2-Maria Francisca A.da Silva	25 ha	17.520,00	Cz$ 438.000,00
3-Tomar Pereira	46 ha	11.680,00	Cz$ 537.280,00
4-Esp.de José Telles da Cruz	179 ha	11.680,00	Cz$ 2.090.720,00
5-Nancy Guimarães de Carvalho	45 ha	11.680,00	Cz$ 525.600,00
6-Renato Agostine Xavier e outros	18 ha	17.520,00	Cz$ 315.360,00
7-Sonil	410 ha	11.680,00	Cz$ 4.788.800,00
			Cz$ 8.765.840,00

2.3- As benfeitorias existentes na área são construções de pequeno valor, em estado precário, e algumas plantações de bananas.

Podemos considerar tendo em vista o levantamento efetuado pela FUNAI e os preços atuais:

OCUPANTE	BENFEITORIAS	VALOR ESTIMADO (Cz$)
1-Benedito Azevedo da Silva	1.500 covas de banana Cz$ 30,00 por cova	450.000,00
2-Maria Francisca A.da Silva	5.000 covas de banana Cz$ 30,00 por cova	1.500.000,00
3-Tomar Pereira	2 casas de madeira; 1 de alvenaria.	260.000,00
	represa de concreto c/tubulação.	400.000,00
		660.000,00
	TOTAL	2.610.000,00

III - VALOR FINAL DE AVALIAÇÃO

OCUPANTE	TERRENO (Cz$)	BENFEITORIA (Cz$)	TOTAL (Cz$)
1-Benedito Azevedo da Silva	70.080,00	450.000,00	520.080,00 (994,436 OTN)
2-Ma.Francisca A.da Silva	438.000,00	1.500.000,00	1.938.000,00 (3.705,616OTN)
3- Tomar Pereira	537.280,00	660.000,00	1.197.280,00 (2.289,298OTN)
4-Esp.de José Telles Cruz	2.090.720,00	-	2.090.720,00 (3997,629OTN)
5-Nancy Guimarães de Carvalho	525.600,00	-	525.600,00 (1.004,990OTN)
6- Renato Agostine Xavier	315.360,00	-	315.360,00 (602,995 OTN)
7- Sauil	4.788.800,00	-	4.788.800,00 9156,580 OTN)
TOTAL:		Cz$	11.375.840,00 (21.751,544 OTN)

(ONZE MILHÕES E TREZENTOS E SETENTA E CINCO MIL E OITOCENTOS E QUARENTA CRUZADOS)

Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1.987.

Engº JOSÉ SCHIPPER -Mat. 131.485-5

Engº JOSÉ AUGUSTO C.R.PEREIRA-Mat.104033-6

5 - Folha Suplementar de Ofício

fls 152

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

No século XVI, os Guarani se encontravam numa vasta região que se estendia dos rios Paraguai, Uruguai e Paraná até o litoral do Rio Grande do Sul, daí para o norte até Cananéia no atual Estado de São Paulo.

Atualmente despersam-se pelos territórios argentino, paraguaio e brasileiro. Neste, ocupam áreas nos Estados do Mato Grosso do Sul, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No sul, habitam em geral áreas antigas constituídas em Postos Indígenas que dividem com os Kaingang.

Movidos pela busca da"Terra sem Mal" e pelo distanciamento dos Kaingang e do sistema vigente nos Postos Indígenas, os Guarani estabeleceram várias aldeias "independentes" principalmente no litoral paulista e fluminense.

O deslocamento dos Guarani para o litoral compõe um movimento ainda passível de ser reconstruido historicamente nos últimos 150 anos.

Há notícias de que os primeiros grupos a migrarem para o litoral partiram do Mato Grosso do Sul.

Segundo a antropóloga Lilia Valle, "os grupos que passaram a migrar para o costa leste no século XX parecem descender dos Guarani que viveram nas missões jesuíticas desativadas no século XVIII. Certas tradições orais, a existência de um herói mítico chamado "Kesuíta", e o uso que fazem do violão (afinado numa escala pentafônica) como o principal instrumento ritual assim o indicam. As migrações estão ligadas a uma dinâmica tribal. As maiores e mais famosas, lideradas por grandes profetas, foram desencadeadas pela crença na iminência do fim do mundo, e pela procura da"Terra Sem Mal", o paraíso mítico dos Guarani. As outras estão ligadas a processos que garantem a reprodução de certas sociedades tribais, tais como: cisão de aldeias, fuga de inimigos, etc.... É nesta última categoria, fuga de inimigos, que podemos enquadrar boa parte dos deslocamentos efetuados pelos Guarani do litoral.

Os inimigos costumam ser brancos, pessoas com as quais os Guarani têm problemas devido à posse de terra. Segundo uma velha sábia "A terra foi feita por deus para todo vivente", mas no Brasil tem dono. Por isso é necessário demarcar as áreas ocupadas pelos grupos tribais.

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

refugiar em outras aldeias ou se tornam errantes, trabalhando aqui e ali, até encontrar um novo lugar para ficar e viver a seu modo. Os lugares bons e seguros logo atraem outras famílias. Esses lugares, bem como todos os deslocamentos, são indicados ou confirmados ao xamã do gurpo por vias sobrenaturais. Quase todos os adultos Guarani são xamãs, mas poucos são os que têm muito poder.

Mesmo que orientados por uma outra concepção do mundo, de terra de propriedade, esses índios passam a se comportar e a serem tratados como colonos ou posseiros. Exceto pelas atividades ligadas à produção de artesanato indígena, os Guarani trabalham como os regionais mais pobres: pequena lavoura, exploração dos recursos da mata e empregos mais ou menos eventuais em fazendas, construções, etc... Muitas mulheres já trabalharam como empregada doméstica, ou almejam fazê-lo.

O grupo especializou-se na comercialização de um artesanato que reproduz ítens outrora utilitários no quotidiano Guarani, e assim se insere na sociedade de consumo. Parte da materia prima utilizada na fabricação desse artesanato é recolhida no mato, mas as tintas e a cola são compradas na cidade. Os arcos, flechas e chocalhos que vendem têm um grande valor simbólico, e são adquiridos como brinquedos ou objetos de decoração, muitas vezes com o intuito de "ajudar os índios". Nesse processo os Guarani afirmam a sua identidade e garantem a sua subsistência, desde que haja um mercado consumidor de supérfluos. As vendas são irregulares e costumam melhorar no verão, com o afluxo de turistas ao litoral.

No Estado do Rio os Guarani acabaram por se refugiar nas montanhas, nas matas da serra do Mar, onde suas condições de vida são muito precárias. Existem duas aldeias, localizadas a poucos quilômetros da BR 101 (Rio-Santos), onde os índios costumam vender artesanato nos fins de semana. Uma delas (aldeia Itatinga) fica perto de Bracuí, no município de Angra dos Reis, e a outra (Aldeia Araponga), fica perto de Patrimônio, no município de Parati." (Os Guarani do Rio de Janeiro e a Política Indigenista" - Atas da Câmara Municipal de Nitéroi 1º maio,87)

Recentemente, chegaram cerca de 150 Guarani à Aldeia de Bracuí oriundos da Ilha da Cotinga (Paraná) e motivados principalmente pelas péssimas condições e precariedade de recursos alí existentes.

fls154

MUSEU DO ÍNDIO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
MINISTÉRIO DO INTERIOR

OBJETIVO

Tendo em vista o Decreto Nº 9.347 de 13 de novembro de 1986 que desapropriou para fins de utilidade pública a área de 700 ha no Município de Angra dos Reis no Rio de Janeiro e o Convênio S/N firmado em 26 de agôsto de 1987 entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro na figura do Exmº. Sr. Governador Wellington Moreira Franco e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) através do seu presidente Sr. Romero Jucá Filho e o Instrumento de Retificação do Termo de Convênio na sua Cláusula Segunda assinado pelas partes em maio de 1988, consideramos a necessidade de implementar as ações concernetes ao assentamento da comunidade indígena Guarani do Bracuí.

Tais ações têm o caráter de implantar as condições básicas necessárias a sobrevivência da comunidade visando dotá-la de um sistema de infra-estrutura e assistência técnica que possibilite aos mesmos paulatinamente assumirem sua subsistência tendo em vista a futura auto-determinação.

Os levantamentos realizados junto à comunidade pelo Grupo de Trabalho formado por técnicos da Secretaria de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos, órgão implementador das ações fundiárias do Gov. do Estado do Rio de Janeiro e da FUNAI identificou as prioridades que expomos a seguir:

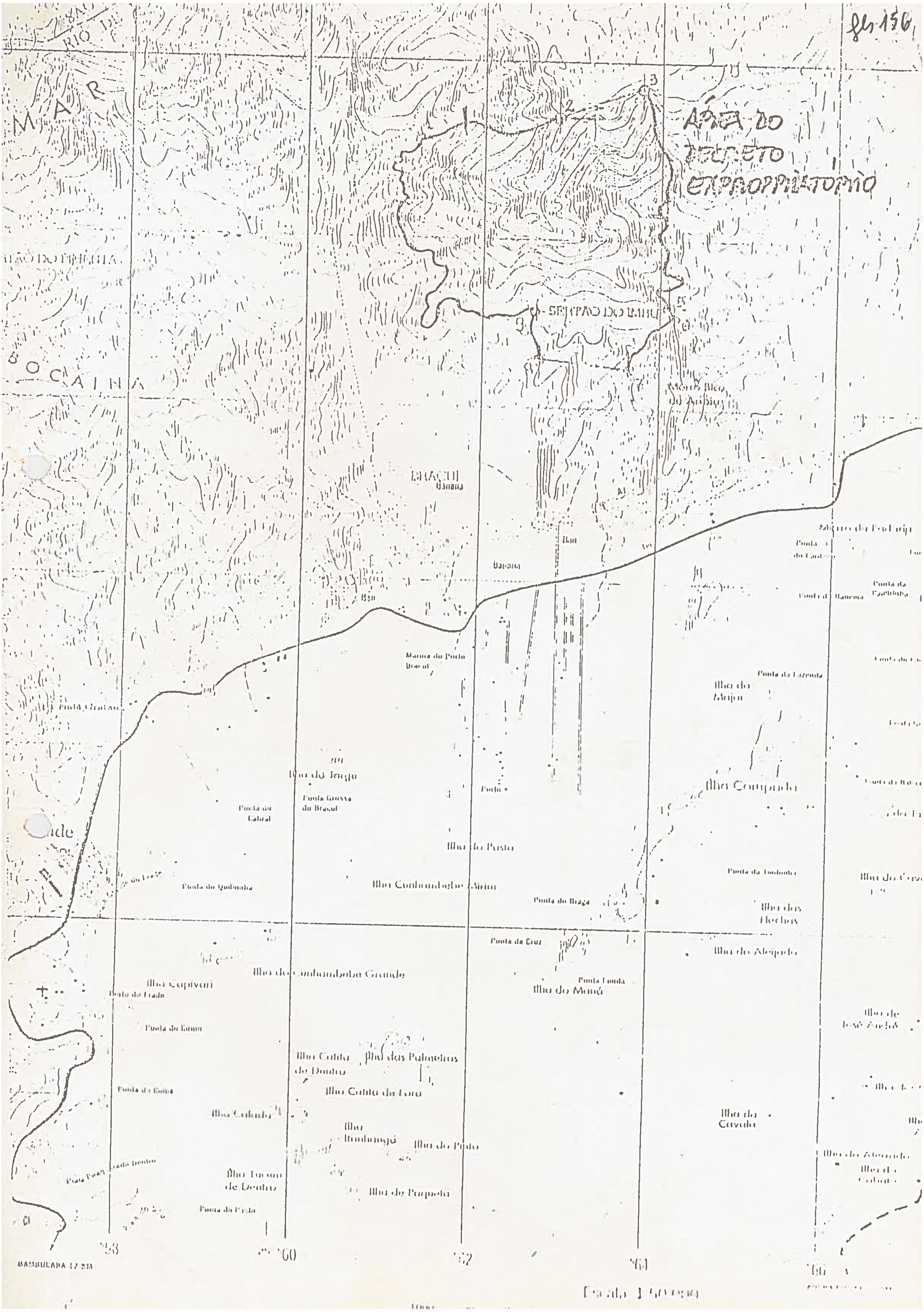
I. Fornecimento regular de dieta básica vinculada aos padrões alimentares tradicionais dos Guarani pelo período de 24 meses,

II. Implementação da lavoura de subsistência dos Guarani através do fornecimento de instrumentos de trabalho e sementes,

III. Construção e Implantação da Escola de 1º Grau (1º à 4º série) na Aldeia, obedecendo os padrões culturais da comunidade para atendimento da população infantil Guarani,

IV. Realização de reformas no ambulatório existente na Aldeia e dotação de infra-estrutura do mesmo.

fls 156



ÁREA DO DECRETO EXPROPRIATÓRIO
MAR
BOCAINA
SERTÃO DO IMBUÍ
Morro Bico do Arábia
BRACUÍ
Banana
Marina do Porto Bracuí
Ilha do Jorge
Ponta Grossa do Bracuí
Ponta do Cabral
Ilha do Pasto
Ilha Comprida
Ilha do Major
Ponta da Fazenda
Ponta do Quilombo
Ilha Cunhambebe Mirim
Ponta do Braga
Ilha das Flechas
Ponta da Cruz
Ilha do Algodão
Ilha do Cunhambebe Grande
Ilha do Mantá
Ilha Capivari
Ponta do Frade
Ponta do Jorge
Ilha Cotia de Dentro
Ilha das Palmeiras
Ilha Cotia de Fora
Ilha Caladeira
Ilha Itanhangá
Ilha do Pinto
Ilha de Paquetá
Ilha Tucum de Dentro
Ilha do Cavalo
Ilha de José Andrá
Ilha do Algodão
Ponta do Pasto
58
60
62
64
66
MAMBUCABA 17.531
Escala 1:50.000

fls 154

1100
1000
900
800
700
600
500
400
300
200
100
Banana
Faz. Covanca
SERTÃO
Mo. Bico da Arraia
Banana
BRACUI
Banana
Saco do Itanema
Ponta do Cardoso
Ponta da Caieirinha
Ponta do Itanema

fls 158

ano 1 nº2 março 1990

fls 159

DITO&FEITO seaf

Publicação da Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos
Governo do Estado do Ric de Janeiro

Angra dos Reis, RJ — Sérgio Moraes

Editorial:
Fundo de terras
traz esperança para
população de baixa renda
pág.2

Viagens de técnicos
da SEAF rendem frutos
pág.3

Festa em Vila de
Cava comemora pos
se da terra
pág.4

BRACUÍ:TERRA SEM MALES
pág.3

EDITORIAL

Fundo de Terras

No passado as decisões dos Governos Federais, Estaduais e Municipais, sempre foram centralizadoras, cumprindo uma política anti-democrática que trouxe conseqüências sociais desastrosas ao nosso país.

A SEAF, que tem procurado por todos os meios disponíveis na mecânica do Estado, agir em consonância com as entidades organizadas da Sociedade Civil e órgãos ligados às questões fundiárias, elaborou um ante-projeto de lei que cria o Fundo de Terras do Estado do Rio de Janeiro, tendo como objetivo tornar acessível à população de baixa renda o direito à propriedade da terra.

Na realidade, o Fundo de Terras servirá como uma linha de Crédito onde os recursos do Estado serão utilizados na obtenção de terras através de vários meios possíveis, como a desapropriação, usucapião, etc. Tais recursos serão devolvidos a longo prazo pelas comunidades beneficiadas de acordo com a renda de cada família.

Além de possibilitar a entrada da população mais pobre no "mercado imobiliário", que vem servindo exclusivamente aos interesses dos especuladores, o Fundo de Terras anunciará o fim das invasões e dos conflitos, pois os "sem terra", com seus próprios esforços e dentro das suas reais condições, poderão conseguir o seu chão. É o que todos nós desejamos.

FOLHETOS: METAS DE TRABALHO

A SEAF publicou em janeiro o primeiro FOLDER, contendo seu programa e metas, bem como a política fundiária adotada por ela.

As principais metas e programas são:

* a consolidação de 18 Assentamentos Rurais;

* a aquisição de terras para novos assentamentos;

* a titulação de 20.000 famílias urbanas e regularização fundiária.

Em breve serão editadas outras publicações do gênero.

LINHA DE PASSE

No dia 17 de março regressou ao Brasil o engenheiro GIOVANNI GUIDONE, que através de um convênio entre o Governo do Estado e o IAURIF (Instituto Responsável pelo Planejamento e Urbanização da Ilha de França) participou do curso de Análise e Interpretação de Imagens de Satélite - Técnica de Sensoriamento Remoto, em Paris. Esta técnica será utilizada para a identificação de terras ociosas, o que servirá de base para a criação de uma "LEI DE PRESERVAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS", visando uma melhor qualidade de vida das famílias.

Uma palestra explicando a técnica de Sensoriamento Remoto foi realizada no dia 29 de março e contou com a participação do representante do IAURIF, O geógrafo Iuli Nascimento.

BRACUÍ

fls 160

Guaranis: terras asseguradas

A demarcação dos 700 hectares dos 200 remanescentes da única nação indígena no Estado do Rio de Janeiro, foi concluída através de um convênio do Governo do Estado com a Funai. A ação judicial de desapropriação das terras tramita na 17ª Vara Federal, mas a posse da terra pelos Guaranis, está garantida, segundo o Secretário Vicente Loureiro que, no dia 14 de fevereiro, visitou a reserva no Sertão de Bracuí - Angra dos Reis - junto com o Governador Moreira Franco.

Na ocasião, o Governador prometeu levar ao conhecimento dos índios técnicas de irrigação e autorizou a instalação de um posto de venda de artesanato à beira da BR-101 (Rio-Santos), depois de percorrer a aldeia ao lado do cacique Veramirim - João da Silva , 76 anos.

De acordo com o Secretário Vicente Loureiro, o Governo do Estado já está providenciando também a demarcação das terras do núcleo Araponga, em Parati, onde vivem hoje cerca de 100 índios Guaranis.

NAVEGAR É PRECISO

Os técnicos da Secretaria, Paulo Cesar Gomes Soares, João Emereciano Braga Medeiros. mais alguns representantes dos Assentamentos administrados pela SEAF, visitaram o Hortão do Nasser no Espírito Santo, que é uma área da Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim, onde se desenvolveu de forma pioneira, os primeiros passos da Agricultura Ecológica.

Alguns produtores, que puderam ver de perto os resultados dessa experiência, já estão aplicando esses princípios no Estado do Rio de Janeiro. Eles estão convencidos de que plantar sem usar venenos, significa a busca de uma indepedência financeira do Assentado, que assim se livra dos altos preços dos adubos e defensivos, além de melhorar a qualidade dos alimentos, as condições do solo e baratear os custos da produção.

É importante saber que na implantação de um projeto como esse , não se obtém respostas imediatas , pois a matéria prima é a mãe natureza, e que é necessário uma persistência de jardineiro para se conseguir consolidar a Agricultura Ecológica no nosso Estado.

VITÓRIA EM VILA DE CAVA

As 46 famílias de lavradores da Fazenda São Bernardino, em Vila de Cava-Nova Iguaçu, realizaram no dia 10 de março um churrasco em comemoração à conquista da posse das terras pelo INCRA(Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

A festa contou com a presença do Vice-Governador ,Francisco Amaral e do Subsecretário de Assuntos Fundiários do Estado , Paulo Amaral, que prometeu entrar em contato com a LBA, a fim de pedir apoio para o Assentamento definitivo das famílias.

A posse da terra pelo INCRA não foi fácil. É o resultado da morte de dois lavradores, de duas viagens para Brasília, de uma vigília na sede do Mirad (ex-INCRA) e de muitos conflitos com a polícia e o dono da fazenda na época. Em maio de 86, época da ocupação, 160 famílias disputavam as terras, mas apenas 46 persistiram. Ganharam.

CADASTRAMENTO

A SEAF já concluiu o cadastramento sócio econômico de 51 famílias na comunidade Parque Bela Vista-Honório Gurgel- e de 108 famílias na comunidade Caminho do Job-Pavuna. O recadastramento das 34 famílias na Fazenda Normandia - Nova Iguaçu, também já foi finalizado.

DESPEJO NÃO RESOLVE

A SEAF, em 86 já evitou despejo de 7 comunidades em todo o Estado, beneficando 706 famílias em áreas urbanas e rurais.

PORTAS ABERTAS

A Assessória de Relacionamento Comunitário concedeu 20 audiências no mês de fevereiro. Foram atendidas 189 pessoas de 20 comunidades.

EXPEDIENTE

Secretário -Vicente de Paula Loureiro; **Subsecretário** - Paulo Amaral; **Subsecretário Adjunto** - Maurício de Andrade; **Chefe de Gabinete** - Antonio Neves; **Superintendente de Recursos e Ação Fundiária** - Márcia Borja; **Superintendente de Assentamentos Rurais** - Mara Ferreira; **Superintendente de Regularização Fundiária e Urbana**- Rui Veloso; **Assessor Especial de Relacionamento Comunitário** -Bráulio Rodrigues; **Diretor Geral de Administração** - Ivan Jacob.

Governo do Estado do Rio de Janeiro.
Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos.

EDITORES

Arturo Netto
Franklin Campos

COLABORADORES

Lígia Viegas
Victor Loureiro

REVISÃO

Eucanaã Ferraz

MONTAGEM

Lígia Viegas

NOVO ENDEREÇO: Av. Nilo Peçanha, 11 6º andar- RJ- TEL: 262-3340 / 240-0610 / 262-2800

JORNAL DO BRASIL
15/02/90 - Pág. 05

fls 161

Moreira visita guaranis

Estado garante posse da terra a índios de Angra

Angra dos Reis, RJ — Sérgio Moraes

As crianças falam guarani e aprendem português na escola

Os índios guaranis de Angra dos Reis conheceram ontem o governador Moreira Franco, que visitou a reserva no sertão de Bracuí. A demarcação das terras dos 200 remanescentes da única nação indígena no Estado do Rio está em fase de conclusão. O assentamento, em área de 700 hectares, é possível graças a convênio do governo estadual com a Funai. Ação judicial de desapropriação das terras tramita na 17ª Vara Federal, mas a posse pelos guaranis está garantida, segundo o secretário estadual de Assuntos Fundiários, Vicente Loureiro, que acompanhou o governador.

"Estamos integrando o índio a nossa cultura, mas criando instrumentos para preservar a cultura guarani", disse Moreira Franco, que percorreu a aldeia e plantações ao lado do cacique Veramirim, ou João da Silva, de 76 anos. O governador autorizou a instalação de posto à beira da BR-101 (Rio-Santos) para venda de artesanato pelos índios. Cestos, colares, arcos e flexas são sua fonte de renda, além do comércio de produtos agrícolas que cultivam, como mandioca, milho e feijão. Moreira prometeu levar ao conhecimento dos indígenas técnicas de irrigação.

Há 30 anos, a nação guarani era maior no estado. Há seis anos, a morte do antigo cacique, Argemiro, irmão do atual, afastou quase todos os índios. Restou apenas uma família em Bracuí, mas a vinda de Veramirim de Paranaguá (PR) incentivou a migração de outras famílias. O cacique conta que em Paranaguá a sobrevivência se tornara difícil, por falta de água e empobrecimento das culturas agrícolas. Os guaranis pediram ao governador a demarcação de suas terras em 1987, quando foi reeditado o decreto de desapropriação do ano anterior.

Através da Procuradoria Geral do Estado, o governo entrou com ação de desapropriação das terras na comarca de Angra dos Reis. A Justiça estadual concedeu imissão provisória de posse ao governo e o processo foi para uma Vara Federal. O secretário de Assuntos Fundiários explica que falta apenas a definição do conceito de "imemorialidade" das terras, previsto na Constituição, o que obrigará o estado e ou a Funai a pagar por benfeitorias às pessoas com títulos de propriedade. Caso seja definida "tradicionalidade", além de receberem pelas benfeitorias, elas terão de ser indenizadas.

O prefeito de Angra dos Reis, Nairobi Nagae, que também visitou os índios, disse que a reserva é ameaçada por instalação de haras pela empresa Mercantil Internacional no limite das terras indígenas. "Nós estamos deduzindo que isso pode acontecer e os índios estão sentindo no ar", disse ele. A indigenista Mariza Ricardo, que há oito anos convive com os guaranis, disse que as águas do córrego Imbu, que abastece a aldeia, poderão ficar comprometidas se forem utilizadas por cavalos.

Água encanada, lampião e rezas a Tupã

Os índios de Angra dos Reis preservam sua cultura, embora incorporem outros hábitos e influências. Na escola da aldeia, as crianças aprendem português e a escrever em guarani, língua que todas dominam. As rezas ao deus Tupã são comuns, em meio a cantorias em guarani, acompanhadas de baracá (chocalho) mas também de violão. Missionários católicos nem sempre são vistos com bons olhos. As pessoas deixaram de fazer festas, de dançar e de pintar o rosto como seus ancestrais, mas ainda batem o milho com pilão para fazer a farinha e o cauim (aguardente). O cultivo de abacaxi e cana é recente.

Bastam 20 minutos de caminhada para se chegar à estrada, onde passa ônibus para o centro de Angra, distante 8 quilômetros. Mesmo assim, algumas crianças se assustam com a chegada do helicóptero do governador, espetáculo que diverte os adultos. Os guaranis gostam de tomar banho de cachoeira e bebem água de nascente, devidamente encanada. Não têm luz elétrica, mas usam lampião a querosene. As moradias (ogás) são cabanas de barro e taquara, com teto de guaricanga (folha de uma espécie de palmeira). O pajé mora em Paraty e vai à aldeia de vez em quando. Se as ervas não curam todo tipo de doença, há a alternativa do posto médico da Funai. Os partos ainda são feitos de cócoras, mas com auxílio de parteiras da aldeia.

fls 162

O GLOBO
15/02/90 - Pág 19

Moreira cria primeira reserva indígena do Rio

Foto de Manoel Soares

Moreira cumprimenta uma menina da reserva guarani em Angra dos Reis

O Governador Moreira Franco visitou ontem, em companhia do Secretário estadual de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos, Vicente Loureiro, a reserva dos índios guaranis em Bracuy, Angra dos Reis. O Governo do Estado concluiu nos últimos dias o processo, iniciado em 1987, de demarcação dos 700 hectares da reserva, onde vivem atualmente 60 famílias.

— O núcleo vinha perdendo a sua capacidade de subsistência e agora tem 700 hectares para plantar e preservar seus hábitos e cultura — disse o Governador. Para facilitar o comércio de cestos produzidos índios, ele determinou ao Secretário Vicente Loureiro a construção de um ponto de venda às margens da BR-101.

Os guaranis chegaram há cerca de 30 ou 40 anos a Bracuhy, onde passaram a viver numa área doada verbalmente por um fazendeiro, que morreu há alguns anos. Os herdeiros do fazendeiro venderam as terras, que acabaram sendo invadidas por grileiros e posseiros no início dos anos 80. A comunidade indígena se sentiu ameçada e procurou a ajuda do Governo do Estado. O Governador Leonel Brizola, através de decreto, transformou então as terras em questão em área de utilidade pública, mas isso não garantia a demarcação da reserva. Assim, em 1987, os guaranis voltaram a pedir ajuda do Estado.

Como a demarcação de terras indígenas é de competência do Governo Federal, o Estado fez um convênio de Cooperação Técnica e Financeira com a Funai. Para ajuizamento da ação de desapropriação, a Funai repassou ao Estado os recursos (cerca de NCZ$ 30 mil em 1987) necessários à indenização pelas propriedades e benfeitorias. A ação de indenização tramita atualmente na 17ª Vara Federal.

De acordo com o Secretário Vicente Loureiro, o Governo do Estado já está providenciando também a demarcação das terras do núcleo Araponga, em Paraty, onde vivem hoje cerca de cem índios guaranis.

Em Bracuy, ervas e parto de cócoras

A reserva de Bracuy quase desapareceu do mapa de Angra dos Reis depois da morte, por atropelamento, do Cacique Argemiro da Silva, há cerca de seis anos. Ela renasceu há três anos com a chegada de mais de 300 guaranis que viviam em Paranaguá, no Paraná. O grupo, que é chefiado pelo Cacique Veramirim (João da Silva pelo registro civil), de 76 anos, migrou para o Rio em busca de terras para cultivo e criação e não pretende mais deixar as terras demarcadas.

— Estou satisfeito. Agora meu povo tem onde ficar em paz conforme queria meu irmão, o Cacique Argemiro — disse Veramirim, que tem nove filhos e vários netos morando na reserva.

Apesar de civilizados, os guaranis de Bracuy fazem questão de preservar sua cultura. Ainda utilizam remédios à base de ervas, acreditam no deus Tupã e em pajés, se comunicam no idioma guarani — embora muitos deles saibam falar português — e ainda fazem parto de cócoras. As festas são raras, a reserva não tem eletricidade e os índios cozinham com a ajuda de fogueiras. Todos se servem da água que foi encanada de uma nascente.

A vida da comunidade gira em torno das decisões do Cacique Veramirim. É ele quem promove os casamentos, aconselha os jovens e determina quais as lavouras que devem ser cultivadas. Atualmente os guaranis plantam mandioca, cana-de-açúcar, banana, batata doce, laranja, jabuticaba e abacaxi e criam abelhas, patos e galinhas. As plantações e as criações são de subsistência e os índios que não são aposentados pelo Funrural só conseguem ganhar dinheiro com a venda de artesanato.

Os guaranis moram em ocas, casas de bambus cobertas com folhas de palmeiras, sem divisão interna, medindo cerca de cinco metros quadrados e que abrigam pelo menos dez pessoas. Existem cerca de 30 ocas na reserva e é nelas que as mulheres passam os dias cuidando das crianças ou fazendo trabalhos de cestaria. Os homens raramente caçam ou pescam e vão à lavoura três vezes por semana. Quando não estão trabalhando fazem artesanato.

As crianças maiores de oito anos passam boa parte do dia na escola da reserva, onde aprendem a escrever guarani, falar português e contar com o professor Algemiro da Silva, filho do Cacique Veramirim. Eles deveriam estar em aulas desde o dia 5, mas a Funai ainda não madou material escolar para a reserva e por esse motivo a escola não reabriu.

fls 163

O GLOBO

15/02/90

Pág. 01

Guaranis já têm reserva demarcada em Angra

A demarcação dos 700 hectares da reserva indígena de Bracuí, em Angra dos Reis, onde vivem 60 famílias de índios guaranis, já foi concluída pelo Governo do Estado. Ao visitar a reserva ontem, o Governador Moreira Franco disse que agora os índios têm terra "para plantar e preservar seus hábitos e cultura". É a primeira reserva indígena demarcada no Estado.

O Governo estadual precisou assinar convênio com a Funai para garantir a área para os índios porque a demarcação de terras indígenas é de competência do Governo federal. Em Bracuí, os guaranis criam abelhas, plantam suas roças e fazem objetos de artesanato que brevemente passarão a vender às margens da Rio—Santos. **Página 19**

fls 164

JORNAL O DIA

PAG. 02 14/02/90

• Pioneiro

O Governador Moreira Franco será o responsável pelo primeiro assentamento rural indígena do País.

Hoje, às 10h30m, acompanhado do Secretário de Assuntos Fundiários, Vicente Loureiro, ele visitará a reserva dos índios Guaranis, em Bracuí, Angra dos Reis, para entregar títulos de propriedade de terras para os 300 índios que ocupam aquela região.

Ao todo serão 700 hectares de terra distribuídos por 4 fazendas.

fls 165

JORNAL DO BRASIL

16/02/90

Pág. 06

Moreira visita terra que será de Guaranis

Em visita ontem à comunidade indígena Guarani, localizada a oito quilômetros de Angra dos Reis, no Sertão de Bracuí, na Serra da Bocaina, o Governador Moreira Franco conheceu as plantações de milho, batata, cana e outros alimentos; aprendeu a fazer farinha de milho (chamada cauim pelos índios) e comeu banana tirada do pé. Suando muito por causa do forte calor, o Governador ganhou uma ventarola de palha, um dos objetos artesanais que os guaranis fabricam para vender em Angra dos Reis.

A visita durou pouco mais de uma hora e teve um motivo especial. Ele foi vistoriar de perto a demarcação dos 700 hectares que a Secretaria de Assuntos Fundiários está preparando para entregar definitivamente aos Guaranis, que vivem ali há cerca de 30 anos. As terras foram desapropriadas em novembro de 1986, pelo Governo Moreira Franco, através de um convênio firmado entre o Estado e a Funai, que repassará verba para o pagamento das indenizações.

A demarcação está quase concluída, mas o pagamento das indenizações depende da análise que a 17ª Vara Federal está fazendo sobre a questão levantada pela nova Constituição quanto aos conceitos de imemorialidade e tradicionalidade da terra. Se for considerada a imemorialidade, o Estado terá de pagar apenas as benfeitorias realizadas por alguns grileiros que tentaram expulsar os índios da área há vários anos e os gastos serão menores. Do contrário, o pagamento terá de levar em conta também o valor das terras.

xaram de fazer festas, de dançar e de espetáculo que diverte os adultos. Os com auxílio de parteiras da aldeia.

fls 166

A rui

gua

Os índios do Bracuí, como são conhecidos em Angra dos Reis. Vivem da venda de artezanatos na beira da Rio-S brancos.

Eles não usam cocares com penas de animais silvestres e raramente pintam o corpo com urucum ou frutas nativas. Falam a língua dos brancos mas preservam o guarani em suas reuniões públicas. Perderam suas terras no Sul e estão proibidos de dar entrevistas pela Fundação Nacional do Índio. Vivem da venda de objetos artezanais na beira da BR-101, no litoral de Angra dos Reis, e moram numa reserva do Instituto Brasileiro de Defesa Florestal, na Serra da Bocaina. São os índios da tribo Nhendeva, que vieram de Santa Catarina e não sabem para onde vão quando o progresso chegar mais próximo de seus barracos de pau-a-pique, forrados com sapé. São aproximadamente 200. Próximo deles estão localizadas as ruínas de Santa Rita do Bracuí, sede de uma próspera fazenda construída em 1830 - o mesmo destino a estigmatizar duas relíquias distintas.

Os índios nhendeva adotaram muitos hábitos dos brancos, como o gosto pelo cigarro e por cachaça, que se recusam a receber de qualquer um para não provocar a ira dos inspetores da Fundação Nacional do Índio, que patrulha a região onde estão instalados. Mas existem indícios de que o alcoolismo prospera no mesmo ritmo da decadência de suas tradições. A política indigenista foi incapaz de evitar que o contato com a civilização dos brancos acabasse por comprometer irreversivelmente uma cultura milenar que ainda não está antropologicamente decifrada. Os índios trocaram a nudez pelos jeans e seus arcos e flechas por tacos de sinuca. Aparício, por exemplo, é exímio praticamente deste esporte e frequenta as biroscas da Rio-Santos com suas jogadas de mestre.

DUAS AMEAÇAS

A reserva florestal da Serra da Bocaína é um santuário ecológico que está situado numa das regiões mais cobiçadas do Estado do Rio de Janeiro - Angra dos Reis, com sua privilegiada baía e 300 ilhas paradisíacas. Por isso não é provável que a especulação imobiliária deixe de lado os seus encantos. Já avançou muito com suas marinas, condomínios fechados e loteamentos. No quilômetro 114 da Rio-Santos fica a entrada para a região montanhosa onde está localizada a tribo nhendeva, de origem guarani. Os índios do Bracuí vivem quase que exclusivamente do artezanato que vendem na beira das estradas. Há 15 anos estão neste local, depois de percorrerem o interior de Santa Catarina e Minas Gerais.

Os caminhos da Serra da Bocaina foram abertos pelos índios nhendeva, que estão desmatando o local para plantar milho, mandioca e feijão. Receberam 20 quilos de sementes da FUNAI.

João, preocupado em abrir picadas na mata para conseguir madeira para as casas que pretende construir: "O moço da FUNAI proibiu reportagens aqui.

Não pode tirar retratos". Os nhendeva tem a altura média de 1,60 e muitas famílias estão morando sob abrigos de plástico. Para o plantio de milho receberam apenas 20 quilos de semente: "Já pensamos em criar porcos, mas eles comem muito".

Os nhendeva não caçam mais. Seus costumes foram violentamente estereotipados pelos brancos. Apenas a língua permanece sendo cultivada pela tribo. Adotam nomes portugueses: João, Antônio, José, Maria, todos sem sobrenome.

O cacique João explica que os nhendeva vieram de Santa Catarina: "Nós temos nomes guaranis mas só para quando estamo/ sozinhos".

Não cultivam o idioma nativo na frente de ninguém: "Quem vivia nestas terras eram os tamoios. Eles não existem mais".

Os primeiros índios que chegaram ao local, há mais ou menos 15 anos, foram desestimulados pelo atropelamento de um deles - a maioria voltou para o Sul do país e somente Aparício e sua família ficaram em Bracuí. Mas não conseguiram uma reserva melhor e retornaram com a proteção do professor Darcy Ribeiro: "Agora a gente quer o título de propriedade das terras".

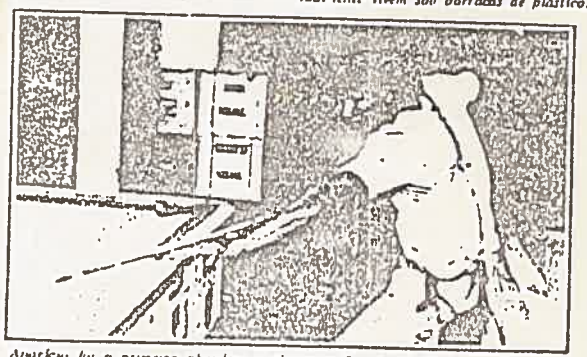
O QUE VAI SER DOS NHENDEVA?

As crianças aprendem primeiro a falar o guarani e, depois, o português porque os nhendeva não sabem ao certo a que civilização pertencem. Além disso, cercados por ricas mansões, pelo barulho da Rodovia Rio-Santos e pelas ameaças dos especuladores imobiliários, podem ser transferidos para outra reserva, mesmo porque a área onde estão localizados com suas choupanas pertence ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e não à Fundação Nacional do Índio. Não foram demarcadas até hoje como reserva indígenas. Em Angra dos Reis também está localizada as usinas nucleares da NUCLEBRAS, mostrando as pontas de duas civilizações distintas. Por isso os nhendeva podem ser surpreendidos, a qualquer momento, pela necessidade de uma nova migração.

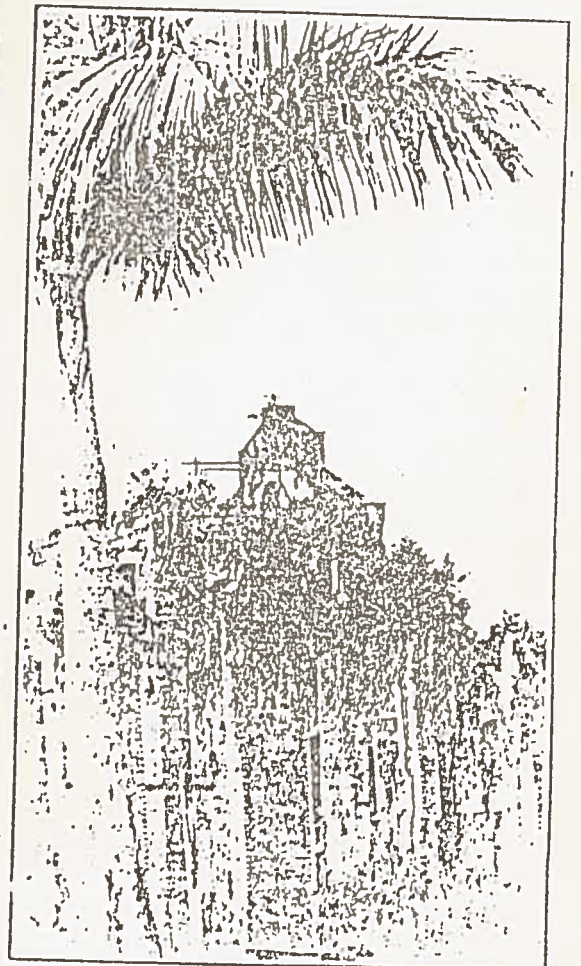
Não diferem muito de algumas tribos que vivem em

As índias são mães muito cedo. Gostam de ouvir os músicos o Roberto Carlos e dos programas a Xuxa.

O cacique João quer construir casas para os 200 índios nhendeva, que atualmente vivem sob barracas de plástico.



Aparício foi o primeiro nhendeva a chegar a Bracuí, há 15 anos, e hoje pode ser encontrado nos bares de Angra dos Reis, jogando sinuca.



As ruínas da sede da Fazenda de Santa Rita do Bracuí contrasta com a modernidade dos condomínios fechados, das marinas e das usinas nucleares.

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Processo N.º E28/000.486/91

Data 20/2/91 fls. 167

Rubrica

Excelentíssimo Senhor Governador,

Em atendimento ao disposto no inciso I do art. 5º do Decreto nº 5.808, de 13 de julho de 1982, encaminho para ciência prévia de Vossa Excelência o presente processo, referente ao tombamento provisório da Área Indígena Guarani-Bracuí, no município de Angra dos Reis, cuja delimitação geográfica encontra-se descrita na documentação anexa.

Em 28 de fevereiro de 1991

ASPÁSIA BRASILEIRO ALCÂNTARA DE CAMARGO
Secretária de Estado de Cultura

Ciênte. À Secretaria de Estado de Cultura.

Em 4 de março de 1991

W. MOREIRA FRANCO
Governador do Estado do Rio de Janeiro

Ao INEPAC, para as devidas providências.

Em 08 de março de 1991

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
PROTOCOLO
Entrada ☐ Saída ☐
Em 11/03/91

VERA L. BONOW BALTHAZAR DA SILVEIRA
Matr.: 1.121133-1

Publique-se e Registre-se SEC —

Em 05 / 03 / 91

THEREZA C. SOBRAL
SUBCHEFE PARA ASSUNTOS DE GOVERNO

REMETIDO O DESPACHO PARA PUBLICAÇÃO
Mcall 6-03-91
PARA OS DEVIDOS FINS. à Sec. de Estado de Cultura, de;

EM 5 / 03 / 91

JARDEL DIAS SODRÉ
Assessor
Mat 1026066-0
Casa Civil

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Processo N.º E28/000.486/91

Data 20/02/91 fls. 168

Rubrica

RIO DE JANEIRO • QUINTA-FEIRA
14 DE MARÇO DE 1991
ANO XVII • N.º 49 • PARTE I

73

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural notifica aos proprietários ou a quem interessar possa que fica determinado o Tombamento Provisório, nos termos do Inciso II, do Artigo 5º do Decreto nº. 5.808, de 13 de julho de 1982, da Área Indígena Guarani-Bracuí, no município de Angra dos Reis com a delimitação geográfica abaixo descrita:

- Área aproximada de 700 ha., localizada no Parque Nacional da Bocaina, a 1.300 m de altitude, no sentido Sudeste da nascente do Rio Bracuí.

NORTE: Partindo do Ponto "1" de coordenadas geográficas aproximadas 22º53'05,2"S e 44º24'09,2" W, situado no cruzamento da curva de nível de cota 300 com o Córrego sem denominação afluente da margem esquerda do Córrego Fundo; daí, a montante pelo citado córrego até sua cabeceira, no Ponto "2" de coordenadas geográficas aproximadas 22º52'56,9" S e 44º23'14,1" W; daí segue por uma linha reta até o pontó "3" de coordenadas geográficas aproximadas 22º52'45,4" S e 44º22'40,8" W, situado em uma das cabeceiras do Rio Florestão.

LESTE: Do ponto antes descrito a jusante pelo citado rio até o Ponto "4" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 53' 20,0" S e 44º 22' 31,1"W, situado no cruzamento da curva de nível de cota 300; daí, segue pela citada curva de nível até o Ponto "5" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 54' 06,6" S e 44º 22' 29,9" W; daí, segue por uma linha reta até o Ponto "6" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 54' 09,9" S e 44º 22' 28,1" W, situado na cabeceira do Córrego Embú; daí segue a jusante pelo citado córrego até uma corredeira (cachoeira), no Ponto "7" de coordenadas geográficas estimadas 22º 54' 31,1" S e 44º 22' 45,6" W.

SUL: Do ponto antes descrito, segue por uma linha reta na direção noroeste até o Ponto "8" de coordenadas geográficas estimadas 22º 54' 28,0" S e 44º 23' 20,7" W, situado em uma corredeira (cachoeira) no Córrego sem denominação.

OESTE: Do ponto antes descrito, segue a montante pelo citado córrego até o cruzamento com a curva de nível de cota 300, no Ponto "9" de coordenadas geográficas aproximadas 22º 54' 08,5" S e 44º 23'22,5" W; daí, segue na direção oeste pela citada curva de nível até o Ponto "1", inicial do presente descritivo. Proc. nº E-28/000486/91

fls 169

importân
cia histórica e cultural da Area Indígena Guarani-Bracuí, lo
calizada no Sertão Bracuí, no município de Angra dos Reis,
fica determinado o tombamento provisório nos termos do Decre
to nº 5.808 de 13 de julho de 1982, artigo 5º, inciso II, de
acordo com o Processo nº E-28/000 486/91, conforme publicação
no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro de 14.03.91
(cópia em anexo).

Rio de Janeiro, 11 de abril de 1991.

DINA LERNER
Diretora Geral

Ilm. Sr.
Dr. CANTIDIO GUERREIRO GUIMARÃES,
M.D. Presidente da Fundação Nacional do Índio - FUNAI.
Setor de Edifícios Públicos Sul - Quadra 702 - Bloco A -
Edifício LEX - 3º andar.
70 330 - Brasília - DF.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 179/91
entrada ☐ saída ☒ em 11/04/1991

/mis.

fls 170

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Do: INEPAC

Ao: Museu do Índio

Junto encaminho os processos e/ou os docu

Número do processo/Ano/Identificação

Notificação do t
da Área Indígen
Aldeia dos Reis.

13/04/91

os documentos acima mencionados:

__/_____/_____

portân
uí, lo
Reis,
Decre
II, de
licação
.03.91

(cópia em anexo).

Rio de Janeiro, 11 de abril de 1991.

DINA LERNER
Diretora Geral

Ilma. Sra.
MARTA GONTIJO,
M.D. Administradora do Museu do Índio.
Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo.
22 270 - Rio de Janeiro.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 179/91
entrada ☐ saída ☒ em 11/04/1991

mis.

fls 171

ICO ESTADUAL

TURA
MÔNIO CULTURAL

a V. Sa. que, dada a importân
Área Indígena Guarani-Bracuí, lo
no município de Angra dos Reis,
to provisório nos termos do Decre
de 1982, artigo 5º, inciso II, de
-28/000 486/91, conforme publicação
do Rio de Janeiro de 14.03.91

eiro, 11 de abril de 1991.

DINA LERNER
Diretora Geral

Exmo. Sr.
CARLOS ALBERTO CAÓ OLIVEIRA DOS SANTOS,
D.D. Secretário de Estado de Urbanização Habitação e Assentamentos Humanos.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMONIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 179/91
entrada ☐ saída ☒ em 11 / 04 / 1991

/mis.

fls 172

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

OFÍCIO Nº 144/INEPAC/91. Rio de Janeiro. 12 de abril de 1991.

Prezados Senhores,

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural tem a satisfação de comunicar a Vs. Sas. que, dada a importância histórica e cultural da Área Indígena Guarani-Bracuí, localizada no Sertão Bracuí, no município de Angra dos Reis, foi determinado o tombamento provisório nos termos do inciso II, art. 5º do Decreto nº 5.808 de 13 de julho de 1982 de acordo com o processo nº E-28/000 486/91 conforme publicação no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro de 14.03.91.

Na oportunidade apresentamos protestos de estima e consideração.

DINA LERNER
Diretora Geral

À Secretaria de Estado de Obras e Serviços Públicos.
Rua São Bento, 8 - 7º andar.
Centro - Rio de Janeiro - RJ.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMONIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 180/91
entrada ☐ saída ☐ em 12/04/1991

/mic

fls 173

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

OFÍCIO Nº 145/INEPAC/91. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1991.

Prezado Senhor,

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural tem a satisfação de comunicar a V. Sa. que, dada a importância histórica e cultural da Área Indígena Guarani-Bracuí, localizada no Sertão Bracuí, no município de Angra dos Reis, foi determinado o tombamento provisório nos termos do inciso II, art. 5º do Decreto nº 5.808 de 13 de julho de 1982 de acordo com o processo nº E-28/000 486/91 conforme publicação no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro de 14.03.91.

Na oportunidade apresentamos protestos de estima e consideração.

DINA LERNER
Diretora Geral

Ilmo. Sr.
Dr. SABINO BARROSO,
M.D. Diretor da 6a.DR/SPHAN.
Palácio Itamaraty
Centro - RJ.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 180/91
entrada ☐ saída ☐ em ___/___/91

fls 17

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

OFÍCIO Nº 146/INEPAC/91. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1991.

Prezada Senhora,

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural tem a satisfação de comunicar a V.Sa. que, dada a importância histórica e cultural da Área Indígena Guarani-Bracuí, localizada no Sertão Bracuí, no município de Angra dos Reis, foi determinado o tombamento provisório nos termos do inciso II, art. 5º do Decreto nº 5.808 de 13 de julho de 1982 de acordo com o processo nº E-28/000 486/91 conforme publicação no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro de 14.03.91.

Na oportunidade apresentamos protestos de estima e consideração.

DINA LERNER
Diretora Geral

Ilma. Sra.
Dra. Sista dos Santos,
M.D. Assessora Jurídica da SPHAN.
Rua da Imprensa, 16 - sala 809.
20 030 - Centro - RJ.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMONIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 180/91
entrada ☐ saída ☒ em 12/04/1991

/mis.

fls 175

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

OFÍCIO Nº 147/INEPAC/91. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1991.

Prezados Senhores,

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural tem a satisfação de comunicar a Vs. Sas. que, dada a importância histórica e cultural da Área Indígena Guarani-Bracuí, localizada no Sertão Bracuí, no município de Angra dos Reis, foi determinado o tombamento provisório nos termos do inciso II, art. 5º do Decreto nº 5.808 de 13 de julho de 1982 de acordo com o processo nº E-28/000 486/91 conforme publicação no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro de 14.03.91.

Na oportunidade apresentamos protestos de estima e consideração.

DINA LERNER
Diretora Geral

À
Equipe de Proteção do Meio Ambiente e Patrimônio Comunitário.
Av. Nilo Peçanha, 12 - salas 308 e 309.
Rio de Janeiro - RJ.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMONIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 180/91
entrada ☐ saída ☒ em 12 04 1991

/mis.

fls 176

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

OFÍCIO Nº148/INEPAC/91. Rio de Janeiro. 12 de abril de 1991.

Senhor Presidente,

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural tem a satisfação de comunicar a V. Exa. que, dada a importância histórica e cultural da Área Indígena Guarani-Bracuí, localizada no Sertão Bracuí, no município de Angra dos Reis, foi determinado o tombamento provisório nos termos do inciso II, art. 5º do Decreto nº 5.808 de 13 de julho de 1982 de acordo com o processo nº E-28/000 486/91 conforme publicação no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro de 14.03.91.

Na oportunidade apresentamos protestos de estima e consideração.

DINA LERNER
Diretora Geral

Exmo. Sr.
Orlando Sepulveda,
D.D. Presidente da Câmara do município de Angra dos Reis.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 180/91
entrada ☐ saída ☒ em 12/04/1991

/mis.

fls 177

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

OFÍCIO Nº 149/INEPAC/91. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1991.

Prezado Senhor,

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural tem a satisfação de comunicar a V. Exa. que, dada a importância histórica e cultural da Área Indígena Guarani-Bracuí, localizada no Sertão Bracuí, no município de Angra dos Reis, foi determinado o tombamento provisório nos termos do inciso II, art. 5º do Decreto nº 5.808 de 13 de julho de 1982 de acordo com o processo nº E-28/000 486/91 conforme publicação no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro de 14.03.91.

Na oportunidade apresentamos protestos de estima e consideração.

DINA LERNER
Diretora Geral

Exmo. Sr.
Neirobis Kazuo Nagae,
D.D. Prefeito de Angra dos Reis.
Praça Nilo Peçanha, 186.
23 900 - Angra dos Reis - RJ.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 180/91
entrada ☐ saída ☒ em 12 04 91

/mis.

fls 178

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

OFÍCIO Nº 150/INEPAC/91. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1991.

Senhor Secretário,

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural tem a satisfação de comunicar a V. Exa. que, dada a importância histórica e cultural da Área Indígena Guarani-Bracuí, localizada no Sertão Bracuí, no município de Angra dos Reis, foi determinado o tombamento provisório nos termos do inciso II, art. 5º do Decreto nº 5.808 de 13 de julho de 1982 de acordo com o processo nº E-28/000 486/91 conforme publicação no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro de 14.05.91.

Na oportunidade apresentamos protestos de estima e consideração.

DINA LERNER
Diretora Geral

Exmo. Sr. Secretário de Obras e Serviços Públicos de Angra dos Reis.
Rua da Conceição, 165 - Centro.
Angra dos Reis - RJ.
23 900.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMONIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 180/91
entrada ☐ saida ☒ em 12/04/1991

/mis.

fls 179

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

OFÍCIO Nº 151/INEPAC/91. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1991.

Senhor Secretário,

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural tem a satisfação de comunicar a V.Exa. que, dada a importância histórica e cultural da Área Indígena Guarani-Bracuí, localizada no Sertão Bracuí, no município de Angra dos Reis, foi determinado o tombamento provisório nos termos do inciso II, art. 5º do Decreto nº 5.808 de 15 de julho de 1982 de acordo com o processo nº E-28/000 486/91 conforme publicação no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro de 14.03.91.

Na oportunidade apresentamos protestos de estima e consideração.

DINA LERNER
Diretora Geral

Exmo. Sr.
Secretário de Cultura do município de ANGRA DOS REIS.

nº 180/91
12 04 91

/mis.

fls 180

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

OFÍCIO Nº 152/INEPAC/91. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1991.

Senhor Secretário,

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural tem a satisfação de comunicar a V. Exa. que, dada a importância histórica e cultural da Área Indígena Guarani-Bracuí, localizada no Sertão Bracuí, no município de Angra dos Reis, foi determinado o tombamento provisório nos termos do inciso II, art. 5º do Decreto nº 5.808 de 13 de julho de 1982 de acordo com o processo nº E-28/000 486/91 conforme publicação no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro de 14.03.91.

Na oportunidade apresentamos protestos de estima e consideração.

DINA LERNER
Diretora Geral

Exmo. Sr.
Secretário de Planejamento do município de ANGRA DOS REIS.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 180/91
entrada ☐ saída ☒ em 12/04/1991

/mis.

fls 181

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

OFÍCIO Nº 153/INEPAC/91 Rio de Janeiro, 12 de abril de 1991.

Senhor Secretário,

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural tem a satisfação de comunicar a V.Exa. que, dada a importância histórica e cultural da Área Indígena Guarani-Bracuí, localizada no Sertão Bracuí, no município de Angra dos Reis, foi determinado o tombamento provisório nos termos do inciso II, art.5º do Decreto nº 5.808 de 13 de julho de 1982 de acordo com o processo nº E-28/000 486/91 conforme publicação no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro de 14.03.91.

Na oportunidade apresentamos protestos de estima e consideração.

DINA LERNER
Diretora Geral

Exmo. Sr.
ROBERTO FERRARETTO D'AVILA,
D.D. Secretário de Estado do Meio Ambiente e Projetos Especiais.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL
PROTOCOLO nº 180/91
entrada ☐ saída ☒ em 12 04 1991

/mis.

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Processo N.º E-28/ 000 486 / 91

Data 20 / 02/ 91 fls. 182

Rubrica

Ao Conselho Estadual de Tombamento, com as providências tomadas pelo INEPAC, das fls. 168 às 181.

Em 22 de abril de 1991.

MARIELISA IMPERIAL SILVA
Assistente - DAS-6
115.898.9

Processo E-28/000.486/91
Data: 20/02/91
Fls: 183

MVBM - Mat 117834

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
GOVERNADOR - ENGENHEIRO LEONEL DE MOURA BRIZOLA
SECRETARIA ESTADUAL DE CULTURA
TITULAR - PROFESSOR DR. EDMUNDO MONIZ
CONSELHO ESTADUAL DE TOMBAMENTO
PRESIDENTE - PROFESSOR DR. JUAREZ LINS DE ALBUQUERQUE

Parecer e Voto do representante do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Marcello Moreira de Ipanema, no processo número E-28/000.486/91, relativo ao tombamento definitivo da Reserva Indígena dos Guaranis, em Bracuí, município de Angra dos Reis.

Este Parecer será constituído das partes:

1 - Informação do processo
2 - Conhecimento do caso
3 - Voto
4 - Área de ambiência

1 - Informação do processo

1.1 - Folha 1 - capa
1.2 - Folhas 2 e 3 - Ofício do Secretário de Estado de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos, à diretora do INEPAC
1.3 - Folhas 4 e 5 - Ofício da diretora INEPAC à Secretaria de Educação e Cultura
1.4 - Folhas 6 a 166 - Documentos em cópias xerox, fornecidos pelo Museu do Índio
1.5 - Folhas 167 - Ofício Sec. Est. de Cultura ao Governador W. Moreira Franco, com seu ciente
1.6 - Folha 168 - Recorte do D.O.E., de 14.03.91, p. 73, "a quem interessar possa", informando sobre o tombamento provisório
1.7 - Folha 169 - Notificação ao Presidente da FUNAI, com dois comprovantes do correio
1.8 - Folha 170 - Idem à administradora do Museu do Índio, com o comprovante
1.9 - Folha 171 - Idem ao Sec. Est. de Urbanização, Habitação e Assentamentos com o comprovante
1.10- Folha 172 - Idem a Sec. Est. de O. e Serviços Públicos
1.11- Folha 173 - Idem ao Diretor da 6ª DR/SPHAN
1.12- Folha 174 - Idem à Assessora Jurídica da SPHAN

Processo E-18/000.486/91
Data: 20/02/91
Fls: 184
2
Mas. 117.834

1.13 - Folha 175 - Idem à Equipe de Proteção do Meio Ambiente e Patrimônio Comunitário
1.14 - Folha 176 - Idem ao Presidente da Câmara do Município de Angra dos Reis
1.15 - Folha 177 - Idem ao Prefeito de Angra dos Reis
1.16 - Folha 178 - Idem ao Sec. de O. e S. Públicos de Angra dos Reis
1.17 - Folha 179 - Idem ao Sec. de Cultura de Angra dos Reis
1.18 - Folha 180 - Idem ao Sec. de Planejamento do M. de Angra dos Reis
1.19 - Folha 181 - Idem ao Sec. de E. de Meio Ambiente e Projetos Especiais
1.20 - Folha 182 - Encaminhamento ao Conselho Est. de Tombamento

2 - Conhecimento do caso

O caso da demarcação da área indígena de Bracuí foi noticiado pelos veículos de comunicação e deve ter sido do agrado de quantos o conheceram.

A permanência da cultura indígena, de há muito, devia constituir dever indeclinável da sociedade e do Estado.

Preservar a Reserva Indígena dos Guaranis, de Bracuí, para mim é fato honroso e, como representante do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, instituição que objetiva também resguardar a cultura indígena, toca-me como privilégio e raro.

3 - Voto

Voto pelo tombamento definitivo da Reserva Indígena dos Guaranis, em Bracuí, município de Angra dos Reis.

4 - Área de Ambiência

Concordo em que a área de ambiência seja a da Reserva, conforme a documentação dos órgãos próprios do Estado.

Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1991

Marcello Moreira de Ipanema
Representante do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Processo N.º E-28 / 000.486 / 91

Data 20 / 02 / 91 fls. 185

Rubrica MVBM-MAT.117.834

Senhor Secretario

Nos termos do inciso IV do artigo 5º do Decreto nº 5.808, de 13.07.82, encaminho a Vossa Excelência o parecer deste Conselho aprovado, por unanimidade, na 298a. Sessão Plenária, realizada em 12 de novembro de 1991, que conclui

- Opina, favoravelmente, conforme relatório de fls. 183 e 184, pelo tombamento definitivo da Reserva Indígena dos Guaranys, em Bracuhy, Município de Angra dos Reis.

-Também opina, favoravelmente, quanto à proteção da respectiva ambiência, na mesma sessão plenária, identificando como bem tutelado a área da"Reserva, conforme a documentação dos órgãos próprios do Estado".(fls. 184 do presente processo).

Rio de Janeiro, em 21 de novembro de 1991

JUAREZ LINS DE ALBUQUERQUE
PRESIDENTE DO CONSELHO ESTADUAL DE TOMBAMENTO

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Processo N.º E-28 / 000.486 / 91

Data 20 / 02 / 91 fls. 186

Rubrica MVBM-MAT.117.834

Excelentíssimo Senhor Governador

Atendendo ao disposto no inciso V do artigo 5º, do Decreto nº 5.808, de 13.07.82, submeto a Vossa Excelência o tombamento definitivo da Reserva Indígena dos Guaranys, em Bracuhy, Município de Angra dos Reis.

Em

EDMUNDO FERRÃO MONIZ DE ARAGÃO
SECRETARIO DE ESTADO DE CULTURA

Autorizo. Ao Secretario de Estado de Cultura

Em

LEONEL DE MOURA BRIZOLA
GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Ao INEPAC, para as devidas providências.

Processo E-18/000.486/91
Data: 20/02/91
Fls: 184